

O ZARCO

Ignacio Manuel Altamirano

Tradução Literunico



O Zarco

Ignacio Manuel Altamirano

Tradução Literunico - português-BR literário

Capítulo I - Yautepec

Yautepec é uma povoação de terra quente, cujo casario se esconde num bosque de verdura.

De longe, quer se chegue de Cuernavaca pelo caminho quebrado das Tetillas, que serpenteia entre duas colinas rochosas cuja forma lhes deu o nome, quer se desça da fria e íngreme serra de Tepoztlán, pelo lado norte, ou se aviste a povoação pela vereda plana que vem do vale de Amilpas pelo oriente, atravessando as ricas e belas fazendas de cana de Cocoyoc, Calderón, Casasano e San Carlos, sempre se contempla Yautepec como um imenso bosque, de onde mal sobressaem as torrezinhas de sua igreja paroquial.

De perto, Yautepec apresenta um aspecto original e pitoresco. É um povoado metade oriental, metade americano. Oriental, porque as árvores que formam esse bosque de que falamos são laranjeiras e limoeiros, grandes, frondosos, sempre carregados de frutos e de flores de laranjeira que embalsamam a atmosfera com seus aromas embriagadores. Laranjeiras e limoeiros por toda parte, numa profusão extraordinária.

Dir-se-ia que ali essas árvores são produto espontâneo da terra, tal é a exuberância com que se dão, agrupando-se, estorvando-se, formando ásperas e sombrias abóbadas nas hortas grandes ou pequenas que todos os vizinhos cultivam, e roçando, com seus ramos de um verde brilhante e escuro, carregados de pomos de ouro, os beirais de telha ou de palha das casas. Mignon não estranharia sua pátria em Yautepec, onde as laranjeiras e os limoeiros florescem em todas as estações.

É verdade que esse conjunto oriental se modifica em parte pela mistura de outras plantas americanas, pois as bananeiras

costumam mostrar ali seus troncos esbeltos e suas folhas largas, e os mamezeyros e outras sapotáceas erguem suas copas altivas sobre os bosquetes; mas as laranjeiras e os limoeiros dominam pela abundância. Em 1854, quando Yautepec ainda pertencia ao Estado do México, fez-se uma contagem dessas árvores na povoação, e verificou-se que havia mais de quinhentas mil.

Hoje, passados vinte anos, é natural que se tenham duplicado e triplicado. Os vizinhos vivem quase exclusivamente do produto dessas preciosas fruteiras; e, antes que existisse a ferrovia de Veracruz, eram eles os únicos fornecedores de laranjas e limões para a Cidade do México.

No mais, o aspecto do povoado se assemelha ao de todos os das terras quentes da República. Algumas casas de terraço, pintadas de cores gritantes; a maioria, de telhados escuros e salpicados pelas manchas acobreadas da umidade; muitas, muitíssimas, de palha ou de palmeiras da terra fria; todas amplas, cercadas por muros de adobe, por árvores ou por pedras; alegres, abundantemente providas de água, nadando em flores e cômodas, embora sem nenhum refinamento moderno.

Um rio aprazível, de linfas transparentes e serenas, impetuoso apenas nas enchentes do tempo das chuvas, divide o povoado e o bosque, atravessando a praça, lambendo docemente aqueles vergéis e deixando que suas águas sejam roubadas por numerosos apantles, canais de irrigação que as dispersam em todas as direções. Esse rio é, verdadeiramente, o deus fecundador da comarca e o pai dos doces frutos que nos refrescam durante os calores do estio, e que alegam as festas populares no México durante todo o ano.

A população é boa, tranquila, laboriosa, amante da paz, franca, simples e hospitaleira. Cercada por magníficas fazendas de

cana-de-açúcar, mantém ativo comércio com elas, assim como com Cuernavaca e Morelos; é o centro de numerosos povoados indígenas situados na encosta meridional da cordilheira que separa a terra quente do vale do México, e também se liga à metrópole da República por causa dos produtos das imensas hortas de que falamos.

No político e no administrativo, Yautepec, desde o tempo em que pertencia ao Estado do México, foi-se elevando de uma categoria subalterna e dependente de Cuernavaca até se tornar cabeça de distrito, caráter que ainda conserva. Não tomou parte ativa nas guerras civis e foi, na maior parte das vezes, vítima delas, embora tenha sabido recompor-se de seus desastres, graças a seus recursos inesgotáveis e a sua laboriosidade.

O rio e as árvores frutíferas são seu tesouro; por isso os facciosos, os partidários e os bandidos puderam frequentemente arrebatá-lhe os rendimentos, mas não conseguiram diminuir nem destruir seu capital.

Toda a população fala espanhol, pois se compõe de raças mestiças. Os indígenas puros desapareceram ali completamente.

Capítulo II - O terror

Mal acabava de se pôr o sol, num dia de agosto de 1861, e já o povoado de Yautepec parecia envolto nas sombras da noite. Tal era o silêncio que reinava ali.

Os vizinhos, que regularmente, nessas belas horas da tarde, depois de concluir suas tarefas diárias, costumavam sair para respirar o ar fresco das ruas, ou tomar banho nas poças e remansos do rio, ou passear pela praça e pelas hortas em busca de descanso, naquele dia não se atreviam a cruzar os umbrais de suas casas. Pelo contrário: antes que soasse, no campanário da paróquia, o toque de oração, faziam suas provisões às pressas e se encerravam em casa, como se houvesse uma epidemia, estremecendo de terror a cada ruído que ouviam.

É que, naquelas horas, naquele tempo calamitoso, começava para os povoados em que não havia uma guarnição forte o perigo de um assalto de bandidos, com os horrores consequentes de matança, raptos, incêndio e extermínio. Os bandidos da terra quente eram, sobretudo, cruéis. Por horrenda e desnecessária que fosse uma crueldade, cometiam-na por instinto, por brutalidade, pelo simples desejo de aumentar o terror entre as pessoas e divertir-se com ele.

O caráter daqueles Plateados — tal era o nome que se dava aos bandidos daquela época — foi coisa extraordinária e excepcional, uma explosão de vício, crueldade e infâmia que jamais se vira no México.

Assim, pois, a vizinhança de Yautepec, como a de todas as povoações da terra quente, vivia naquele tempo sempre assustada, tomando durante o dia a precaução de colocar vigias nas torres das igrejas, para que dessem aviso oportuno da chegada de algum

bando de salteadores, a fim de se defenderem na praça, em alguma altura, ou de se entrincheirarem em suas casas.

Mas, durante a noite, essa precaução era inútil, como também o era postar escutas ou avançadas nos arredores da povoação; pois seria necessário ocupar nisso numerosos vizinhos desarmados que, além do risco de serem surpreendidos, eram insuficientes para vigiar os muitos caminhos e veredas que conduziam ao povoado e que os bandidos conheciam perfeitamente.

Além disso, é preciso advertir que os Plateados contavam sempre com muitos cúmplices e emissários dentro das povoações e das fazendas; e que as pobres autoridades, acovardadas pela falta de meios de defesa, se viam obrigadas, quando chegava a ocasião, a entrar em transações com eles, contentando-se em se esconder ou fugir para salvar a vida.

Os bandidos, envalentonados por essa situação, confiantes na dificuldade que tinha o governo para persegui-los, ocupado como estava em combater a guerra civil, haviam-se organizado em grandes bandos de cem, duzentos e até quinhentos homens; e assim percorriam impunemente toda a comarca, vivendo à custa do país, impondo pesadas contribuições às fazendas e aos povoados, estabelecendo por conta própria pedágios nos caminhos e praticando todos os dias o plágio, isto é, o sequestro de pessoas, que só soltavam mediante forte resgate.

Esse crime, que mais de uma vez semeou o terror no México, foi introduzido em nosso país pelo espanhol Cobos, chefe clerical de pavorosa nomeada, que afinal pagou suas malfeitorias no suplício.

Às vezes, os Plateados estabeleciam um centro de operações, uma espécie de quartel-general, de onde um ou vários chefes ordenavam os assaltos e os sequestros, e dirigiam cartas aos fazendeiros e aos vizinhos abastados pedindo dinheiro — cartas

que era preciso atender sob pena de perder a vida sem remédio. Ali também costumavam ter os esconderijos em que encerravam os sequestrados, submetendo-os aos mais cruéis tormentos.

Pelo tempo de que falamos, esse quartel-general de bandidos se achava em Xochimancas, fazenda antiga e arruinada, não longe de Yautepec e situada de modo conveniente para evitar uma surpresa.

Semelhante vizinhança fazia com que os povoados e fazendas do distrito de Yautepec se encontrassem, naquela época, sob a pressão de um terror constante.

Desse modo se explica o silêncio lúgubre que reinava em Yautepec naquela tarde de um dia de agosto, quando tudo incitava ao movimento e à sociabilidade, pois não havia chovido, como sucedia com frequência nesse tempo das águas, nem o céu apresentava qualquer aspecto ameaçador.

Ao contrário, a atmosfera estava limpa e serena; lá nos picos da serra de Tepoztlán, agrupavam-se algumas nuvens ainda tingidas por reflexos violáceos; mais além dos extensos canaviais que começavam a escurecer, e das massas sombrias de verdura e pedra que assinalavam as fazendas, sobre as ondulações distantes das montanhas, começava a aparecer tênue e vaga a luz da lua, que estava cheia.

Capítulo III - As duas amigas

No pátio interior de uma casinha pobre, mas de aparência graciosa, situada nos arredores da povoação e à beira do rio, com sua respectiva horta de laranjeiras, limoeiros e bananais, encontrava-se tomando fresco uma família composta de uma senhora de idade e duas jovens muito formosas, embora de fisionomia diversa.

Uma delas, de cerca de vinte anos, branca, com essa brancura um pouco pálida das terras quentes, olhos escuros e vivos e boca encarnada e risonha, tinha algo de soberbo e desdenhoso que lhe vinha, sem dúvida, do corte ligeiramente aquilino do nariz, do movimento frequente de suas sobranceiras aveludadas, do porte erguido de seu pescoço robusto e belíssimo, ou de seu sorriso mais zombeteiro que benévolo.

Estava sentada num banco rústico e muito entretida em enredar nas negras e sedosas meadas de seus cabelos uma grinalda de rosas brancas e calêndulas vermelhas.

Dir-se-ia que era uma aristocrata disfarçada e oculta naquele pomar da terra quente. Marta ou Nancy fugindo da corte para ter uma entrevista com o namorado. A outra jovem teria dezoito anos; era morena, com esse tom suave e delicado das crioulas que se afastam do tipo espanhol sem se confundir com o indígena, e que revela a filha humilde do povo.

Mas em seus olhos grandes, também escuros, em sua boca, que desenhava um sorriso triste sempre que a companheira dizia alguma frase zombeteira, em seu pescoço inclinado, em seu corpo frágil, que parecia enfermizo, e no conjunto inteiro de seu aspecto, havia tamanha melancolia que logo se podia compreender que aquela menina tinha um caráter diametralmente oposto ao da outra.

Esta também colocava lentamente, e como sem vontade, em suas tranças negras, uma grinalda de flores de laranjeira, apenas de flores de laranjeira, que se comprazera em cortar entre as mais belas das laranjeiras e dos limoeiros; por causa dessa operação, ferira as mãos, o que lhe atraía as zombarias da amiga.

— Olhe, mamãe — disse a jovem branca, dirigindo-se à senhora mais velha, que costurava sentada numa pequena cadeira de palha, um pouco afastada do banco rústico —, olhe essa tola, que não acaba de pôr as flores a tarde inteira; já machucou as mãos por teimar em cortar apenas as flores de laranjeira frescas e mais altas, e agora não consegue colocá-las nas tranças... E é porque, a todo custo, quer se casar, e logo.

— Eu? — perguntou a morena, erguendo timidamente os olhos, como envergonhada.

— Sim, você — replicou a outra —, não disfarce; você sonha com casamento; não faz outra coisa senão falar disso o dia inteiro, e por isso escolhe de preferência as flores de laranjeira. Eu, não; eu ainda não penso em casar, e me contento com as flores de que mais gosto. Além disso, com coroa de flores de laranjeira, parece que a gente vai se vestir de morta. Assim enterram as donzelas.

— Pois talvez assim me enterrem — disse a morena —, e por isso prefiro estes enfeites.

— Oh, meninas, não falem dessas coisas — exclamou a senhora, em tom de repreensão. — Estando os tempos como estão, vocês falando de coisas tristes, é de aborrecer. Você, Manuela — disse, dirigindo-se à jovem altiva —, deixe Pilar colocar as flores que mais lhe convierem, e ponha você as que lhe agradam. Afinal, as duas ficam bonitas com elas... e como ninguém as vê — acrescentou, soltando um suspiro.

— Essa é que é a pena! — disse Manuela, com expressivo acento. — Essa é que é a pena — repetiu —, porque, se pudéssemos ir a um baile, ou ao menos aparecer à janela... aí veríamos...

— Bonitos estão os tempos — exclamou amargamente a senhora —, lindos para andar em bailes ou aparecer às janelas. Para que queríamos mais festa? Jesus nos ampare! Já temos trabalho bastante para viver escondidas e sem que os malditos Plateados saibam que existimos! Não vejo a hora de meu irmão vir do México e nos levar, ainda que seja a pé. Já não se pode viver nesta terra. Um dia destes morro de medo. Isto já não é vida. Senhor, já não é vida a que levamos em Yautepec.

De manhã, sustos se toca o sino, e a gente tem de se esconder na casa do vizinho ou na igreja. De tarde, mal se come às pressas, novos sustos se toca o sino ou corre o povo; à noite, dormir sobressaltada, tremer a cada tropel, a cada ruído, a cada passo que se ouve na rua, e não pregar os olhos a noite inteira se soam tiros ou gritos.

É impossível viver desse modo; não se fala senão em roubos e assassinatos: que já levaram fulano para o mato; que já apareceu o cadáver dele em tal barranca ou em tal caminho; que há urubus reunidos em tal lugar; que o senhor vigário foi confessar fulano, que está gravemente ferido; que esta noite entra Salomé Plasencia; que se escondam as famílias, que lá vem o Zarco ou Palo Seco; e depois: que lá vem a tropa do governo, fuzilando e amarrando os vizinhos.

Digam vocês se isto é vida; não: é o inferno...; eu estou doente do coração.

A senhora concluiu assim, derramando grossas lágrimas, sua terrível descrição da vida que levava, e que, infelizmente, não era

senão muito exata, e até pálida em comparação com a realidade.

Manuela, que se havia ruborizado ao ouvir falar do Zarco, comoveu-se ao escutar a boa senhora queixar-se de estar doente do coração.

— Mamãe, você não me tinha dito que estava doente do coração. Dói de verdade? Está enferma? — perguntou-lhe, aproximando-se com ternura.

— Não, filha, enferma, não; não tenho nada, mas digo que semelhante vida me aflige, me entristece, me desespera e acabará por me adoecer de verdade. O que é doença, graças a Deus, não tenho, e essa é ao menos uma fortuna que nos restou em meio de tantas desgraças que nos afligem desde que morreu seu pai. Mas, enfim, com tantas inquietações, tantos sustos diários, com o cuidado que você me causa, tenho medo de perder a saúde, e nesta povoação, tendo você comigo...

Todos me dizem: Dona Antonia, esconda Manuelita ou mande-a melhor para o México ou para Cuernavaca. Aqui ela está muito exposta, e muito bonita, e, se os Plateados a virem, se algum dos espiões que eles têm por aqui lhes der aviso, são capazes de cair uma noite na povoação e levá-la.

Jesus me acompanhe! Todos me dizem isso; o próprio senhor vigário me aconselhou; o prefeito, nossos parentes, não há uma alma bendita que não me diga todos os dias a mesma coisa, e eu estou sem consolo, sem saber o que fazer..., sozinha..., sem outros meios de viver senão esta horta de meus pecados, que é o que me prende aqui, e sem outro amparo além de meu irmão, a quem já acabo com cartas, mas que se faz de surdo.

Você vê, minha filha, qual é o espinho que tenho sempre no coração e que não me deixa um só momento de descanso. Se meu

irmão não vier, não nos restará senão um recurso para nos libertarmos da desgraça que nos ameaça.

— Qual, mamãe? — perguntou Manuela, sobressaltada.

— O de você se casar, minha filha — respondeu a senhora, com acento de infinita ternura.

— Casar-me? E com quem?

— Como, com quem? — replicou a mãe, em tom de doce censura. — Você sabe muito bem que Nicolás a ama, que se consideraria feliz se você lhe dissesse que sim, que o pobrezinho há mais de dois anos vem nos ver dia após dia, sem que o detenham nem os aguaceiros, nem os perigos, nem seus desdêns tão frequentes e tão injustos, e tudo porque tem esperanças de que você se convença de seu carinho, de que se abrande, de que consinta em ser sua esposa...

— Ah! Era nisso que havíamos de acabar, mãezinha — interrompeu vivamente Manuela, que, desde as últimas palavras da senhora, não disfarçara seu desgosto —; eu devia ter adivinhado desde o princípio; você sempre me fala de Nicolás; sempre me propõe o casamento com ele, como único remédio para nossa má situação, como se não houvesse outro...

— Mas qual outro, menina?

— O de irmos para o México com meu tio; o de vivermos como até agora, escondendo-nos quando houver perigo.

— Mas você não vê que seu tio não vem, que nós não podemos ir sozinhas para o México, que confiar-nos a outra pessoa é perigosíssimo nestes tempos em que os caminhos estão cheios de Plateados, que poderiam ser avisados e surpreender-nos... porque se saberia nossa viagem com antecedência?

— E indo com meu tio não teríamos o mesmo risco? — objetou a jovem, refletindo.

— Talvez, mas ele tem interesse por nós, somos de sua família, e procuraria acompanhar-se de homens resolutos; talvez aproveitasse a passagem de alguma força do governo, ou a trouxesse do México ou de Cuernavaca; guardaria o devido segredo sobre nossa saída. Enfim, arriscá-la-ia de noite, atravessando por Totolapam ou por Tepoztlán; de todo modo, com ele iríamos mais seguras. Mas você está vendo: ele não vem, nem sequer responde às minhas cartas.

Com certeza sabe como está esta região, e minha cunhada e os filhos não o deixarão expor-se. O fato é que não podemos ter esperanças nele.

— Pois então, mamãe, continuaremos como até aqui, porque estas não são penas do inferno; algum dia acabarão, e eu prefiro ficar para vestir santos...

— Quem dera que esse fosse o único perigo que você corresse, o de ficar para vestir santos! — respondeu a senhora com amargura. — Mas o certo é que não podemos continuar vivendo assim em Yautepec. Estas não são penas do inferno, de fato, e creio até que acabarão logo, mas não favoravelmente para nós.

Veja — acrescentou, baixando a voz com certo mistério —, disseram-me que desde que os Plateados vieram estabelecer-se em Xochimancas, e que estamos mais inundadas do que nunca por eles nesta região, viram muitas vezes alguns deles, disfarçados, rondando nossa rua de noite; que já sabem que você está aqui, embora não saia nem para a missa; que ouviram mencionar seu nome entre eles; que os amigos que eles têm por aqui disseram várias vezes: Manuelita há de acabar com os Plateados.

Um dia destes, Manuelita vai amanhecer em Xochimancas, e outras palavras parecidas. Minhas comadres, meus parentes, já lhe contei, o próprio senhor vigário me encontrou e me disse: Dona Antonia, mas em que está pensando, que ainda não levou Manuelita para Cuernavaca ou para Cuautla, ou para alguma fazenda grande? Aqui ela corre muito risco com os maus. Tire-a daqui, senhora, tire-a daqui, ou esconda-a debaixo da terra, porque, se não, a senhora ainda terá um desgosto destes dias.

E cada conselho que me dão me crava um punhal no peito. Você verá se podemos viver desse modo aqui.

— Mas, mamãe, isso são mexericos com que querem assustar a senhora. Eu nunca vi vulto algum em nossa rua de noite, uma ou outra vez que costumo aparecer; e isso de que os Plateados viessem me roubar alguma vez, a senhora verá que é difícil; teríamos tempo de sabê-lo, de ouvir algum tropel, e poderíamos evitá-lo facilmente, fugindo pela horta até a praça. Desengane-se: se eu não concordar, isso me parece impossível.

Só se me surpreendessem na rua; mas, como não saio, nem sequer vou à missa, e fico trancada a sete chaves, onde haveriam de me ver?

— Ai! Não, Manuela! Você é animosa porque é moça, e vê as coisas de outro modo; mas eu sou velha, tenho experiência, vejo o que está acontecendo e o que nunca havia visto em todos os anos de minha vida, e acredito que esses homens são capazes de tudo.

Se eu soubesse que havia aqui tropas do governo ou que a vizinhança tivesse armas para se defender, eu estaria mais tranquila; mas você mesma vê que até o prefeito e o alcalde fogem para o mato quando aparecem os Plateados; que a vizinhança não sabe o que fazer; que, se até agora não assaltaram a povoação, é porque se lhes mandou o dinheiro que pediram; que até eu

contribuí com o que tinha de minhas economias para dar essa quantia; que não temos outro refúgio senão a igreja ou a fuga para o mais escondido das hortas. Que quer você que façamos, se um dia esses bandidos vierem morar aqui, como moraram em Xantetelco e como vivem hoje em Xochimancas? Não vê que até os fazendeiros lhes mandam dinheiro para poder trabalhar em suas fazendas? Não sabe que lhes pagam pedágio para poder levar suas cargas ao México? Não sabe que nas povoações grandes, como Cuautla e Cuernavaca, só os vizinhos armados é que se defendem? Talvez você pense que esses bandidos andam em grupos de dez ou doze? Pois não: andam em partidas de trezentos e quinhentos homens; até trazem bandas de música e canhões, e podem sitiar as fazendas e os povoados.

O governo tem medo deles, e nós estamos aqui como mouros sem senhor.

— Bem — replicou Manuelita, sem se dar por vencida —, e, mesmo supondo que assim seja, mamãe, que ganharíamos casando-me com Nicolás?

— Ah, minha filha! Ganharíamos que você tomasse estado e se pusesse sob o amparo de um homem de bem.

— Mas esse homem de bem não passa do ferreiro da fazenda de Atlahuayan; e se o próprio dono da fazenda, que está no México e é um senhor poderoso, nada pode contra os Plateados, que haveria de poder o ferreiro, que é um pobre artesão? — disse Manuela, alongando um pouco o belo lábio inferior com gesto de desdém.

— Pois, embora seja um pobre artesão, esse ferreiro é todo um homem. Em primeiro lugar, casando-se, você já estaria sob sua autoridade; e não é a mesma coisa uma moça que não tem outro apoio senão uma velha fraca como eu, de quem todos podem

zombar, e uma mulher casada que conta com um marido, que tem forças para defendê-la, que tem amigos, muitos amigos armados na fazenda, que pelejariam a seu lado até perder a vida.

Nicolás é valente; nunca se atreveram a atacá-lo nos caminhos; além disso, seus oficiais da ferraria e seus amigos do real o querem muito. Em Atlihuayan, os Plateados não se atreveriam a lhe fazer nada, eu lhe asseguro. Esses ladrões, afinal, só atacam as povoações que têm medo e os viajantes desamparados, mas não se arriscam contra os que têm resolução.

Em segundo lugar, se você não quisesse ficar por aqui, Nicolás ganhou bastante dinheiro com seu trabalho, tem suas economias; seu mestre, que é um estrangeiro que o deixou encarregado da ferraria da fazenda, está no México, gosta muito dele, e poderíamos ir viver lá enquanto passam estes maus tempos.

— Não! Nunca, mamãe! — interrompeu bruscamente Manuela.
— Estou decidida: nunca me casarei com esse índio horrível, que não posso ver... Ele me causa uma repulsa espantosa, não suporto sua presença... Prefiro qualquer coisa a me juntar a esse homem... Prefiro os Plateados — acrescentou, com altiva resolução.

— Ah, sim? — disse a mãe, atirando a costura, indignada. — Prefere os Plateados? Pois pense bem no que diz, porque, se não quiser se casar honradamente com um rapaz que é uma pepita de ouro de honradez, e que poderia fazê-la feliz e respeitada, ainda há de morder as mãos de desespero quando se vir nos braços desses bandidos, que são demônios vomitados do inferno. Eu não verei semelhante coisa, não, meu Deus; morrerei antes de pesar e de vergonha — acrescentou, derramando lágrimas de cólera.

Manuela ficou pensativa. Pilar aproximou-se da pobre velha para consolá-la.

— Veja você — disse esta a humilde jovem morena, que estivera escutando em silêncio o diálogo entre mãe e filha —; você, que é minha afilhada, que não me deve tanto quanto esta ingrata, não me daria semelhante pesar.

Depois, passado um momento de silêncio constrangedor para as três, a senhora disse com marcado acento de ironia e despeito:

— Índio horrível! Parece até que esta presunçosa não merece menos que um são Luís Gonzaga. De onde lhe vêm tantos ares, a você, que é uma pobre moça, embora tenha, pela graça de Nosso Senhor, essa carinha branca e esses olhos que tanto lhe elogiam os vendeiros de Yautepec? Você é tão emproada que qualquer um diria que é dona de fazenda. Nem seu pai nem eu lhe demos essas ideias. Sua criação foi humilde.

Ensinamos você a amar a honradez, não a figura nem o dinheiro; a figura se acaba com as doenças ou com a idade, e o dinheiro se vai como veio; só a honradez é um tesouro que nunca se acaba.

Índio horrível! Um pobre artesão! Pois esse índio horrível, esse pobre ferreiro, é um rapaz de bons princípios, que começou como um pobrezinho órfão de Tepoztlán, que aprendeu a ler e escrever desde menino, que depois entrou para a forja, e que, na idade em que todos geralmente não ganham mais que uma jornada, já é mestre principal da ferraria, e é muito estimado até pelos ricos, tem muito boa fama e conseguiu o pouco que tem graças ao suor de seu rosto e à sua honradez.

Isso em qualquer tempo, mas ainda mais agora, e principalmente por estas bandas, e uma glória que poucos possuem. Talvez não haja rapaz aqui que possa comparar-se a ele. Diga, Pilar, tenho razão?

— Sim, madrinha — respondeu a modesta jovem —, a senhora tem razão de sobra. Nicolás é um homem muito bom, muito trabalhador, que ama muitíssimo Manuela, que seria um marido como poucos, que lhe faria todos os gostos. Eu sempre digo isso a minha irmã. Além disso, eu não o acho horrível...

— Pois que horrível haveria de ser! — exclamou a senhora. — E só esta tola que, como não gosta dele, lhe inventa defeitos como se ele fosse um espantalho. Mas Nicolás é um rapaz como todos e não tem nada que assuste. Não é branco, nem espanhol, nem anda reluzindo de ouro e prata como os administradores das fazendas ou como os Plateados, nem brilha nos bailes e nas festas. É quieto e acanhado, mas isso, para mim, não é defeito.

— Nem para mim — acrescentou Pilar.

— Pois bem, Pilar — disse Manuela —, já que você gosta tanto dele, por que não se casa você com ele?

— Eu? — respondeu Pilar, pondo-se primeiro pálida e depois vermelha até chorar. — Eu, irmã? Mas por que me diz isso? Eu não me caso com ele porque não é a mim que ele ama, e sim a você.

— De modo que, se ele a pretendesse, você lhe corresponderia? — perguntou, sorrindo maldosamente, a implacável Manuela.

Pilar talvez fosse responder, mas naquele instante bateram a porta de modo tímido.

— E Nicolás — disse a senhora. — Va abrir, Pilar.

A humilde jovem, ainda confusa e corada, retirou apressadamente dos cabelos a grinalda de flores de laranjeira e a colocou no banco.

— Por que tira essas flores? — perguntou-lhe Manuela, atirando por sua vez, apressadamente, as rosas e calêndulas que havia

posto.

— Tiro porque são flores de noiva, e eu não sou aqui a noiva — respondeu Pilar tristemente, embora um pouco picada. — E você, por que tira as suas?

— Eu, porque não quero parecer bonita a esse índio, homem de bem, que merece um relicário.

Pilar foi abrir a porta, com todas as precauções que se tomavam naquele tempo em Yautepec.

Capítulo IV - Nicolás

Quem tivesse ouvido Manuela falar, em tom tão depreciativo, como o fizera, do ferreiro de Atlihuayan, poderia imaginar que ele era um monstro, um espantalho repugnante, capaz de inspirar apenas susto ou repulsa.

Pois bem: teria se enganado. O homem que, depois de atravessar os aposentos da casa, penetrou até o pátio em que ouvimos a conversa da senhora mais velha e das duas moças, era um jovem trigueiro, de tipo indígena bem marcado, mas de corpo alto e esbelto, formas hercúleas, bem proporcionado, e cuja fisionomia inteligente e benévola predispunha logo a seu favor.

Os olhos negros e doces, o nariz aquilino, a boca grande, provida de uma dentadura branca e brilhante, os lábios grossos, que uma barba nascente e escassa mal sombreava, davam a seu aspecto algo de melancólico, mas também de forte e varonil. Via-se que era um índio, mas não um índio abjeto e servil; era um homem culto, enobrecido pelo trabalho, e que tinha consciência de sua força e de seu valor.

Não estava vestido como todos os empregados das fazendas açucareiras, com jaqueta de brim de cor clara, mas com uma espécie de blusa de lanilha azul, como a dos marinheiros, cingida à cintura por um largo cinturão de couro cheio de cartuchos de rifle, pois naquele tempo todo mundo tinha de andar armado e preparado para a defesa. Além disso, trazia calzoneras com botões escuros, botas fortes, e cobria-se com um chapéu de feltro cinzento de abas largas, mas sem nenhum adorno de prata.

Percebia-se, enfim, que, de propósito, procurava diferenciar-se, no modo de arrumar o traje, dos bandidos que faziam exibição exagerada de adornos de prata em suas roupas, especialmente em

seus chapéus, o que lhes havia valido o nome pelo qual eram conhecidos em toda a República.

Nicolás costumava, em suas visitas diárias a família de Manuela, deixar seu cavalo e suas armas numa casa vizinha, para partir, logo que a noite se fechasse, rumo a fazenda de Atlihuayan, distante menos de uma milha de Yautepec.

Depois dos cumprimentos de costume, Nicolás foi sentar-se junto da senhora em outro banco rústico; e, notando que aos pés de Manuela estavam espalhadas, em desordem, as rosas que ela havia despreendido dos cabelos, perguntou-lhe:

— Manuelita, por que a senhora atirou tantas flores?

— Eu estava fazendo um ramalhete — respondeu secamente Manuela —, mas me aborreci e as joguei fora.

— E tão bonitas! — disse Nicolás, inclinando-se para recolher algumas, o que Manuelita viu fazer com marcado desgosto. — A senhora sempre descontente! — acrescentou tristemente.

— Pobre de minha filha! Enquanto estivermos em Yautepec e trancadas — disse a mãe —, não podemos ter um só momento de gosto.

— As senhoras têm razão — replicou Nicolás. — E seu irmão escreveu?

— Nada, nem uma carta; não tivemos notícia alguma dele. Já estou desesperada... E que novidades nos traz agora, Nicolás?

— A senhora já sabe — disse Nicolás, com ar sombrio —, as de sempre... sequestros, assaltos, crimes por toda parte; não há outra coisa. Anteontem os Plateados de Xochimancas levaram o purgador da fazenda de San Carlos. Ontem de manhã, outro bando levou o ajudante de campo, que havia saído apenas até a tranca da

fazenda; depois mataram uns tropeiros que iam de Cocoyoc ao caminho do México.

— Misericórdia de Deus! — exclamou a senhora. — Já não é possível viver nesta região. Estou desesperada e não sei como sair daqui...

— A propósito — continuou Nicolás —, se a senhora insiste em seu desejo de ir para o México, e já que recusou meus serviços para acompanhá-la, em breve se lhe oferecerá uma oportunidade.

— Sim? Como? — perguntou ansiosa a senhora.

— Ficamos sabendo que devia ter chegado aqui esta manhã uma força de cavalaria do governo, porque saiu de Cuernavaca nesta direção ontem à tarde e dormiu em Xiutepec; mas, ao amanhecer, recebeu ordem de ir perseguir um bando de bandidos que, na mesma noite, assaltou uma família rica estrangeira que se dirigia a Acapulco, acompanhada de alguns criados armados.

Parece que, justamente para ver se escapava dos ladrões, essa família saiu de Cuernavaca já de noite e caminhava depressa para chegar cedo hoje a Puente de Ixtla ou San Gabriel. Mas, perto de Alpuyecá, um bando de Plateados a estava esperando. Os estrangeiros que iam com a família se defenderam, mas os criados traíram e passaram para o lado dos bandidos, de modo que os pobres estrangeiros ficaram ali mortos com sua família, que também pereceu.

— Jesus, que horror! — exclamaram a senhora e Pilar, enquanto Manuela empalideceu ligeiramente e ficou pensativa.

— Parece que foi uma coisa espantosíssima — continuou Nicolás. — Ali amanhecera estirados os cadáveres, apenas os cadáveres, porque os bandidos levaram naturalmente as bagagens, as mulas, os cavalos e tudo. A notícia chegou a Cuernavaca muito

cedo; depois, os vizinhos de Alpuyecá trouxeram em padiolas os mortos, entre os quais havia crianças.

Aí está o motivo pelo qual a força do governo, que vinha para cá, recebeu ordem de se dirigir, em combinação com outra que saiu de Cuernavaca, em perseguição aos bandidos.

— E vão apanhá-los? O senhor acha que vão apanhá-los, Nicolás? — perguntou a senhora.

— Não — respondeu o honrado jovem com intensa amargura —, não apanharão ninguém. São poucos em comparação com os Plateados, que devem ter-se refugiado em Xochimancas. Somente ali eles têm mais de quinhentos homens, bem montados e armados, sem contar os muitos bandos que andam por todos os caminhos. Além disso, já estamos acostumados a essas vãs ostentações.

Quando se comete um roubo de consideração ou se assaltam pessoas distintas, faz-se escândalo; o governo do México manda ordens terríveis às autoridades daqui; estas põem em movimento suas pequenas forças, nas quais há muitos cúmplices dos bandidos, que lhes dão aviso oportunamente. Faz-se barulho uma semana ou duas, e tudo acaba nisso.

Enquanto isso, ninguém liga para os roubos, os assaltos, os assassinatos que se cometem diariamente em toda a região, porque as vítimas são infelizes que não têm nome nem coisa alguma que chame a atenção.

— Ai, meu Deus, Nicolás — disse a senhora com interesse —, e o senhor que se arrisca todas as tardes para vir de Atlhuayan só para nos ver! Eu lhe rogo que não faça mais isso.

— Ah, não, senhora — respondeu Nicolás, sorrindo tranquilamente —; quanto a mim, fique sossegada. Sou pobre, não tenho nada que me roubem. Além disso, a distância de Atlhuayan

até aqui é muito curta; na verdade, não arrisco nada vindo.

— Como não há de arriscar! — tornou a senhora. — Em primeiro lugar, embora seja pobre, sabe-se que o senhor é um artesão honrado e econômico, que é mestre da ferraria de Atlihuayan, e devem supor que tenha alguma coisa guardada; depois, nem que seja só porque monta bons cavalos e possui boas armas...

— Oh, senhora! — exclamou Nicolás, rindo. — Pelo que eu possa ter guardado, não vale a pena que esses senhores me ataquem, pois eles se arriscam por interesses maiores. Por outro lado, sabem muito bem que eu não me deixaria sequestrar. Não é fanfarronada, mas a verdade, senhora, é que vale mais morrer de uma vez que sofrer as mil mortes que padecem os sequestrados. A senhora já deve ter ouvido contar o que lhes fazem. Pois bem, a melhor maneira de escapar desses tormentos é defender-se até morrer.

Ao menos desse modo se faz que paguem caro seu triunfo e se salva a dignidade do homem — acrescentou com varonil orgulho.

— Ah, se todos pensassem assim — disse a senhora —, se todos resolvessem defender-se, não haveria bandidos, nem precisaríamos das forças do governo, nem viveríamos aqui mortos de medo, tremendo como pássaros assustados.

— É verdade, senhora; assim devia ser, e para isso não é preciso mais que um pouco de sangue-frio. Veja: em Atlihuayan, todos estavam atemorizados quando os bandidos começaram a inundar isto, e não sabiam que partido tomar. Mas, antes que comesassem a nos pisar a sombra, os maquinistas da fazenda e os ferreiros nos reunimos e resolvemos comprar bons cavalos e nos armar bem, decidindo defender-nos sempre unidos, ainda que fossemos poucos.

Logo que se soube de nossa resolução, o administrador e os empregados também se uniram a nós; e, como a grande vantagem que os Plateados têm para ameaçar as fazendas e os povoados consiste em terem sempre emissários e cúmplices entre os moradores, determinou-se expulsar da fazenda todo aquele que se tornasse suspeito de estar em conluio com os bandidos.

Desse modo, todos os trabalhadores de Atlihuahuan são fiéis e nos ajudam; a fazenda está bem armada, e não temos outro perigo senão o de que os bandidos incendeiem os canaviais. Mas, vigiando muito, todas as noites, esse mal pode ser evitado na medida do possível. Já pediram dinheiro ao fazendeiro; já o ameaçaram de queimar a fazenda, mas não lhes foi dado ouvidos. A nós também escreveram cartas pedindo dinheiro, mas não respondemos.

A mim, particularmente, sei que me detestam; que há alguns que prometeram me matar, e não sei por que, pois não fiz mal a ninguém, nem aos bandidos. Será certamente porque sabem que estou decidido a me defender e que meus oficiais também estão. Mas não me preocupo e continuo como até aqui, sem que ninguém me tenha atacado nos caminhos.

— Mas o senhor anda sempre sozinho, Nicolás — disse a senhora —, e isso é uma temeridade.

— Quando posso, faço-me acompanhar; por exemplo, quando tenho de ir a alguma fazenda um pouco distante... mas, para vir aqui, não creio que haja necessidade de companhia. De todo modo, o que mais me importa agora é tratar da saída das senhoras. Eu dizia que a força que vinha a Yautepec se detém hoje perseguindo os assaltantes do caminho de Alpuyecá, que já estarão em seus esconderijos. Por conseguinte, a força regressará a Cuernavaca e depois sairá para cá.

É hora de aproveitar a ocasião, e as senhoras podem se preparar para a marcha.

— Pois claro — disse a senhora —, e desde já vamos nos aprontar. Obrigada, Nicolás, pela notícia, e espero que venha nos ver como sempre, para nos comunicar alguma novidade e para me fazer o favor de ficar com meus encargos... Não tenho homem de confiança senão o senhor!

— Senhora, a senhora sabe que estou às suas ordens em tudo, e que pode ir tranquila quanto às suas coisas, pois fico aqui.

— Eu sei, eu sei, e o espero amanhã, como sempre. Agora é tempo de o senhor ir; já é noite, e tremo de que lhe aconteça alguma coisa neste caminhozinho de Yautepec até a fazenda, tão curto, mas tão perigoso... Adeus! — disse, apertando a mão de Nicolás, que foi em seguida despedir-se de Manuela, que lhe estendeu a mão friamente, e de Pilar, que o saudou com sua humilde timidez de costume.

Quando se ouviu na rua o trote do cavalo que se afastava, a senhora, que ficara triste e calada, suspirou dolorosamente.

— A única pena que terei — disse —, afastando-me desta região, será deixar nela esse rapaz, que é o único protetor que temos na vida. Com que gosto eu o veria como meu genro!

— E lá vem a história do genro, mamãe! — disse Manuela, aproximando-se da pobre senhora e abraçando-a carinhosamente. — Não pense nisso! Já vamos sair daqui, e a senhora terá outro genro melhor.

— Este lhe oferece um amor honrado — disse a senhora.

— Mas não um amor do meu gosto — replicou a bela jovem, franzindo as sobrancelhas e sorrindo.

— Deus queira que você nunca se arrependa de tê-lo rejeitado.

— Não, mamãe, disso a senhora pode estar certa. Nunca me arrependerei. O coração vai para onde quer..., não para onde o mandam! — acrescentou lentamente e com risonha gravidade, ajudando a senhora a levantar-se de seu tamborete.

Com efeito, a noite havia se fechado; o orvalho, tão abundante nas terras quentes, começava a cair; as sombras do arvoredo da horta se tornavam mais intensas por causa da luz da lua, que principiava a clarear, e a família entrou em seus aposentos.

Capítulo V - O Zarco

Enquanto isso acontecia em Yautepec, ao lado da fazenda de Atlahuayan, por um caminho pedregoso e íngreme que descia das montanhas, ladeado por altas macegas e árvores frondosas, vinha descendo pouco a pouco, e cantando com voz aguda e alegre, um garboso cavaleiro montado num brioso alazão que parecia impacientar-se, marchando tortuosamente por aquele atalho onde suas ferraduras ressoavam, arrancando faiscas.

O cavaleiro o continha a cada passo e, na atitude mais tranquila, parecia abandonar-se a uma deliciosa meditação, cruzando uma perna sobre a cabeça da sela, de lado, à maneira das mulheres, enquanto entoava, repetindo distraído, uma copla de canção estranha, composta por bandidos e muito conhecida então naqueles lugares:

Muito me agrada a prata,
mas mais me agrada o brilho;
por isso carrego meu laço
para a mulher que eu cobico.

O cavaleiro, seguindo assim de lado, não parecia ter pressa de descer ao plaino, e, de quando em quando, detinha-se um momento para deixar que o cavalo respirasse e para contemplar a lua pelos claros que as árvores da montanha costumavam deixar. Assim, olhando-a atentamente, observava também as estrelas e parecia calcular a hora, como se estivesse a espera de um encontro marcado.

Por fim, ao contornar uma volta do caminho, as árvores foram se tornando mais raras, as macegas menores, o atalho se alargava e

era menos aspero; parecia que a colina ondulava suavemente, e tudo anunciava a proximidade da planície.

Logo que o cavaleiro observou aquele aspecto menos selvagem que o que deixara atrás de si, deteve-se por um instante, estendeu a perna que trazia cruzada, espreguiçou-se preguiçosamente, firmou-se nos estribos, examinou com rapidez as duas pistolas que trazia à cintura e o mosquete que pendia na capa da sela, do lado direito e atrás, como se usava então; depois disso, desenredou cuidadosamente a faixa vermelha de lã que lhe aquecia o pescoço e tornou a colocá-la, mas cobrindo com ela o rosto até perto dos olhos.

Depois desviou-se um pouco do caminho, dirigiu-se a uma pequena explanada que havia ali e pôs-se a examinar a paisagem.

A lua já havia surgido no horizonte e ascendia majestosamente no céu por entre grupos de nuvens.

Ao longe, as montanhas e as colinas formavam uma moldura negra e espessa para o quadro cinzento em que se destacavam as massas escuras das fazendas, a enorme faixa de Yautepec, os morros e as árvores; e, ao pé da colina que servia de mirante ao cavaleiro, viam-se distintamente os canaviais de Atlihuayan, salpicados de vaga-lumes, e, no meio deles, os grandes edifícios da fazenda, com suas altas chaminés, suas abóbadas e suas janelas cheias de luz.

Ainda se ouvia o ruído das máquinas, o rumor distante dos trabalhadores e o canto melancólico com que os pobres mulatos, à semelhança de seus avós escravos, entretinham suas fadigas ou punham fim às tarefas do dia.

Aquele aspecto tranquilo e aprazível da natureza e aquele santo rumor de trabalho e movimento, que parecia um hino de virtude,

não produziram impressão alguma no ânimo do cavaleiro, que só se preocupava com a hora; pois, depois de permanecer em muda contemplação por alguns minutos, apeou-se do cavalo, passeou-o por algum tempo naquela meseta, depois apertou o cincho, montou, e, interrogando de novo a lua e as estrelas, continuou seu caminho cautelosamente e em silêncio.

Pouco depois já estava na planície e entrava num largo atalho que conduzia a tranca da fazenda; mas, ao chegar a uma encruzilhada, tomou o caminho que ia para Yautepec, deixando a fazenda as suas costas.

Mal acabava de entrar nele, seguindo a passo, quando viu passar a pouca distância, e em direção oposta, outro cavaleiro que também ia a passo, montado num magnífico cavalo escuro.

— E o ferreiro de Atlihuayan! — disse em voz baixa, inclinando a larga aba do chapéu para não ser visto, embora a cacheira de lã lhe cobrisse o semblante até os olhos.

Depois murmurou, voltando ligeiramente a cabeça para ver o cavaleiro, que se afastava devagar:

— Que bons cavalos tem esse índio!... Mas não se deixa... Veremos! — acrescentou com acento ameaçador.

E continuou marchando até chegar perto da povoação de Yautepec. Ali deixou o caminho real e tomou uma veredazinha que conduzia ao leito do rio que atravessa a povoação. Depois seguiu por toda à margem meridional até uma pequena curva em que o rio, depois de se encaixar entre duas ribanceiras altas e cheias de macega, cactos e árvores silvestres, desemboca num terreno plano e arenoso, antes de correr entre as duas fileiras de extensas e espessíssimas hortas que o ladeiam dentro do povoado.

Ali a lua batia de cheio sobre o campo, cintilando nas águas cristalinas do rio, e a sua luz pôde-se ver perfeitamente o cavaleiro misterioso que descera da montanha.

Era um jovem de cerca de trinta anos, alto, bem proporcionado, de espáduas hercúleas, e literalmente coberto de prata. O cavalo que montava era um soberbo alazão, de boa altura, musculoso, de peito robusto, cascos pequenos, ancas poderosas como todos os cavalos montanheses, pescoço fino e cabeça inteligente e altiva. Era o que os rancheiros chamam de cavalo de peleja. O cavaleiro estava vestido como os bandidos daquela época, e como nossos charros, os mais charros de hoje.

Usava jaqueta de pano escuro com bordados de prata, calzoneras com dupla fileira de chapetões de prata, unidos por correntinhas e agulhetas do mesmo metal; cobria-se com um chapéu de lã escura, de abas grandes e estendidas, que tinham, tanto por cima como por baixo, uma larga e espessa fita de galão de prata bordada com estrelas de ouro; rodeava a copa redonda e achatada uma dupla toquilla de prata, sobre a qual caíam de cada lado duas chapetas também de prata, em forma de bulas, rematadas por argolas de ouro.

Trazia, além da cacheira de lã com que cobria o rosto, uma camisa também de lã por baixo do colete, e no cinturão um par de pistolas de empunhadura de marfim, em suas bainhas de verniz preto bordadas de prata. Sobre o cinturão prendia uma canana, dupla tira de couro à maneira de cartucheira, cheia de cartuchos de rifle; e, sobre a sela, um machete de empunhadura de prata metido na bainha, bordada do mesmo metal.

A sela que montava estava profusamente bordada de prata; a cabeça grande era uma peça desse metal, assim como a teia e os estribos, e o freio do cavalo estava cheio de chapas, estrelas e

figuras caprichosas. Sobre o pelego preto, de belo pelo de cabrito, pendente da sela, caía um mosquete, em sua capa também bordada; e atrás da teia via-se amarrada uma grande capa de oleado.

E por toda parte havia prata: nos bordados da sela, nos loros, nas tapafundas, nas chaparreiras de pele de tigre que pendiam da cabeça da sela, nas esporas, em tudo. Era muita prata aquela, e se via patente o esforço para prodigalizá-la por toda parte. Era uma ostentação insolente, cínica e sem gosto.

A luz da lua fazia brilhar todo esse conjunto e dava ao cavaleiro o aspecto de um estranho fantasma com uma espécie de armadura de prata; algo como um picador de praça de touros ou como um centurião multicolorido de Semana Santa.

O cavaleiro esteve examinando durante alguns segundos o lugar. Tudo se encontrava tranquilo e silencioso. O plaino e os canaviais se estendiam ao longe, cobertos pela luz prateada da lua como por uma gaze transparente. As árvores das hortas estavam imóveis. Yautepec parecia um cemiterio. Nem uma luz nas casas, nem um rumor nas ruas.

Os próprios pássaros noturnos pareciam dormir, e só os insetos deixavam ouvir seus leves silvos nos bananais, enquanto uma nuvem de vaga-lumes revolteava nas massas de sombra das árvores.

A lua estava no zênite e eram onze horas da noite. O Plateado retirou-se, depois desse rápido exame, para uma curva formada pelo leito do rio junto de uma ribanceira cheia de árvores; e ali, perfeitamente oculto na sombra e na praia seca e arenosa, pôs pé em terra, desatou o laço, tirou o freio do cavalo e, segurando-o pela corda, deixou-o ir a pouca distância beber água.

Depois de satisfeita a necessidade do animal, tornou a enfreá-lo e montou com agilidade; atravessou o rio e internou-se por uma das vielas estreitas e sombrias que desembocam à margem e que eram formadas pelas cercas de árvores das hortas.

Andou a passo e como se escondendo por alguns minutos, até chegar junto às cercas de pedra de uma horta extensa e magnífica. Ali deteve-se ao pé de um sapotizeiro colossal cujos ramos frondosos cobriam como uma abóbada toda a largura da via; e, procurando penetrar com a vista a sombra densíssima que cobria o cercado, contentou-se em articular duas vezes seguidas uma espécie de som de chamamento:

— Psst... psst!...

Ao qual respondeu outro de igual natureza, vindo da cerca, sobre a qual não tardou em aparecer uma figura branca.

— Manuelita! — disse em voz baixa o Plateado.

— Meu Zarco, aqui estou! — respondeu uma doce voz de mulher.

Aquele homem era o Zarco, o famoso bandido cujo renome enchera de terror toda a comarca.

Capítulo VI - A entrevista

A cerca não era alta; era formada de grandes pedras, entre as quais haviam brotado centenas de trepadeiras, urtigas e cactos de caules verticais e esbeltos, formando um muro espesso, coberto por uma cortina de verdura. Sobre essa cerca, aproveitando uma de suas aberturas e sob os ramos sombrios do sapotizeiro, cujo tronco nodoso apresentava uma escada natural por dentro da horta, Manuelita havia improvisado para si um assento para falar com o Zarco em suas frequentes entrevistas noturnas.

O bandido não apeava do cavalo nessas ocasiões. Desconfiado ao extremo, como todos os homens de sua espécie, preferia estar sempre pronto para a fuga ou para a luta, mesmo quando falava com sua amada nas altas horas da noite, na solidão daquela viela deserta e enquanto a povoação dormia sobressaltada, sem que ninguém se atrevesse a mostrar o rosto depois do toque de recolher.

No mais, assim, a cavalo, ficava ao alcance da jovem para lhe falar e abraçá-la com toda comodidade, pois a altura do cercado não ultrapassava a cabeça da sela; e quanto ao animal, ensinado como todos os cavalos de bandidos, sabia ficar quieto quando a vontade do cavaleiro o exigia.

Por outro lado, a cortina vegetal que revestia o cercado de pedra apresentava ali um amplo rasgão que permitia aos amantes falar de perto, entrelaçar as mãos e abandonar-se às intimidades de um amor apaixonado e violento.

Já várias vezes alguns vizinhos de Yautepec, que costumavam transitar por essa viela de manhã para sair ao campo, haviam reparado nas marcas que o cavalo deixava nas noites de chuva, marcas que indicavam que alguém estivera ali parado por muito

tempo, vindo do rio e tornando a dirigir-se a ele.

Mas supunham que fossem as de algum camponês que estivera ali na tarde anterior; ou, no máximo, suspeitavam que Nicolás, o ferreiro de Atlihuayan, cujo amor por Manuelita era conhecido demais, tivesse encontros com ela, embora todos soubessem, por outro lado, que a jovem manifestava profunda aversão pelo ferreiro, coisa que atribuíam a dissimulação hipócrita, desmentida por aquelas pegadas acusadoras.

Quanto a dona Antonia, mãe de Manuelita, ignorava completamente, como se pode supor, que sua filha tivesse entrevista alguma com alguém, e até o rumor sobre as marcas de um cavalo junto ao cercado de sua horta lhe era totalmente desconhecido.

Assim, sob aquele segredo profundo, que ninguém se teria atrevido a adivinhar, Manuela saía para falar com seu amante com toda a frequência que lhe permitiam as arriscadas excursões de assalto e pilhagem. Ele parecia muito apaixonado pela formosa moça, pois mal podia dispor de algumas horas, aproveitava-as, à custa do descanso e do sono, para vir conversar uma hora com sua amada, a quem avisava regularmente por meio dos emissários e cúmplices que tinha em Yautepec.

Desta vez era esperado com mais impaciência que nunca pela jovem, alarmada pelos perigos que as resoluções da tarde anunciavam para seus amores.

— Eu tinha medo de que você não viesse esta noite, e o esperava com ansiedade — disse Manuela, palpitante de paixão e sobressalto.

— Pois por pouco não vim, minha vida — respondeu o Zarco, aproximando-se da cerca e tomando entre as suas as mãos

trêmulas da jovem. — Tivemos briga ontem à noite; por pouco um gringo maldito não me mata, e mal tive tempo de passar por Xochimancas, trocar de cavalo, comer um bocado e tomar um pouco de café; andei vinte léguas para vê-la... Mas o que você tem? Está tremendo! Por que me esperava com tanta ansiedade?

— Diga-me, você esteve no caso de Alpuyecá?

— Sim, justamente eu comandava a força. Por que me pergunta isso? Como soube tão depressa?

— Pois agora você vai ver: estive aqui, como sempre, hoje à tarde, o fastidioso ferreiro, e a ele, dizendo minha mãe que já não via a hora de sair daqui para irmos ao México, mas que não sabia como, porque meu tio não vem, contou que uma tropa de cavalaria do governo tinha saído ontem de Cuernavaca em direção a Yautepec, e que havia dormido em Xiutepec; mas que hoje de manhã recebeu ordem urgente para perseguir uma partida que matou uns estrangeiros em Alpuyecá, ontem à noite, e que foi para lá...

— Já sabíamos... dizem que vão cair sobre nos com forças..., imagine, duzentos homens, no máximo! Terão bom cuidado de não se aproximar de Xochimancas... ali deixariam o couro estacado... E que mais?

— Bem, pois continuou dizendo que essa cavalaria do governo não apanhara nenhum de vocês, e que voltara a tomar a direção de Yautepec para continuar a marcha. Que então poderíamos aproveitar a oportunidade para irmos com a tropa.

— vocês?

— Sim, nos duas; e minha mãe disse que a ideia lhe parecia boa, que íamos nos preparar para ir embora, e até encarregou o ferreiro de vir amanhã para lhe trazer novas notícias e para deixar

com ele seus encargos.

— Ah, caramba! De modo que é verdade?

— Muito verdade, Zarco, muito verdade. Minha mãe está com tanto medo que, não duvide, vai aproveitar a ocasião; e já me disse que vamos arrumando nossos baús com o mais necessário, que amanhã irá pedir a uma pessoa o dinheiro que tem guardado para ela, e nós vamos.

— impossível! — exclamou o bandido com violência. — impossível! Ela ira, mas você não; antes me matam.

— Mas como fazemos então?

— Recuse.

— Ah, seria inútil, Zarco. Você não conhece minha mãe; quando diz uma coisa, cumpre; quando manda algo, não se pode responder. Já tenho desgostos de sobra todos os dias porque ela quer me casar à força com o índio; e, por mais que eu lhe manifeste minha resolução de não me unir a esse homem, por mais desfeitas que lhe faça, e por mais que já lhe tenha dito na cara muitas vezes que não o amo, minha mãe continua em sua teimosia, e o ferreiro continua vindo também, certamente porque minha mãe lhe dá asas para que não abandone sua needade. Mas, enfim, nisso posso desobedecer, porque alego minha falta de carinho; mas quanto a irmos embora... você bem vê que é impossível.

— Pois deixe-me pensar — disse o Zarco, pondo-se a refletir.

— Diga-me — interrompeu Manuela —, não seria possível que vocês atacassem a tropa do governo nas Tetillas ou em outro lugar, e a derrotassem? Vocês são muitos.

— Sim, minha alma; seria possível, e conseguiríamos. Mas vou lhe falar francamente: os rapazes não se arriscam a essas

empresas senão quando esperam apanhar um bom botim, ou quando se defendem e veem a coisa irremediável. Mas aqui não iriam querer! Diriam que, atacando essa tropa, não vão receber senão muitos tiros; e, se a derrotarem, apanharão no máximo uns poucos cavalos magros, selas velhas, uniformes em farrapos. Ora, os soldados do governo parecem mendigos! Além disso, são cem homens. Teríamos de cair sobre eles com pelo menos quinhentos; e você acha que nos haveríamos de juntar todos para isso, e nada mais?

— Pois muito bem — replicou a jovem, contrariada —, eu já sabia que os Plateados só atacavam os indefesos!... E isso que minha mãe diz.

— Os indefesos? — disse o Zarco, ferido por sua vez no ponto mais vivo. — Isso diz sua mãe? Pois a boa senhora se engana; também sabemos atacar a tropa, e estamos cansados de fazê-lo e de triunfar... Indefesos! Pois bom seria que ela tivesse visto o tiroteio de ontem à noite. Aqueles gringos pareciam demônios... defendiam-se com rifles, com pistolas, com espadas.

— Ai, Zarco, dizem que vocês mataram as mulheres e as crianças!

— Quem disse isso?

— O ferreiro.

— Índio falador!

— Não é verdade?

— Que morreram? Sim, morreram; mas nós não as matamos, morreram na refriega. Enfim, não falemos desse assunto, Manuelita, porque você está me ferindo.

— Não, minha vida, não — replicou a jovem, com voz de infinita ternura, enlaçada ao pescoço do bandido. — Eu ofender você, que é todo o meu querer?

— Sim, Manuelita — disse ele, desprendendo-se dos braços dela. — Tudo isso que estava me dizendo era porque me acha covarde.

— Eu achá-lo covarde, Zarco? — disse a jovem, caindo em prantos. — Mas como você pôde pensar isso? Se eu acredito que você é o homem mais valente do mundo; se estou louca de paixão por você; se penso que meu coração vai rebentar de dor pela sua ausência, pelo medo que me dão os perigos que você corre!... Se eu sou inteiramente sua... e faço o que você quiser!

— Bom — disse o bandido, adoçando a voz e beijando-a com fúria —, bom, não chore mais, já não estou ressentido... mas não volte a me dizer essas palavras.

— Mas eu lhe digo o que contam; eu fico furiosa quando escuto isso, e não tenho outro consolo senão contar a você! Agora, meu desejo de que atacassem a tropa, você deve supor que nasce do próprio amor que tenho por você, para que não nos separemos. Se você tem outro meio... o de nos casarmos, por exemplo.

— Casarmos?

— Sim, e por que não?

— Mas você não pensa que não podemos nos casar?

— Por que? Diga-me.

— Por mil razões. Levando a vida que levo, sendo, como sou, tão conhecido, tendo tantos processos pendentes nos tribunais, havendo naturalmente ordem para me enforcarem onde me apanharem, onde eu haveria de me apresentar para que nos

casassem? Você está louca!

— Mas não podemos ir para longe deste rumo, para Puebla, para o Sul, para Morelos, para onde não conheçam você, a fim de nos casarmos?

— Mas para isso seria preciso que eu a tirasse daqui, que eu a raptasse, que você fosse comigo para Xochimancas enquanto... e depois empreenderíamos a viagem para outra parte.

— Pois bem — replicou a jovem resolutamente, depois de refletir um momento —, já que não resta outro recurso, tire-me daqui; eu irei com você para onde quiser.

— Mas você se acomodará à vida que levo, nem que seja por esses dias? Vamos para Xochimancas; você já sabe quem são meus companheiros. É verdade que eles têm ali suas mulheres, mas não são como você; elas estão acostumadas a passar trabalhos, montam a cavalo, jejuam às vezes, passam noites sem dormir, não se escandalizam com o que acontece, porque acontecem coisas um pouco feias... Enfim, são como nós. Você é uma moça criada de outro modo... Sua mãe a quer muito. Tenho medo de que você se aborreça, de que chore lembrando-se de sua mãe e de Yautepec... de que me culpe por sua desgraça, de que passe a me odiar.

— Isso nunca, Zarco, nunca; eu passarei por todos os trabalhos que vierem, eu também sei montar a cavalo, e jejuarei, e passarei noites sem dormir, e verei tudo sem me assustar, desde que esteja a seu lado.

Olhe — acrescentou Manuela, com voz surda e no desvario de sua paixão frenética —, eu amo muito minha mãe, de fato, embora de poucos dias para cá me pareça amá-la menos; sei que talvez lhe cause a morte, mas prometo não chorar quando me lembrar dela,

com a condição de que você esteja comigo, de que me ame sempre como eu o amo, de que saíamos logo desta região.

O bandido estreitou-a entre os braços e a devorou de beijos, comovido diante daquela explosão de amor, tão apaixonada, tão louca, tão sincera, que estava tão perto do frenesi e que lhe entregava inteiramente aquela jovem tão bela, tão cobiçada, tão sonhada em suas horas de paixão e desejo.

Porque o Zarco também amava Manuela, só que a amava da única maneira que podia amar um homem enlameado no crime, um homem a quem era estranha toda noção de bem, e em cuja alma tenebrosa e pervertida só cabiam já os gozos de um sensualismo bestial e as infames emoções que podem produzir o roubo e a matança.

Amava-a porque ela era linda, fresca, garbosa; porque sua formosura atraente e voluptuosa, a opulência de suas formas, seu andar lânguido e provocador, seus olhos ardentes e negros, seus lábios de romã, seu acento harmonioso e brando, tudo exercia um império terrível sobre seus sentidos, excitados dia após dia pela insônia e pela obsessão constante daquela visão.

Aquilo não era amor, no sentido elevado da palavra; era o desejo esporeado pela impaciência e lisonjeado pela vaidade, porque, de fato, o bandido devia sentir-se afortunado por merecer a preferência da mulher mais bonita da comarca.

Assim, tão logo o Zarco se certificou de que a jovem estava resolvida a afrontar tudo para segui-lo, sentiu-se feliz, e todo o sangue de suas veias afluiu ao coração naquele instante supremo.

— Bem — disse, separando-se dos braços de Manuela. — Então não há mais o que falar: você sai comigo, e vamos embora...

— Agora? — perguntou a jovem, com alguma indecisão.

— Não, agora não — respondeu o bandido. — Agora é tarde e você não poderia se preparar. Amanhã; virei buscá-la na mesma hora, às onze. Não dê motivo algum para sua mãe desconfiar; durante o dia, fique como se nada fosse, com muito disfarce; não tire mais roupa do que a muito necessária. Lá você terá toda a que quiser; mas tire suas joias e o dinheiro que lhe dei. Você guarda tudo isso separado, não é verdade?

— Sim, tenho tudo num baúzinho, enterrado.

— Pois bem: desenterre-o e me espere aqui amanhã, sem falta.

— E se por acaso chegar a tropa do governo? — perguntou Manuela, inquieta.

— Não, não virá, fique segura. A tropa do governo terá andado todo o dia de hoje nos procurando; depois, como esses soldados têm uma cavalhada tão magra e miserável, descansarão todo o dia de amanhã, e, no máximo, voltariam a Cuernavaca depois de amanhã, de modo que não estarão aqui senão dentro de quatro dias. Assim temos tempo. Você pode arrumar seus baús com sua mãe, como se estivesse se preparando para a viagem ao México, e não deixar de fora senão a roupa que há de trazer.

Se por desgraça ocorrer alguma dificuldade que a impeça de sair para me ver, mande-me aviso imediatamente com a velha, que devera me esperar onde sabe para me dar notícia. Mas, se não houver nada, nem a ela diga uma palavra. Tome — acrescentou, tirando dos bolsos da jaqueta umas caixinhas e entregando-as a jovem.

— O que é isto? — perguntou ela, recebendo-as.

— Você verá amanhã, e há de gostar... São joias! Guarde-as com as outras — disse o bandido, abraçando-a e beijando-a pela última vez. — Agora vou, porque já é hora; mal chegarei a

Xochimancas ao amanhecer. Até amanhã, minha vida.

— até amanhã — respondeu ela. — Não falte.

— Amanhã você será minha, inteiramente!

— Sua para sempre — disse Manuela, enviando-lhe um beijo e ficando um instante sobre a cerca para vê-lo partir.

O Zarco afastou-se como havia vindo, a passo e recatadamente, e pouco depois se perdeu nas tortuosidades da viela apenas iluminada pela lua.

Capítulo VII - A adelfa

tão logo a jovem perdeu de vista o amante, apressou-se em descer do cercado pela escadaria natural formada pelas raízes do sapotizeiro e caminhou rapidamente para um ponto da horta em que um grupo de arbustos e moitas formava uma espécie de pequeno bosque espesso e escuro, a beira de um remanso que ali faziam as águas tranquilas do apantle.

Depois tirou de entre as plantas uma lanterna escura e dirigiu-se em seguida, abrindo caminho entre os arbustos, até o pé de uma velha e frondosa adelfa que, coberta de flores aromáticas e venenosas, dominava pelo tamanho as pequenas plantas do bosque. Ali, sobre um monte de terra coberto de grama, a jovem sentou-se; e, iluminando-se com a lanterna, abriu, com as mãos trêmulas e palpitando de impaciência, as três caixinhas que o bandido acabara de lhe dar.

— Ah, que lindo! — exclamou em voz baixa, ao ver um anel de brilhantes cujos fulgores a deslumbraram. — Isso deve valer uma fortuna! — acrescentou, tirando o anel e colocando-o sucessivamente nos dedos da mão esquerda, fazendo-o brilhar para todos os lados. — Isto parece o sol!

Depois, deixando o anel no dedo, abriu a segunda caixa e ficou estupefata. Eram duas pulseiras em forma de pequenas serpentes, todas cravejadas de brilhantes, cujos anéis de ouro esmaltados de cores vivas lhes davam uma aparência fascinadora. As serpentes davam várias voltas na caixa de cetim, e Manuela demorou um pouco para desprendê-las; mas, quando terminou, colocou-as no punho, bem perto da mão, enroscando-as cuidadosamente.

E começou a iluminá-las de todos os lados, pondo as mãos em diversas atitudes.

Depois, por um instante, fechou os olhos como se sonhasse, e logo os abriu, cruzando os punhos junto da luz e contemplando-as longamente.

— Duas viboras! — disse, franzindo o cenho. — Que ideia!... De fato, são duas viboras... O roubo! Mas, ora! — acrescentou, sorrindo e piscando os olhos, quase inteiros tomados por suas grandes e brilhantes pupilas negras. — Que me importa? O Zarco me deu, e pouco me interessa que venham de onde vierem!...

Depois abriu a terceira caixa. Esta continha dois pendentos, também de grossos brilhantes.

— Ah, que brincos lindos! — disse. — Parecem de rainha!

E, depois de contemplá-los na caixa, que mal se via sob aquele feixe de resplendores e faíscas, tirou-os também e os colocou nas orelhas, tendo antes retirado seus humildes brincos de ouro.

Mas, ao guardar estes, na caixa dos pendentos, reparou numa coisa que não havia visto e que a deixou lívida, como paralisada. Acabara de ver duas gotas de sangue fresco que manchavam o cetim branco da caixa e que deviam também ter salpicado os pendentos. Além disso, a caixa estava danificada, não fechava bem, e percebia-se que fora arrancada numa luta de morte.

Manuela permaneceu muda e sombria durante alguns segundos; dir-se-ia que em sua alma se travava um tremendo combate entre os últimos remorsos de uma consciência já pervertida e os impulsos irresistíveis de uma cobiça desenfreada e dominadora.

Triunfou esta, como era de esperar; e a jovem, em cujo belo semblante se retratavam então todos os sinais da vil paixão que lhe ocupava o espírito, fechou, arqueando as sobrancelhas, a caixa, afastou-a prontamente com desdém e não pensou mais senão em ver o efeito que faziam os ricos pendentos em suas orelhas.

Então tomou a lanterna e, levantando-se assim adornada, como estava com seu anel, suas pulseiras e seus brincos, dirigiu-se à margem do remanso; ali se inclinou, iluminando o rosto com a lanterna, procurando sorrir, mas apresentando, contudo, em todas as feições, uma espécie de dureza altaneira que é como o reflexo da cobiça e da vaidade, e que seria capaz de afeiar o rosto ideal de um anjo.

Se naquela noite silenciosa, no meio daquela horta escura e solitária, alguém habituado a ler fisionomias houvesse contemplado aquela linda jovem mirando-se nas águas negras e tranquilas do remanso, iluminando o rosto com a luz opaca de uma lanterna escura e gesticulando para dar-se ares de grande senhora, ao ver aquela fisionomia pálida, com os olhos faiscando de ambição e cobiça, com os cabelos desordenados, com a boca entreaberta deixando ver uma dentadura branquíssima e cerrada, e fazendo balançar a direita e a esquerda os pendentos, cujos fulgores a banhavam numa luz azulada, avermelhada ou esverdeada, que se misturava ao lampejo do mesmo caráter que saía da serpente enroscada ao punho esquerdo, colocado junto ao queixo, certamente teria encontrado naquela figura singular algo de espantosamente sinistro e repulsivo, como uma aparição satânica.

Não era a Margarita de Goethe, mirando-se ao espelho com natural coqueteria, adornada com as joias de um desconhecido; era uma ladra da pior espécie, dando rédea solta à sua infame cobiça diante daquele tanque de águas turvas e negras. Não era a virtude prestes a sucumbir diante da dádiva, mas a perversidade contemplando-se no lodo.

Manuela, abandonada a si mesma naquela hora e daquele modo, deixava conhecer em seu semblante todas as expressões de sua vil paixão, que não se detinha diante da vergonha nem do remorso, pois sabia bem que aquelas joias eram fruto do crime.

Assim, sobre sua cabeça radiante com os fulgores dos brincos roubados, via-se na sombra, não o rosto zombeteiro de Mefistófeles, o demônio da sedução, mas a máscara pavorosa do verdugo, o demônio da força.

Manuela ainda permaneceu alguns momentos mirando-se no remanso e escondendo-se a cada ruído que o vento fazia entre as árvores; depois voltou ao pé da adelfa, tirou as joias, guardou-as cuidadosamente em suas caixas; feito isso, lançou um olhar em torno de si e, vendo que tudo estava tranquilo, tirou de entre as moitas uma pequena tarecua, espécie de pa de cabo de madeira e ponta de ferro angular com que, na terra quente, se fazem covas; e, revolvendo com ela a terra, em certo ponto coberto de musgo, pôs a descoberto um saco de couro, que se apressou em abrir com uma chavinha que trazia guardada.

Depois introduziu na abertura a lanterna, para se certificar de que ali estava seu tesouro, que apalpou por um instante com estranha fruição. Consistia em joias embrulhadas em papéis e em cintos de couro cheios de onças de ouro e pesos de prata.

Em seguida meteu cuidadosamente no saco as caixas que o Zarco acabara de lhe dar e enterrou de novo o tesouro, cobrindo-o com musgo e fazendo desaparecer todo sinal de que o solo havia sido remexido.

Depois, como se sentisse abandonar aquela riqueza, ergueu a lanterna escura e dirigiu-se à casa na ponta dos pés, entrando nos aposentos em que a pobre senhora, apesar das inquietações do dia, dormia com o sono tranquilo das consciências honradas.

Capítulo VIII - Quem era o Zarco

Enquanto isso, e justamente no momento em que Manuela examinava suas novas joias, o Zarco, depois de deixar os arredores de Yautepec e de atravessar o rio com a mesma cautela que tivera ao chegar, tomou, pelo amplo caminho da fazenda de Atlihuayan, a direção do trilho montanhoso por onde havia descido e que conduzia a Xochimancas. Era meia-noite, e a lua, envolvendo-se em espessos nuvarrões, deixava a terra coberta de sombras.

A estrada de Atlihuayan estava completamente solitária, e as árvores que a flanqueavam de um e de outro lado projetavam uma escuridão sinistra e lúgubre, tornada ainda mais densa pelos arabescos fugidios e pálidos que produziam os cocuyos e os vaga-lumes.

O bandido, conhecedor daqueles lugares, acostumado, como todos os homens de sua espécie, a enxergar um pouco na escuridão, e, sobretudo, fiado na sensibilidade extraordinária de seu cavalo, que ao menor ruído estranho erguia as orelhas e se detinha para prevenir o amo, seguia passo a passo, mas com inteira tranquilidade, pensando na felicidade próxima que lhe prometia a posse de Manuela.

Afinal, aquela belíssima jovem, cuja imagem abrasara suas horas de insônia durante tantos meses, cujo amor fora sua preocupação constante, mesmo no meio de suas aventuras mais sangrentas e arriscadas, e cuja posse lhe parecera impossível quando a viu pela primeira vez em Cuernavaca e se enamorou dela, ia ser sua, inteiramente sua, ia compartilhar sua sorte e fazê-lo saborear as dulcíssimas delícias do amor — ele, que até ali, verdadeiramente, não conhecera senão as pungentes emoções do roubo e do assassinato.

Sua organização grosseira e sensual, acostumada desde a juventude ao vício, conhecia, é verdade, os gozos do amor material, comprados com o dinheiro do jogo ou do roubo, arrancado em meio ao terror das vítimas, numa noite de assalto a aldeias indefesas; mas o Zarco sentia que nunca havia querido nem desejado uma mulher com aquela exaltação febril que experimentara desde que começou a ver Manuela assomada à janela, desde que a ouviu falar e, mais ainda, desde que trocou com ela as primeiras palavras de amor.

Jamais, desde que ainda menino abandonara o lar da família, havia sentido a necessidade impéiosa de se unir a outro ser, como agora a sentia diante daquela mulher, tão bonita e tão apaixonada, que encerrava para ele um mundo de inesperadas venturas.

Assim, repassando na memória todas as cenas de sua infância e de sua juventude, encontrava que seu caráter bravio e duro sempre repelira todo afeto, todo carinho, qualquer que fosse, não tendo cultivado senão aqueles dos quais tirara proveito.

Filho de pais honrados, trabalhadores naquela comarca, que tinham querido fazer dele um homem laborioso e útil, logo se aborrecera do lar doméstico, em que lhe impunham tarefas diárias ou o obrigavam a ir à escola; e, aproveitando-se da comunicação frequente que as povoações daquela região mantinham com as fazendas de cana-de-açúcar, fugiu, indo acomodar-se ao serviço do encarregado da cavalaria de uma delas.

Ali permaneceu algum tempo, conseguindo depois, quando já estava bastante destro na equitação e na arte de cuidar dos cavalos, colocar-se em várias fazendas, nas quais durava pouco por causa de sua conduta desordenada; pois, preguiçoso por natureza e por gosto, mal era útil para aqueles trabalhos servis, consagrando seus longos ócios ao jogo e à vadiagem.

No mais, durante todo esse tempo, não se recordava de ter sentido simpatia nem apego por ninguém. Permanecendo pouco em cada lugar, servindo poucos dias em cada fazenda e cultivando relações de cavalariça ou de jogo que duravam um instante e se alteravam com frequentes brigas, transformando-se em inimizades profundas, ele, na verdade, não tivera amigos, mas companheiros de prazer e de vício.

Ao contrário, naqueles dias seu caráter se formou por completo e já não deu cabida no coração senão às más paixões. Assim, a servidão consumou o que à vadiagem havia começado, e os instintos perversos, não equilibrados por nenhuma noção de bem, acabaram por encher aquela alma escura como algas infectas de um pântano.

Ele não amara ninguém; em compensação, odiava todo mundo: o fazendeiro rico cujos cavalos selava e adornava com magníficos arreios; o operário que recebia bons salários a cada semana por seu trabalho; o lavrador acomodado, dono de terras fecundas e de boa casa; os comerciantes das povoações vizinhas, que possuíam lojas bem abastecidas; e até os criados que tinham salários melhores que o dele.

Era a cobiça complicada com a inveja, uma inveja impotente e rasteira, que produzia esse ódio singular e essa ânsia frenética de arrebatrar aquelas coisas a qualquer custo.

Naturalmente, os amores dos outros lhe causavam irritação, e aquelas moças que, segundo sua posição, amavam o rico, o caixeiro ou o jornaleiro, inspiravam-lhe um desejo insensato de arrancá-las de seus lugares e manchá-las. Entre todas, não havia uma que tivesse fixado os olhos nele, porque ele tampouco procurara aproximar-se de nenhuma com intenções amorosas. As de sua classe não eram de seu gosto, e para as de categoria

superior a ele, estava colocado numa esfera muito baixa: um moço de cavalaria!

Ele era jovem, não tinha ma figura: sua cor branca impura, seus olhos daquela cor azul-clara que o vulgo chama zarca, seus cabelos de um louro palido e seu corpo esbelto e vigoroso davam-lhe uma aparência vantajosa; mas o cenho adusto, a linguagem agressiva e brutal, o riso agudo e forçado talvez o tivessem tornado pouco simpatico as mulheres. Além disso, ele não encontrara nenhuma bastante formosa a quem procurasse agradar.

Por fim, cansado daquela vida de servidão, vício e miséria, o Zarco fugiu da fazenda em que estava, levando alguns cavalos para vendê-los na terra fria. Como era de esperar, foi perseguido; mas, já por esse tempo, favorecida pela guerra civil, havia-se desencadeado na terra fria próxima ao México uma nuvem de bandidos que não tardou a invadir as ricas comarcas da terra quente.

O Zarco filiou-se a ela imediatamente; e desde então, como se apenas esperasse essa oportunidade para revelar-se em toda a plenitude de sua perversidade, começou a distinguir-se entre aqueles facinorosos por sua intrepidez, por sua crueldade e por sua insaciável sede de rapina.

Era o ano de 1861, e, organizados os bandoleiros em grandes partidas, perseguidos às vezes pelas tropas do governo, mas atraídos principalmente pela riqueza dos distritos açucareiros do sul do México e de Puebla, penetraram neles semeando o terror por toda parte, como vimos.

O Zarco era um dos chefes mais afamados, e as notícias de suas infames proezas, de suas horríveis vinganças nas fazendas em que havia servido, de sua fria crueldade e de seu valor temerário, haviam-lhe dado uma fama espantosa.

Obrigadas as tropas liberais, por um erro lamentável e vergonhoso, a aceitar a cooperação desses bandidos na perseguição que faziam ao faccioso reacionário Márquez em sua travessia pela terra quente, algumas daquelas partidas se apresentaram formando corpos irregulares, mas numerosos, e um deles era comandado pelo Zarco. Foi então, e durante os poucos dias em que permaneceu em Cuernavaca, que conheceu Manuela, que se refugiara com a família naquela cidade.

O bandido ostentava então um caráter militar, sem deixar por isso os arreios vistosos que eram como característicos dos ladrões daquela época e que lhes deram o nome de Plateados, pelo qual foram geralmente conhecidos.

A formosa jovem, cujo caráter parecia estar em harmonia com o do bandido, ao ver passar diante de suas janelas aquele corpo de cavaleiros garbosos, vistosos e brilhantes, e à frente deles, montado num soberbo cavalo e carregado de prata até o excesso, o jovem e terrível bandido cujo nome não soara a seus ouvidos senão com o acento do terror, sentiu-se atraída por ele por um afeto em que se misturavam a simpatia, a cobiça e a vaidade, como num filtro pungente e saboroso.

Assim nasceu uma espécie de amor estranho naquelas duas almas, feitas para se compreenderem. E, no pouco tempo em que o Zarco permaneceu em Cuernavaca, conseguiu entrar em comunicação com Manuela e estabelecer com ela relações amorosas que, no entanto, pelas circunstâncias, não chegaram ao grau de intimidade em que as vemos em Yautepec.

O general González Ortega, conhecendo o grave erro que cometera ao admitir em suas tropas várias partidas de Plateados, que nada fizeram senão devastar as povoações por onde passava o exército e desprestigiá-lo, não tardou a persegui-las, fuzilando

vários de seus chefes. Para escapar à sorte semelhante, o Zarco fugiu uma noite de Cuernavaca com seus bandidos e dirigiu-se ao sul de Puebla, onde passou alguns meses cometendo terríveis depredações.

Por fim, os Plateados estabeleceram seu covil principal em Xochimancas, e o Zarco não tardou a saber que Manuela havia voltado a Yautepec, onde residia com sua família. Naturalmente, procurou desde logo reatar suas relações apenas interrompidas, e pôde certificar-se de que Manuela ainda o amava.

Desde então começou essa comunicação frequente e noturna com a jovem, comunicação que não era perigosa para ele, dado o terror que seu nome infundia e também os entendimentos que cultivava na povoação, onde os bandidos contavam com numerosos emissários e espões.

Enquanto isso, seus crimes aumentavam dia a dia; suas vinganças contra seus antigos inimigos das fazendas eram espantosas, e o pavor que seu nome inspirava havia acovardado a todos.

Os próprios fazendeiros, seus antigos amos, tinham vindo, tremendo, a sua presença implorar-lhe proteção e se haviam constituído seus humildes e abjetos servidores; e, não poucas vezes, ele, antigo moço de estribo, vira segurar a brida de seu cavalo o arrogante senhorzão da fazenda a quem antes servira humilde e desprezado.

Tais vinganças e humilhações foram bastante frequentes naquela época, graças à audácia e ao número dos bandidos, cujo poder era ilimitado naquela comarca infeliz, e graças, mais que tudo, à impotência do governo central, que, ocupado em combater a guerra civil e enfrentar a intervenção estrangeira, não podia desviar suas tropas para reprimir os bandidos.

Capítulo IX - A coruja

O Zarco achava-se, pois, na plenitude de seu orgulho satisfeito. Havia realizado parte de suas aspirações. Era temido, havia-se vingado; seus numerosíssimos roubos lhe tinham produzido um botim considerável; dispunha, a seu bel-prazer, da bolsa dos fazendeiros.

Quando precisava de uma grande soma de dinheiro, apoderava-se de uma carga de açúcar ou de aguardente, ou de algum dependente rico, e os punha a resgate; quando queria impor contribuição a uma fazenda, queimava um campo de cana; e quando queria infundir pavor numa povoação, assassinava o primeiro vizinho infeliz que encontrasse em suas bordas.

Mas, satisfeita sua sede de sangue e de rapina, sentia que ainda lhe faltava alguma coisa. Eram os gozos do amor, mas não esses gozos venais que lhe haviam oferecido as condescendências passageiras das mulheres perdidas, e sim aqueles que podia prometer-lhe a paixão de uma mulher formosa, jovem, de uma classe social superior à sua, e que o amasse sem reserva e sem condição.

Manuela teria sido para ele uma mulher impossível quando, meio oculto na comitiva servil do rico fazendeiro, atravessava aos domingos as ruas de Yautepec.

Então, era certo que a linda filha de uma família acomodada, vestida com certo luxo aldeão, e que recebia sorrindo em sua janela as galantes lisonjas dos ricos donos de fazenda, dos garbosos dependentes que caracoleavam em briosos cavalos, cheios de prata, para se exibirem diante dela, não teria fixado nem por um instante os olhos naquele criado desbotado e triste, mal montado numa sela pobre e velha, em um cavalo inferior, que se esgueirava

silencioso atrás de seus amos.

Então, se ele se houvesse aproximado para falar-lhe, para oferecer-lhe uma flor, para dizer-lhe que a amava, era indubitável que não teria recebido por resposta senão um gesto de desdém ou uma risada de escárnio.

E agora que ele era belo, que montava os melhores cavalos da região, que ia vestido de prata, que era temido, que via a seus pés os ricos das fazendas; agora que podia presentear joias que valiam um capital; agora aquela jovem, a mais formosa de Yautepec, chorava por ele, esperava-o palpitante de amor todas as noites, ia abandonar por ele a família e entregar-se sem reserva; ia mostrá-la aos companheiros, passeá-la por toda parte a seu lado e, com ela, humilhar os antigos pretendentes.

Tal consideração dava ao amor que o Zarco sentia por Manuela um sabor acre e voluptuoso de vingança, contra a própria jovem e contra os demais, juntamente com um caráter de vaidade insolente.

Assim, pois, aquilo que agitava o coração do bandido não era verdadeiramente amor no conceito nobre da palavra, não era o sentimento íntimo e sagrado que costuma abrir caminho até mesmo nas almas pervertidas e, às vezes, iluminá-las como um raio de sol ilumina os antros mais escuros e infectos; não: era um desejo sensual e selvagem, excitado até o frenesi pelo encanto da formosura física e pelos incentivos da soberba vencedora e da vaidade vulgar.

Se Manuela tivesse sido menos bela ou mais pobre, talvez o Zarco não teria desejado sua posse com tanta força, e pouco lhe teria importado que fosse virtuosa. Ele não buscava o apoio da virtude nas penas da vida, mas as emoções grosseiras dos sentidos para completar a fortuna de sua situação presente.

la possuir a linda donzela para satisfazer uma necessidade de sua organização, ávida de sensações vaidosas, depois de haver saboreado o prazer inferior de possuir magníficos cavalos e de amontoar onças de ouro e riquíssimas joias.

Mas, depois de saciado esse desejo, o mais acariciado de todos, que faria com a jovem? — perguntava-se ele. Casaria com ela? Isso era impossível; e, além disso, ter uma esposa legítima não lisonjeava sua vaidade. Uma amante como ela, sim, era um triunfo entre seus companheiros.

Abandonaria aquela região e aquela carreira de perigos para fugir com ela, para longe, a fim de gozar, em algum canto qualquer, uma existência obscura e tranquila? Mas isso também era impossível para aquele facineroso, que já havia provado os embriagantes gozos do combate e do roubo.

Deixar aquela vida agitada, inquieta, semeada de perigos, mas também de pingues recompensas, era resignar-se a ser pobre, a ser pacífico; era expor-se a que um miserável alcalde de povoado o amarrasse qualquer dia e o encerrasse na cadeia para ser julgado por suas antigas mafeitorias. Poderia converter seu botim, que era importante, em terras de lavoura, num rancho, numa loja.

Mas ele não sabia trabalhar e, sobretudo, repugnava-lhe profundamente essa existência de trabalho obscuro e humilde, monótona, sem peripécias, tediosa, sempre exposta ao perigo de uma denúncia, sem outro afã senão o de ocultar sempre o passado de crime, sem outro entretenimento senão o cuidado dos filhos, sem outras emoções senão as do terror. Não; era preciso continuar assim por enquanto, pois depois haveria tempo de decidir-se, segundo o exigissem as circunstâncias.

O Zarco chegava a esse ponto em suas cismas quando se deteve sobressaltado, ouvindo o canto repentino e lúgubre de uma

coruja, vindo dos ramos frondosos de um amate gigantesco, diante do qual ia passando.

— Maldita coruja! — exclamou em voz baixa, sentindo circular nas veias um frio glacial. — Sempre lhe ocorre cantar quando eu passo! Que significará isso? — acrescentou, com a preocupação tão comum nas almas grosseiras e supersticiosas, e ficou submerso por um instante em reflexões negras. Mas, refeito pouco depois, esporeou o cavalo com gesto desdenhoso.

— Bah! Isso só mete medo nos índios, como o ferreiro de Atlihuayan; eu sou branco e loiro... comigo não faz nada.

E afastou-se ao trote para subir a montanha.

Capítulo X - A fuga

No dia seguinte, Nicolás, o ferreiro de Atlihuayan, veio, como de costume, à tarde, fazer sua visita à mãe de Manuela, e encontrou-a preocupada e triste. A jovem estava dormindo, e a senhora se achava sozinha no pequeno pátio em que a encontramos na tarde anterior.

— Há alguma notícia nova? — perguntou dona Antonia ao jovem artesão.

— Sim, senhora — respondeu ele —; parece que a cavalaria do governo chegará, enfim, amanhã. É preciso que as senhoras estejam prontas, porque sei que ela não permanecerá nem um dia; vai passando por Cuautla e dali segue para o México.

— Eu já estou inteiramente pronta — respondeu dona Antonia. — Passamos o dia todo arrumando os baús e recolhendo meu pouco dinheiro. Além disso, fui ver o juiz para que me fizesse uma procuração, que vou deixar com o senhor — acrescentou, tirando do cesto de costura um papel que entregou a Nicolás. — O senhor se encarregará, se me fizer o favor, de vender esta horta o mais depressa possível, ou de arrendá-la, pois, do jeito que estão as coisas, não podemos voltar tão cedo, e já estou cansada de tanto sofrer aqui.

Se o senhor for ao México, lá nos encontrará como sempre, e talvez então o ânimo de Manuela já tenha mudado.

— Não creio, senhora — apressou-se a responder Nicolás. — Acabei por compreender que é impossível que Manuelita me queira. Causo-lhe uma repugnância que não está em suas mãos dominar. Por isso me parece inútil pensar mais nisso. Que se há de fazer! — acrescentou, suspirando. — A gente não pode dispor do próprio

coração. Dizem que o convívio gera afeição.

A senhora vê que isso não é verdade; porque, se dependesse do convívio, eu me esforcei em ser agradável à menina, mas meus esforços sempre encontraram como recompensa sua frieza, seu afastamento, quase seu ódio..., pois receio até que ela me aborreça.

— Não, Nicolás, isso não; aborrecê-lo, por quê? O senhor não tem sido nosso protetor desde que meu marido morreu? Não nos cobriu de favores e serviços que jamais se esquecem? Por que uma conduta tão nobre haveria de produzir aversão em Manuela? Não; o que acontece é que essa moça é tola, é caprichosa; eu não sei a quem puxou, mas seu caráter me parece estranho, sobretudo há alguns meses. Não quer falar com ninguém, quando antes era tão tagarela e tão alegre.

Não quer rezar, quando antes era tão piedosa; não quer costurar, quando antes passava os dias imaginando a maneira de arrumar seus vestidos ou de fazer outros novos; não quer nada. Faz tempo que noto nela uma coisa estranha, que me dá em que pensar.

Uns dias ela está triste, pensativa, com vontade de chorar, tão pálida que parece enferma, tão preguiçosa que tenho de repreendê-la; outros, acorda muito viva, mas colérica, zanga-se por nada, resmunga, contradiz-me, nada em casa lhe parece bom, nossa pobre comida lhe aborrece, o encerro em que vivemos a entedia; queria que saíssemos para passear, que montássemos a cavalo, que fôssemos visitar as fazendas; parece não ter medo dos ladrões que nos cercam por todos os lados, e, vendo que me oponho a essas loucuras, torna a cair em seu abatimento e se deita para dormir.

Hoje mesmo aconteceu uma coisa esquisita: logo que lhe anunciei que era preciso arrumar os baús para irmos ao México, assim que viu que era verdade, que eu voltava trazendo meu dinheirinho e começava a pôr tudo em ordem, primeiro ficou alegre e me abraçou, dizendo que era uma felicidade, que finalmente iria conhecer o México; que esse havia sido seu sonho; que lá estaria alegre, pois sua tristeza tinha por causa a situação horrorosa em que vivemos há tantos meses.

Como é natural, eu havia imaginado a mesma coisa, e por isso não fizera tanto reparo na mudança de seu caráter, pois era de supor que uma moça como ela, que está na idade de se divertir e de passear, estivesse cansada do nosso encerro. Assim, também eu fiquei contente ao vê-la contente, pensando na viagem. Mas logo tornou à sua tristeza; e, quando nos sentamos para comer, notei que já estava de mau humor, que quase não queria provar bocado e que até sentia vontade de chorar.

Depois, não consegui distraí-la; e, após arrumar sua roupa num baú, quando fui vê-la, encontrei-a dormindo na cama. Já viu coisa igual? Pois, se fosse por irmos embora de Yautepec, por que estive triste vivendo aqui?

— Senhora — perguntou Nicolás, que havia escutado atento e pensativo —, será que ela não tem aqui algum amor? Será que não deixa aqui alguma pessoa a quem tenha querido, ou a quem ainda queira, sem que tenha dito à senhora?

— Isso já me perguntei algumas vezes, mas não creio que haja nada do que o senhor diz. Que amor poderia ter tido sem que eu sequer suspeitasse? É verdade que alguns caixeiros gachupins da loja da abóbada tinham dado de lhe dizer galanteios, de lhe mandar papelzinhos e recados, mas isso foi muito antes de irmos viver em Cuernavaca.

Depois que voltamos, aqueles rapazes já não estavam aqui; haviam ido para o México; Manuela não voltou a se lembrar deles, nem a mencioná-los sequer. Alguns rapazes do povoado costumam passar por aqui e a olham com certo interesse, mas ela lhes mostra muito desprezo e fecha a janela assim que os vê aproximarem-se. Nunca mais voltaram. Manuela acha fastidiosos os poucos que conhece.

Enfim, estou certa de que não quer ninguém no povoado, e por isso, no começo deste ano, quando o senhor começou a nos visitar, pensei que ela ia se inclinando ao senhor e que poderíamos arranjar facilmente o que tínhamos pensado.

— Pois a senhora vê — respondeu Nicolás, amargamente —, que isso não era verdade, e que Manuelita me considerou mais fastidioso que os rapazes de Yautepec. Tanto assim que eu, tendo-lhe o carinho que tenho e havendo pensado tão seriamente em me casar com ela, porque acreditava, com o nosso casamento, lavrar sua felicidade e a minha, naturalmente não pude ser insensível a seus constantes desprezos, e resolvi afastar-me para sempre desta casa.

Mas a consideração de que a senhora tem por mim uma afeição, da qual estou certo; as ordens de minha mãe para que eu vele pelas senhoras, hoje que tanto se necessita do apoio de um homem nestes povoados, fizeram-me continuar importunando-as com minha presença, o que, de outro modo, eu lhes teria evitado.

— Importunando a mim? — perguntou dona Antonia, comovida e chorando.

— Não, a senhora não; bem vejo que a senhora me dedica amizade, que desejaria meu bem e minha felicidade, que, se dependesse da senhora, eu seria o esposo de sua filha. Não sou ingrato, senhora, e creia que, enquanto eu viver, me portarei com a

senhora como um filho reconhecido e carinhoso, sem interesse nenhum, e sempre que eu não sirva de obstáculo à felicidade de Manuelita; mas eu dizia isso por essa menina.

Felizmente para ela, as senhoras já vão embora daqui, de modo que ela não terá a mortificação de me ver, e eu terei a satisfação de ser útil à senhora de longe. Farei tudo o que me encarrega e lhe escreverei com frequência, dando-lhe notícia da horta e do estado em que se conserva este rumo. Amanhã, quando vier a tropa do governo, também virei ver se as senhoras precisam de algo, e ainda as acompanharei quando forem embora, até Morelos ou mais além, se for necessário.

— Ah, Nicolás, que bom é o senhor, e que nobre! — disse a senhora com ternura. — Aceito tudo o que me oferece, e, por minha vez, asseguro-lhe que em mim terá sempre uma segunda mãe. Qualquer que seja a sorte que Deus reserve a mim e a minha filha, creia que sempre lembrarei sua generosidade para conosco, e que nunca esquecerei que o senhor é o mais nobre e honrado jovem que conheci.

Espero-o amanhã; e, se quiser acompanhar-nos, como promete, terei muito gosto em contar com sua companhia, de que tanto preciso. Mas tenho medo de que lhe aconteça algo em seu regresso.

— Não tema nada, senhora — disse Nicolás, levantando-se. — Levarei alguns dos meus companheiros da oficina, bem montados e armados, e não correremos perigo algum.

— Está bem — disse dona Antonia, apertando carinhosamente a mão do ferreiro com as duas suas, como o faria uma mãe terna com o filho do coração.

Depois, ao sentir que ele se afastava, exclamou chorando:

— Oh! Como sou desgraçada por não ter este homem como genro!

Manuelita acordou quando já anoitecia; e, à luz da vela, dona Antonia observou que ela tinha os olhos vermelhos.

— Você está doente, filha? — perguntou-lhe afetuosamente.

— Dói-me muito a cabeça, mamãe — respondeu a jovem.

— É que você está sonolenta; Além disso, comeu tão pouco!

— Não; sinto-me um pouco mal.

— Será que você está com febre? — disse a mãe, inquieta.

— Não — replicou Manuelita, tranquilizando-a —, não é nada; levantei-me muito cedo esta manhã e, de fato, comi pouco. Vou tomar alguma coisa e tornarei a me deitar, porque o que sinto é sono; mas tenho apetite, e isso é bom sinal. A senhora sabe que sempre que madruço me acontece isso. Além do mais, é preciso dormir agora que se pode, porque quem sabe se, durante a viagem, poderemos fazê-lo com comodidade e em companhia de soldados — acrescentou, sorrindo maliciosamente.

A pobre mãe, já muito tranquila, preparou a ceia, que Manuela tomou com alegria e apetite, depois do que rezaram ambas suas devoções; e, após uma longa conversa sobre os arranjos da viagem e suas novas esperanças, a senhora retirou-se para o quarto, contíguo ao de Manuela e separado dele apenas por uma divisória.

Naquele momento caía um aguaceiro terrível, um desses aguaceiros das terras quentes, misturados de relâmpagos e trovões, em que parece que o céu abre todas as suas cataratas e inunda com elas o mundo. A chuva produzia um ruído espantoso no telhado, e as árvores da horta, açoitada por aquela torrente, pareciam despedaçar-se.

Na rua, a água corria impetuosamente, formando um rio; e no pátio se havia produzido uma inundação com a cheia dos apantes e o jorro dos telhados.

Dona Antonia, depois de recomendar a Manuelita que se agasalhasse bem e que rezasse, adormeceu embalada pelo ruído monótono do aguaceiro.

Inútil é dizer que a jovem não fechou os olhos. Aquela era a noite da fuga combinada com o Zarco; ele devia vir infalivelmente, e ela tinha de esperá-lo já pronta, com sua roupa e o saco que continha o tesouro, que era preciso ir buscar ao pé da adelfa. Essa tempestade repentina contrariava muito Manuela. Se não cessasse antes da meia-noite, ela faria uma viagem molestíssima; e, mesmo cessando a essa hora, encontraria a horta transformada em brejo e se molharia inteiramente debaixo das árvores.

No entanto, do que não é capaz uma mulher apaixonada para realizar seus propósitos?

Quando percebeu que se aproximava a hora marcada, levantou-se na ponta dos pés, descalça, com a cabeça e os ombros bem cobertos por um abrigo de lã; e assim, erguendo a anágua de musselina até o joelho, abriu a porta do quarto, devagarinho, e lançou-se ao pátio, iluminando-se com a lanterna escura, que cobria cuidadosamente.

Era a última vez que saía da casa materna; mal concedeu um pensamento à pobre anciã que dormia despreocupada, confiando no amor de sua filha querida.

No mais, Manuela, atenta apenas a realizar sua fuga, não procurava outra coisa senão apressar-se; e, se seu coração batia com violência, era pelo medo de ser percebida e de malograr sua empresa.

Felizmente para ela, o aguaceiro continuava em toda a sua força, e ninguém poderia suspeitar que ela sáísse do quarto com aquele temporal. Assim, atravessou rapidamente o pátio, internou-se entre o arvoredor, passou o apantle que rodeava o soto da adelfa e ali, cavando depressa, sem se preocupar com a chuva que a havia encharcado completamente, e cuidando apenas para que a lanterna não se apagasse, extraiu o saco do tesouro, envolveu-o no rebozo e dirigiu-se à cerca, trepando pelas raízes do amate até o lugar em que costumava esperar o Zarco.

Mal acabava de chegar quando ouviu o leve assobio com que o amante se anunciava; e, à luz de um relâmpago, pôde distingui-lo, envolto em sua capa negra de oleado e aproximando-se do cercado.

Mas não vinha só. Acompanhavam-no outros três cavaleiros, envoltos, como ele, em suas respectivas capas e armados até os dentes.

— Maldita noite! — disse o Zarco, dirigindo-se à amada. — Tive medo de que você não pudesse sair, minha vida, e que tudo se perdesse hoje.

— Como não, Zarco? — respondeu ela. — Você sempre viu que, quando dou minha palavra, eu a cumpro. Era impossível deixar isto para outra ocasião, pois amanhã chega a tropa, e talvez tivéssemos de sair imediatamente.

— Bom, já traz tudo?

— Tudo está aqui.

— Então venha; cubra-se com esta capa — disse o Zarco, estendendo uma capa de oleado à jovem.

— É inútil; já estou encharcada, e bem posso continuar me molhando.

— Não importa, ponha-a, e este chapéu... Valha-me Deus! — disse, ao recebê-la entre os braços. — Pobrezinha! Você está feita uma sopa!

— Vamos, vamos — disse ela, palpitante. — Quem são esses?

— São meus amigos, que vieram me acompanhar para o que se oferecesse... Vamos, pois; adiante, rapazes, antes que o rio cresça — disse o Zarco, esporeando o cavalo, em cuja garupa havia colocado, ao estilo da terra quente, a formosa jovem.

E o grupo de cavaleiros se dirigiu apressado aos arredores do povoado, atravessou o rio, que já começava a crescer, e se perdeu entre as mais espessas trevas.

Se algum camponês supersticioso houvesse visto, à luz dos relâmpagos, passar, como deslizando entre as árvores açoitadas pela tempestade, aquele grupo compacto de cavaleiros envoltos em capas negras, a semelhante hora e em semelhantes tempos, com certeza teria acreditado que era uma patrulha de espíritos infernais ou de almas penadas de bandidos, purgando suas culpas numa noite tão espantosa.

Capítulo XI - Dona Antonia

Dona Antonia havia dormido mal. Depois de seu primeiro sono, que fora tranquilo e pesado, os múltiplos ruídos da borrasca acabaram por despertá-la. Agitada depois por diversos pensamentos e preocupações por causa da próxima viagem, começou a revolver-se no leito, presa da insônia e do mal-estar.

Parecia-lhe ter escutado, através dos bramidos distantes do trovão e dos ruídos da chuva e do vento entre as árvores, alguns rumores estranhos; mas atribuiu aquilo a uma apreensão sua. De boa vontade se teria levantado para ir ao quarto de Manuela, a fim de conversar ou rezar um momento em sua companhia; mas temeu interromper o sono da menina, que acreditava profundamente adormecida e febril desde o dia anterior.

Assim foi que, depois de passar longas horas naquela situação penosíssima, lutando com ideias funestas e atormentadoras, e com o calor sufocante que havia em seu quarto e aquele que lhe produzia a irritação da vigília; quando ouviu que o temporal cessava, que as árvores pareciam ficar quietas e que os galos começavam a cantar, anunciando a madrugada e o bom tempo, a pobre senhora acabou por adormecer de novo, para só despertar muito tarde, quando os primeiros raios de sol penetraram pelas frestas do quarto.

Então levantou-se apressadamente e correu ao quarto da filha.

Não a encontrou; viu a cama desfeita, mas supôs que ela se houvesse levantado muito antes e que estaria no pátio ou na cozinha.

Procurou-a ali, e, não a encontrando ainda, pensou que talvez andasse percorrendo a horta, examinando as flores e vendo os

estragos do temporal; e chegou a dizer a si mesma que Manuela fazia mal em se expor assim à umidade da manhã, depois de ter estado indisposta no dia anterior; que iria encharcar-se com a água das árvores e molhar horrivelmente os pés no lodo da horta, que era um bosque espesso, cruzado de apantles por toda parte, e que se enchia de poças com a menor chuva.

Com efeito, as laranjeiras, os sapotizeiros, as mangueiras e as bananeiras deixavam cair uma cascata de água a cada roce de seus ramos; a luz do sol refletia-se como em mil diamantes nas gotas de água pendentes das folhas miúdas, e a grama do chão se achava submersa numa enorme lama.

Fazia mal a moça em andar pela horta daquele modo.

E então a chamou aos gritos, para ralar com ela.

Mas, tendo esperado em vão para vê-la aparecer, e não ouvindo resposta alguma, começou a alarmar-se e correu a procurá-la nos lugares que ela costumava frequentar. Também não estava neles.

Então continuou a buscá-la e a chamá-la em todas as direções; e, tendo-lhe ocorrido de repente uma ideia, voltou à casa para ver se a porta da rua estava aberta. Mas, encontrando-a perfeitamente fechada e trancada, tornou à horta, cheia de sobressalto, supondo que talvez sua filha tivesse sido mordida por alguma serpente e houvesse desmaiado, ou talvez morrido, em algum canto daquele bosque.

A pobre anciã, pálida como a morte, convulsa de terror e angústia, internou-se no mais espesso da horta, sem se importar com o lodo, nem com o mato, nem com os espinhos, revistando tudo, chamando por toda parte a filha com os epítetos mais ternos e desesperados, com a garganta seca, os olhos fora das órbitas, mal podendo respirar, com o coração a saltar-lhe do peito, louca de dor

e de susto.

Mas nada: Manuela não aparecia.

— Mas, meu Deus, que é feito de minha filha? — exclamou, detendo-se e apoiando-se numa árvore, pois sentia que as pernas lhe fraquejavam.

Ninguém lhe respondia. A natureza seguia indiferente seu curso normal. O sol brilhava em cheio, iluminando o céu, já limpo de nuvens, naquela formosa manhã de estio, mais sereno e mais azul depois de uma noite de borrasca; os pássaros tagarelavam alegremente nos arvoredos, os insetos zumbiam entre as flores, e tudo parecia cobrar nova vida naquela terra tropical e vigorosa.

Só a pobre mãe desfalecia, apoiada às árvores, sentindo que o frio da morte lhe gelava o sangue nas veias.

Passado um momento de angustiosa paralisia, fez um esforço desesperado e arrastou-se até o centro da horta. Ali teve outra ideia; e, atravessando o apantle que rodeava como um fosso o recanto da adelfa, que era como uma rotunda de arbustos no meio da qual se destacava a velha e florida planta, dirigiu-se a ela e, ao chegar, deteve-se surpresa.

Ali, junto ao tronco, havia uma cova que se enchera de água; e sobre a grama estava jogada uma tarecua, a pequena tarecua com que Manuela costumava cavar a terra de seu jardim.

Logo observou que, apesar da chuva, o mato e os arbustos ainda permaneciam dobrados, como se alguma pessoa houvesse aberto passagem por entre eles.

Olhou com cuidado o chão e, na parte que não estava coberta pela grama, distinguiu marcas de pisadas. Seguiu a direção que elas assinalavam, o que era difícil naquela camada de verdura

espessa e áspera que cobria o solo, e pôde reconhecê-las até o apantle. Nas bordas lamacentas deste, e na parte inundada pela cheia da noite, a marca se desenhava melhor: era a marca de pés pequenos e descalços, que se haviam enterrado profundamente no lodo.

Quem poderia ter andado por ali naquela manhã, senão Manuela? E quem poderia ter aqueles pés pequenos, senão a jovem? Mas por que viera descalça, tendo estado resfriada no dia anterior?

A infeliz mãe perdia-se em conjecturas. Depois, dando alguns passos além da faixa inundada pelo apantle, tornou a reconhecer marcas de pisadas: eram as mesmas de Manuela, que seguramente tomara a direção da cerca. De fato, as marcas seguiam até a cerca e se detinham junto às velhas raízes do sapotizeiro gigantesco. A anciã trepou por elas com trabalho, como que impelida por um pressentimento terrível. Sobre a cerca havia também sinais de que alguém passara por ali.

As plantas pareciam ter sido pisoteadas; os caules de algumas estavam quebrados. Dona Antonia inclinou-se por aquele lugar e examinou atentamente a viela. Viu então ali, precisamente ao pé do ponto em que se achava, marcas bem distintas de cascos de cavalos, que pareciam ter-se detido algum tempo ali; e deviam ter sido vários, porque o lodo estava marcado e revolvido por numerosas pegadas repetidas e agrupadas.

A lâmina aguda e fria de um punhal que lhe atravessasse o coração não teria produzido na desgraçada mãe a sensação de dor intensa e desfalecimento que semelhante vista lhe causou.

Não compreendia nada, mas adivinhou que aquilo significava algo horroroso. Sua filha, atravessando a horta naquela noite, dirigindo-se à cerca; aqueles cavalos parados ali, como se a

esperassem, pois era evidente que nenhum homem havia andado com ela — tudo aquilo encerrava um mistério inexplicável, mas pavoroso para a pobre senhora! Teria Manuela fugido com algum homem? Teria sido raptada? Quem podia ser o raptor?

Dona Antonia mal pôde formular confusamente tais perguntas, em meio a sua atonia e a seu terror, porque se sentia aterrada, aniquilada, permanecendo ali como idiota, com os olhos cravados no lado da rua, os cabelos eriçados, o coração palpitando até sufocá-la, muda, sem lágrimas, sem forças, viva imagem da angústia e da dor.

Mas uma última esperança pareceu fazê-la voltar a si. Pensou que aquilo era impossível, que era um sonho tudo o que estava vendo, ou que nada tinha a ver com sua filha aquele conjunto de circunstâncias; que Manuela devia ter voltado para o quarto, e que, se tivesse fugido, deveria ter levado sua roupa, suas joias, alguma coisa.

Dona Antonia, descendo precipitadamente da cerca, dirigiu-se cambaleante como uma bêbada, mas correndo, para a casa e para o quarto de Manuela. Estava como antes: solitário, a cama desfeita, um baú aberto. Não havia dúvida: a jovem havia escapado; faltava seu melhor vestido, faltavam suas camisas bordadas, suas joias, seu calçado novo de cetim, seus rebozos. Levava o que podia caber numa pequena mala.

Então a infeliz anciã, já convencida de sua desgraça, caiu desabada no chão e rompeu em pranto, soltando alaridos que teriam comovido as pedras. Passado, enfim, esse arranque de dor suprema, saiu da casa como uma insensata, sem se importar em fechá-la, e dirigiu-se à de sua afilhada Pilar, que vivia ali perto, na casa de uns tios, pois era órfã.

Mal pôde dizer-lhes algumas palavras para explicar que Manuela desaparecera e para rogar-lhes que fossem com ela até sua casa, a fim de se certificarem do fato.

Acompanharam-na, de fato, surpresos e também assustados, especialmente a bela e doce jovem, que, assim como sua madrinha, nada compreendia daquele mistério.

Capítulo XII - A carta

O exame da horta e da rua, feito pelos tios de Pilar e pela própria Pilar, não fez senão confirmar as suspeitas de dona Antonia. Manuela havia fugido nos braços de um amante.

Os tios de Pilar encontraram ao pé da cerca, meio oculta entre o mato e o lodo, a lanterna escura que servira à jovem para iluminar-se e que ela atirara ali ao fugir.

Restava agora averiguar quem ou quais haviam sido os raptos da jovem; e, sobre esse ponto, ninguém se atrevia a arriscar uma só palavra, porque ninguém tinha também em que fundar a menor conjectura.

A pobre mãe, no paroxismo de sua dor, atrevera-se a mencionar o nome do honrado ferreiro de Atlihuayan; mas, no mesmo instante, tanto ela como Pilar e seus tios haviam exclamado com admiração e surpresa:

— Impossível!

— De fato, impossível! — dizia dona Antonia. — Que necessidade tinha Nicolás de arrebatá-la, quando eu lhe teria dado de todo o meu coração?... Sou uma tola, e só minha aflição pode desculpar esta palavra imprudente! Que Deus me perdoe! Nicolás não me perdoaria.

— Além disso, madrinha, Nicolás não era amado, e a senhora sabe muito bem; Manuela não podia suportar nem a presença dele. Seria preciso que tanto ele como ela fingissem odiar-se para que isso pudesse ser. Mas para que semelhante dissimulação?

— Pois é claro — replicou dona Antonia. — Não, não há que pensar nisso; mas então quem, meu Deus?

— Será preciso avisar a autoridade — disse o tio de Pilar.

Nesse momento entrou na casa um rapaz, um trabalhadorzinho dos arredores, e disse que uns homens que iam a cavalo com uma senhora o haviam encontrado muito de madrugada e o haviam detido além de Atlihuayan, ao começar a subida do monte; e que a senhora, que era moça, lhe havia dito que viesse a Yautepec trazer uma carta a sua mãe, dando-lhe os sinais da casa.

Dona Antonia abriu apressadamente o papel, que estava escrito a lápis e não continha mais que estas breves palavras:

Mamãe:

Perdoe-me, mas era preciso que eu fizesse o que fiz. Vou-me com um homem a quem quero muito, embora não possa me casar com ele por enquanto. Não chore por mim, porque sou feliz, e não nos persigam, porque é inútil.

Manuela.

Ao ouvir essas palavras, todos ficaram assombrados e mudos, pintando-se em seus semblantes a surpresa e o desgosto que semelhante procedimento de Manuela lhes causava, tendo ela sido até então uma boa filha. A pobre mãe deixou cair o papel das mãos e ficou um momento com a cabeça inclinada, os olhos fixos no chão, abatida, silenciosa, sombria, como insensata, até que, algum tempo depois, fez estalar sua dor em terríveis soluços.

Acudiram a abraçá-la e consolá-la sua afilhada e os tios, sem saber, contudo, o que lhe dizer para acalmar sua pena.

— E a quem hei de me queixar agora? — exclamou. — Aconselhem-me vocês — disse —, que farei?

— Veremos o prefeito — respondeu o tio de Pilar. — É necessário que a autoridade tome suas providências.

— Mas que providências! — tornou a anciã —, quando vocês veem que as próprias autoridades não se atrevem a sair do povoado, nem têm tropas, nem maneira de se fazer respeitar... Se estamos abandonados por Deus! — acrescentou, desesperada.

— Mas quem poderá ser, então, o homem que a levou? — disse Pilar. — Porque eu não acerto absolutamente, e é preciso ter ao menos uma suspeita que sirva de indicação...

— E estar eu sozinha, absolutamente sozinha! — exclamou dona Antonia, torcendo as mãos de dor. — Ah! Como abusaram de uma infeliz velha, viúva e desamparada!

— Não tão sozinha, madrinha, a senhora não está tão sozinha — replicou vivamente Pilar. — A senhora não conta com a amizade de Nicolás?

— É verdade, minha filha, eu o havia esquecido em meu desespero. Tenho esse homem generoso, que ainda ontem me dizia que, sem interesse nenhum em Manuela, de quem estava certo de que não o queria, eu podia contar inteiramente com seu apoio. Você tem razão; vou escrever-lhe agora mesmo.

— Não é preciso — disse o tio de Pilar —; vou selar o cavalo num instante e corro a Atlhuayan para trazer Nicolás. É necessário que ele nos ajude ao menos a investigar isto.

O ancião se levantava para cumprir sua oferta quando se ouviu o ruído de um cavalo na rua, e um homem apeou à porta da casa.

Era o ferreiro de Atlhuayan. Todos se levantaram para correr até ele; dona Antonia adiantou-se e mal pôde estender-lhe os braços e dizer-lhe, soluçando:

— Nicolás, Manuela fugiu!

O jovem ficou densamente pálido e murmurou tristemente, com um gesto de amargo desdém:

— Ah, sim, minhas suspeitas se confirmam!

— Que suspeitas? — perguntaram todos.

O ferreiro conduziu a senhora ao quarto e, ainda de pé, disse:

— Esta manhã, muito cedo, um guarda-campo veio dizer-nos, ao administrador e a mim, que, de madrugada, percorrendo os campos que estão ao pé do monte, e quando já havia cessado o aguaceiro, encontrou em sua casinha, na qual não havia dormido, um grupo que se preparava para sair e montar a cavalo, e que seguramente se havia abrigado ali do temporal; que, receando tratar-se de gente má, não se aproximou pelo caminho, mas se meteu entre as canas para observá-lo bem.

Com efeito, eram Plateados: quatro homens e uma jovem mulher, muito formosa, usando um chapéu de abas estreitas e ao qual estava amarrando um lenço branco antes de montar. Por essa demora, pôde reconhecê-los bem. A menina parecia tê-la visto algumas vezes neste povoado, e o homem, que parecia chefe dos outros, era o Zarco.

— O Zarco! — exclamaram todos aterrados.

— Ele mesmo, o mais temível e malvado desses bandidos, que, segundo dizem, é jovem e não mal-apeσοado! Foi ele quem abraçou a jovem para montá-la e quem parece que a levava. No mesmo instante todos empreenderam, e com grande pressa, o caminho da montanha, sem reparar no guarda-campo, que não os perdeu de vista até que eles ganharam o alto e se afastaram entre as brenhas. Então veio dar parte.

Eu não sei que terrível pressentimento tive; e, sem me dar conta de por que o fazia, montei a cavalo e vim ver se havia ocorrido aqui alguma novidade... Assim é — acrescentou com intensa amargura — que vocês já sabem com quem se foi Manuela.

— Ah! Com razão diz que é inútil persegui-la! — exclamou colérica dona Antonia, mostrando a Nicolás o papel, que ele esteve examinando com profunda atenção.

— Efetivamente — tornou o jovem —, é perfeitamente inútil. Quem iria perseguir esse bandido em seu quartel-general, onde tem mais de quinhentos homens que o defendem? E, sobretudo, para quê? Ela não foi com ele por sua inteira vontade? Quando uma mulher dá esse passo, é porque está apaixonada pelo homem com quem vai. Persegui-la seria matá-la também.

— Eu preferiria vê-la morta a saber que está nos braços de um ladrão e assassino como esse — disse resoluta dona Antonia. — Não é agora só dor o que sinto; é vergonha, é raiva... Quisera eu ser homem e forte, e lhes asseguro que iria buscar essa desgraçada, ainda que me matassem; melhor para mim! Um Plateado! Um Plateado! — murmurou convulsa de ira.

— Pois bem, senhora, estou disposto a fazer o que a senhora quiser, ainda que pareça inútil a perseguição, não tanto pela gente que acompanha o Zarco, mas pela vontade terminante com que Manuelita o seguiu. Verdaderamente, não houve rapto.

— Mas eu posso consentir que minha filha, por mais louca de amor que esteja, siga um bandido? E meus direitos de mãe?

— Seus direitos de mãe não podem ser representados senão pela autoridade neste caso, carecendo a senhora de um parente próximo — disse o tio de Pilar. — Nós ajudaremos a autoridade, mas é necessário que seja ela quem ordene. E a senhora crê que

ela se atreverá com esses bandoleiros, quando mal consegue fazer-se obedecer no povoado?

— Mas se quisesse... Hoje chega a cavalaria do governo.

— Veremos o prefeito — replicou o ancião —, para decidi-lo a falar ao chefe dessa força; mas não se esqueça de que essa força não pôde anteontem continuar a perseguição do Zarco, que foi quem cometeu os assassinatos de Alpuyeca, e isso apesar de o governo do México haver recomendado com todo empenho a perseguição.

— É inútil — exclamaram todos —, é impossível; nem o prefeito nem esses soldados haverão de querer.

Nesse momento ouviram-se trombetas ressoando na praça. A cavalaria do governo entrava com toda solenidade no povoado.

Dona Antonia, enlouquecida de ira e de dor, saiu apressadamente da casa com a intenção de falar ao prefeito.

Capítulo XIII - O comandante

O pobre prefeito achava-se na casa da Câmara Municipal, vestido com seu traje de domingo para receber a tropa com as honras devidas; e, no momento em que chegou dona Antonia, acompanhada do tio de Pilar e de Nicolás, que a haviam seguido por deferência, entretinha-se em ver aquela força mal vestida e ainda pior montada, que se formava na pracinha para passar lista.

Comandava-a um comandante de má catadura, vestido de maneira singular, com um uniforme militar rasgado e coberto por um velho e sujo chapéu de charro.

Logo que acabou de passar sua lista, o comandante veio saudar o prefeito e manifestar-lhe, como era de praxe então, que precisava de rações para seus soldados e de forragem para sua cavalaria, pois devia continuar a marcha naquela tarde.

O prefeito deu as ordens convenientes para facilitar esses elementos, impondo aos vizinhos acomodados semelhante encargo, que eles já estavam acostumados a suportar havia muito tempo.

Depois, a tropa se aquartelou, e o comandante e alguns oficiais foram convidados pelo prefeito a tomar algumas taças e a comer na Prefeitura.

Tais eram os deveres que a autoridade política dos povoados se impunha então para com esses militares, que nem defendiam a gente pacífica, nem se atreviam a encarar os bandidos de que estava cheia a comarca.

— Então, comandante — perguntou o prefeito —, ontem e anteontem os senhores tiveram uma boa tarefa com os Plateados?

— Forte, senhor prefeito — respondeu o comandante, alisando os bigodes ásperos —, muito forte; não descansamos nem de dia nem de noite.

— E conseguiram alguma coisa?

— Oh! Demos nos Plateados uma correria terrível. Estou certo de que por muitos dias não voltarão a aparecer na Caniada de Cuernavaca. Ficaram escarmentados.

— Apanharam alguns, hein?

— Sim; e nós os deixamos enforcados por aí, nas árvores, onde estarão balançando... a esta hora.

— Mas todos caíram?

— Todos, não; o senhor sabe que isso é difícil. Esses covardes não atacam senão gente indefesa; mas, logo que veem tropa organizada, como a minha, correm, dispersam-se.

— Mas o Zarco..., porque dizem que foi o Zarco quem comandava a quadrilha.

— Sim, foi ele; mas é o mais fujão de todos. Nem sequer nos esperou, de modo que, quando chegamos a Alpuyeca, nem sombra do Zarco. Em vão quisemos alcançá-lo. Assim que fez o roubo, mal se deteve para recolher seus feridos e se largou precipitadamente, de modo que nem demos com seu rastro. Em nenhum povoado nem rancho dos que atravessamos em sua perseguição puderam nos dar razão dele, seja porque não tivesse passado por ali, seja porque tenha cúmplices por toda parte, o que é mais provável.

O caso é que não pudemos continuar com minha cavalaria por aqueles montes tão escabrosos.

— Mas, então, senhor comandante — perguntou o prefeito com malignidade —, a quem os senhores apanharam afinal, pois o senhor acaba de me dizer que deixaram alguns pendurados nas árvores?

— Oh, amigo prefeito — respondeu o militar sem se desconcertar —, prendemos alguns suspeitos, dos quais estou certo de que eram cúmplices dele; conheço muito bem esses patifes, não conseguem disfarçar o delito: correm de nós quando nos avistam, ficam desbotados quando lhes falamos e, à menor ameaça, ajoelham-se pedindo misericórdia! Como o senhor vê, isso são provas, porque, se não fossem culpados, por que haviam de fazer tudo isso? Seu delito os acusa; são os cúmplices, os que avisam os bandidos, os que ocultam sua marcha e os que participam do botim.

Vários desses, e, segundo meu parecer, os mais importantes, é que deixei dando voltas no ar... Servirá de exemplo! Não lhe parece?

De modo que o valente militar havia fuzilado alguns infelizes camponêses e aldeões, por simples suspeitas, a fim de não se apresentar diante de seu chefe, em Cuernavaca, com as mãos limpas de sangue.

O prefeito compreendeu isso, e por tal motivo respondeu, insistindo:

— Sim, senhor comandante, isso sempre esteve bom; mas, afinal, e o Zarco?

— O Zarco, senhor prefeito, deve estar agora muito longe daqui; talvez no distrito de Matamoros ou perto de Puebla, para repartir o roubo com toda segurança. Bonito seria ele ter ficado neste rumo!

— Mas dizem — objetou o prefeito — que ele tem sua toca em Xochimancas, a poucas léguas daqui, e que conta com mais de quinhentos homens. Ao menos é o que se diz por aqui, e o que sabemos, porque frequentemente se desprendem dali partidas para assaltar as fazendas e os povoados.

É nessa toca que guardam seus roubos, onde têm os sequestrados, seus cavalos, suas munições, enfim; parece, segundo notícias que recebemos diariamente, que ali vivem como numa fortaleza, que têm até peças de artilharia, até músicas e charangas que levam algumas vezes em suas expedições e que também lhes servem para se divertir em seus bailes.

— Já sei, já sei — replicou o comandante com certo enfado —; mas o senhor conhece o que são os exageros do vulgo. Tudo isso são contos; terão buscado ali refúgio alguma vez, terão permanecido ali dois ou três dias, terão feito tocar dois ou três clarins, e o medo dos povoados inventou o resto, porque o senhor não me negará, senhor prefeito, que vocês vivem mortos de medo e que nem parecem homens os que vivem nestas comarcas.

— Mas com razão, senhor comandante — disse o prefeito, tocado no mais vivo —, com muitíssima razão, se tudo isso que o senhor diz que são contos nos parece realidade; se vemos atravessar por nossos caminhos partidas de cem e de duzentos homens, bem armados e montados; se todos os dias levam para o morro os vizinhos dos povoados e os empregados das fazendas; se entram em toda parte como em sua própria casa, como não havemos de acreditar?

— Pois bem, e vocês, por que não se defendem? Por que não se armam?

— Porque não temos com quê; todos estamos desarmados.

— Mas por quê?

— Eu lhe direi: tínhamos armas para a defesa das povoações, isto é, armas que pertenciam às autoridades e armas que os vizinhos haviam comprado para sua defesa pessoal. Até os mais pobres tinham suas espingardas, suas pistolas, seus machetes. Mas passou primeiro Márquez com os reacionários e tomou todas as armas e cavalos que pôde encontrar no povoado.

Algumas armas escaparam, no entanto, e alguns cavalos também; mas passou depois o general González Ortega com as tropas liberais e mandou recolher todas essas armas e todos esses cavalos que haviam ficado, de modo que nos deixou de braços cruzados. Depois, os bandidos mal sabem que alguém tem um cavalo regular e imediatamente se metem a apanhá-lo.

Quem o senhor quer que compre agora armas ou cavalos, sabendo que há de perdê-los de qualquer modo? Além disso, ainda que nos restem machetes e facas, acha o senhor que vamos nos pôr contra quem traz bons mosquetes e rifles?

— Pois, homem — replicou o militar, refletindo —, isso é péssimo, porque assim qualquer um pode zombar de vocês. E o que fazem então?

— A única coisa que fazemos é fugir ou nos esconder. Temos um vigilante na torre durante o dia. Quando ele toca o sino, dando o alarme, as famílias se escondem no curato ou onde podem, no mais oculto das hortas; os homens correm, e as autoridades... nós afundamos — acrescentou o pobre prefeito, encolhendo os ombros em gesto de vergonha e resignação.

— Caramba, homem, isso é atroz! — exclamou o comandante, servindo-se uma grande taça de conhaque. — Eu não seria autoridade aqui por nada desta vida.

— Pois eu renunciei à prefeitura cinquenta vezes; mas não aceitam minha renúncia, e como dá no mesmo...

— Como dá no mesmo?

— Pois claro; dá no mesmo haver prefeito ou não haver; dirão que tanto faz estar eu como estar outro, e, enquanto isso, aqui me tem o senhor, limitando-me a dar forragem e rações às tropas que passam, sem poder fazer mais, sem dispor de um só guarda, de um só soldado, de ninguém... escondendo-me à noite, porque à noite ficamos expostos a tudo, sem poder exercer a vigilância que temos de dia, trabalhando em nossos afazeres, sempre sobressaltados.

De modo que não são contos os que lhe referimos; não são invenções do medo. São verdades, e qualquer pessoa lhe dirá isso.

No instante em que o prefeito acabava de falar, dona Antonia, cansada de esperar que a conversa terminasse, fez-se anunciar por intermédio do secretário do escritório, dizendo que tinha um negócio muito urgente a comunicar, tanto ao prefeito como ao comandante.

— Que entre — disse o prefeito.

Dona Antonia apresentou-se chorando e desesperada.

— O que lhe acontece, dona Antonia? — perguntou o prefeito com interesse.

— O que me há de acontecer, senhor prefeito, uma grande desgraça! Minha filha foi roubada ontem à noite.

— Sua filha! Manuelita! A moça mais linda de Yautepec! — disse o prefeito, dirigindo-se ao comandante, que se pôs todo ouvidos.

— Sim, senhor, Manuela; roubaram-na de mim!

— E quem? Vamos, diga.

— O Zarco! — exclamou furiosa dona Antonia. — Esse grande ladrão e assassino!

— Está vendo, senhor comandante? — disse o prefeito, sorrindo com malícia. — Não anda tão longe quanto o senhor acreditava; ainda está por aqui roubando moças, depois de ter roubado e assassinado na Caniada.

— Mas como foi isso? Diga depressa, senhora — disse o militar, levantando-se.

Dona Antonia relatou os fatos que já conhecemos. Nicolás foi chamado para declarar o que sabia, e já não houve dúvida de que, de fato, o Zarco havia sido o raptor.

— E bem, o que a senhora quer agora que se faça?

— Senhor — respondeu a anciã em atitude suplicante —, que o senhor mande perseguir esse bandoleiro, que lhe tirem minha filha, e eu darei o pouco que tenho se o conseguirem. Que a tragam viva ou morta, mas há de ser depressa, senhor; podem encontrá-la muito perto daqui, em Xochimancas, que é onde o Zarco tem sua toca.

Já sei, senhor prefeito, que o senhor não tem tropa nem gente de quem dispor para isso; mas, agora que está aqui este senhor militar com sua tropa, pode prestar este serviço à justiça e à humanidade.

— Que diz o senhor, comandante? — perguntou o prefeito com sarcasmo.

— Impossível, senhor prefeito, impossível! — repetiu com resolução. — Tenho ordem de continuar minha marcha para Cuautla, pois se trata de escoltar um senhor muito amigo do senhor

presidente, dom Benito Juárez, que tem de ir ao México. O senhor já há de supor que, quando não pude continuar a perseguição desse malvado ontem, e por causa de um roubo e de assassinatos, menos ainda hei de poder me entreter em ir buscar uma moça por esses andurriais... Ora!...

Ora! Deixe-nos em paz, senhora; a menina já se contentará com esse bandido, não tem remédio! A tropa do governo não pode perder tempo andando a resgatar moças bonitas! Além disso, não conheço bem estes terrenos.

— Mas eu os conheço — disse Nicolás —, e se o senhor prefeito o dispusesse, alguns amigos meus e eu acompanháramos a tropa do governo para guiá-la e ajudá-la em suas buscas.

— Pois, se esse rapaz tem alguns amigos que o acompanhem, suponho que armados, por que ele não vai fazer a perseguição? — perguntou o comandante.

— Porque seria o mesmo que nos sacrificarmos inutilmente — respondeu Nicolás. — Meus amigos e eu seremos, a todo rigor, dez; e os bandidos que podemos encontrar em Xochimancas passam de quinhentos, ou, pelo menos, são trezentos. Que poderíamos fazer dez contra trezentos? Morreríamos esterilmente. Não assim indo a tropa do governo, porque tem mais de cem homens, além dos que iríamos daqui, que estamos bem armados e que, apoiados na tropa, serviríamos para alguma coisa.

Conhecemos caminhos pelos quais conseguiríamos surpreender os Plateados.

— Mas toda essa confusão e esse empenho por uma moça? — disse o comandante, que não se deixava convencer.

— Não, senhor — tornou indignado Nicolás —; não seria somente pela moça, porque se alcançariam outros fins de maior

importância.

Conseguir-se-ia acabar com essa guarida de malfeitores que mantêm o distrito apavorado; talvez se conseguisse matar ou apanhar os assassinos a quem o senhor comandante perseguiu ontem e anteontem inutilmente; tirar-se-ia deles o roubo, tirar-se-iam os demais roubos que têm guardados ali, libertar-se-iam os homens que mantêm sequestrados há tempos, e o senhor comandante cumpriria seu dever, restabelecendo a segurança em todo este rumo. Creio que até o Supremo Governo lhe agradeceria.

— Ninguém me ensina meus deveres como soldado — respondeu o comandante, com os olhos faiscando de cólera e compreendendo que não podia responder de outro modo às razões do jovem. — Sei o que devo fazer, e para isso tenho superiores que me ordenam o que julguem conveniente. Quem é o senhor, amigo, para vir aqui impor-me leis e falar-me nesse tom?

— Senhor — disse Nicolás, encarando o comandante com dignidade —, sou um vizinho honrado do distrito; sou o encarregado da ferraria da fazenda de Atlihuayan, e o senhor prefeito sabe que prestei não poucos serviços quando a autoridade precisou de mim.

Além disso, sou um cidadão que sabe perfeitamente que o senhor é um chefe de segurança pública, que a tropa que traz é paga para proteger os povoados, porque não é tropa de linha consagrada exclusivamente ao serviço militar da Federação, mas força do Estado, despachada para perseguir ladrões; e agora precisamente estamos proporcionando ao senhor a oportunidade de cumprir sua missão.

— O que sabe o senhor disso, dom qualquer, e que tem o senhor que gritar comigo aqui, ou ler-me a cartilha, e quem lhe deu faculdades para falar-me nesse tom? Quem é esse homem, senhor

prefeito? — perguntou o comandante, no paroxismo do furor, com os bigodes eriçados e pondo a mão no cabo da pistola Colt que trazia à cintura.

— Este rapaz — respondeu o prefeito, empalidecendo, porque temeu algum desmando do soldadote, que, como todos os de sua laia, era um grande insolente com os homens honrados e pacíficos —, este senhor é, de fato, um vizinho muito honrado e muito estimável, que prestou serviços muito bons aos povoados e é muito estimado por todos.

— Pois tudo isso de nada lhe valerá para evitar que eu o fuzile — disse o comandante. — Eu lhe ensinarei a não faltar ao respeito aos militares.

Nicolás cruzou as mãos, impassível, e respondeu sem arrogância, mas com acento frio e altivo:

— Faça o que quiser, senhor militar; o senhor tem ali sua força armada. Eu estou sozinho, sem armas e diante da autoridade de minha povoação. Pode me fuzilar, não temo, e eu já esperava isso. Era muito natural: o senhor não pôde ou não quis perseguir ou fuzilar os bandidos que era necessário combater arriscando alguma coisa, e lhe é mais fácil assassinar um homem honrado que lhe recorda seus deveres.

É claro... isso não será glorioso para o senhor, mas é o único que pode e sabe fazer.

— De modo que o senhor acredita que me valho da força para castigar sua insolência?

— Assim creio — tornou Nicolás, sempre de braços cruzados e com acento frio e seguro.

— Pois o senhor se engana, amigo — gritou o comandante. — Não preciso da força armada para castigar os que me insultam. Sei corrigi-los homem a homem.

— Seria coisa de ver! — respondeu Nicolás, com um leve sorriso de desprezo. — E precisamente por aqui, perto de Yautepec, há alguns lugares bastante solitários onde o senhor poderia dar provas desse valor. Deixe aqui sua tropa; montaremos a cavalo os dois e iremos juntos escolher o lugar apropriado.

— Ah, sim? O senhor me desafia? — perguntou o militar, lívido de raiva.

— Eu aceito, senhor comandante. O senhor disse que é muito capaz de castigar os que o insultam homem a homem e sem se valer da força. Eu aceito e estou disposto, com armas iguais e onde nada favoreça ninguém a não ser o próprio valor.

— Muito bem — disse o comandante —, agora o senhor verá se sou capaz.

E, saindo precipitadamente da sala, gritou a vários soldados que estavam por ali:

— Olá, sargento, prendam-me esse patife e mantenham-no no quartel, com sentinela à vista! Se se mexer, matem-no.

— Bela maneira de resolver as coisas homem a homem! — murmurou Nicolás, olhando para o comandante com gesto de profundíssimo desdém.

— Agora verá se me lança bravatas, insolente!

— Mas, senhor comandante — disse o pobre prefeito, interpondo-se em atitude suplicante —, perdoe este rapaz; é exaltado, mas é homem de bem, incapaz de cometer o menor delito.

— Cale-se, senhor prefeito do demônio — replicou o militar, furioso como um energúmeno —, cale-se ou também o levo! Para isso é que servem vocês, autoridades daqui, para dar asas aos arruaceiros. Já verá se faço outro exemplo! Levem-no, levem-no — disse aos soldados que se apoderaram de Nicolás, o qual não fez nenhuma resistência, limitando-se a dizer ao prefeito:

— Não rogue, senhor prefeito; deixe que façam o que quiserem, mas não humilhe sua autoridade.

Entretanto, o prefeito compreendia que aquele militar fanfarrão e covarde era capaz de cumprir suas ameaças. Por aquele tempo e naquelas comarcas, tais fatos não eram, infelizmente, senão muito frequentes.

Os bandidos reinavam em paz, mas, em compensação, as tropas do governo, quando matavam, matavam os homens de bem, o que lhes era muito fácil e não lhes trazia perigo algum, estando o país de tal maneira revoltado e as noções de ordem e moralidade tão transtornadas, que ninguém já sabia a quem apelar em semelhante situação.

As autoridades locais eram autoridades de brincadeira nos povoados, e qualquer militarzinho, por inferior que fosse, atrevia-se a ultrajá-las e humilhá-las.

O infeliz magistrado de Yautepec não pôde fazer outra coisa senão reunir a Câmara Municipal, que se reuniu, de fato, com grande temor, sem saber o que deliberar. Além disso, o prefeito enviou imediatamente aviso ao administrador da fazenda de Atlihuayan, que no mesmo instante montou a cavalo e se dirigiu a galope para Yautepec, acompanhado dos empregados principais da fazenda, com o objetivo de procurar a liberdade do honrado ferreiro.

Capítulo XIV - Pilar

Quanto a dona Antonia, desde o princípio da altercação de Nicolás com o comandante, vendo o rumo que tomava aquele assunto, compreendendo, enfim, que nada tinha a esperar das autoridades e que, pelo contrário, ia cometer-se uma grande injustiça, e talvez um crime, contra seu generoso defensor, havia caído em tal extremo de abatimento que por um instante a julgaram enferma. Mas ninguém lhe deu atenção, estando todos atentos ao desfecho daquela terrível discussão.

Quando os soldados levaram Nicolás preso, a pobre senhora nem sequer teve forças para levantar-se e segui-lo, contentando-se em gemer, encolhida e atônita, num banco da Prefeitura.

Por fim, quando o prefeito saiu, ela também, acompanhada do tio de Pilar e de vários vizinhos, dirigiu-se à casa, onde a esperavam a jovem Pilar, sua tia e alguns vizinhos e vizinhas que se interessavam por sua desgraça.

Contou-lhes em poucas palavras o que acabava de suceder; e, esgotadas suas forças por tantos sofrimentos, fraca, extenuada, porque não tomara alimento algum desde a manhã e se havia ensopado de água na horta ao fazer suas primeiras buscas, lançou-se na cama, tremendo de febre. Sua afilhada e aquelas pessoas piedosas prodigalizaram-lhe os primeiros cuidados.

Mas a boa e bela jovem, tão logo aplicou à madrinha os remédios necessários, começou a ocupar-se de outra coisa que a havia comovido até o fundo da alma.

A notícia da prisão de Nicolás fora para ela um raio. Sentiu-se transtornada, mas dissimulou quanto pôde sua ansiedade e sua angústia na presença dos tios e daquela gente estranha; tomou seu

rebozo e, sob o pretexto de que ia buscar alguns remédios, lançou-se à rua.

Aonde ia? Nem ela mesma o sabia; mas sentia necessidade de ver Nicolás, de lhe falar, de ver algumas pessoas, de procurar, enfim, salvar aquele jovem generoso que havia tempo era o ídolo de seu coração — ídolo tanto mais amado quanto tivera de render-lhe culto em silêncio e na presença de uma rival muito querida por ele é muito querida também por ela.

Em outras circunstâncias, ela, doce, resignada por caráter, tímida e ruborosa, teria morrido antes de revelar o segredo que era ao mesmo tempo a delícia e o tormento de seu coração.

Mas, naqueles momentos, quando a vida do jovem estava em perigo, e ela o supunha desamparado de todos e nas garras daqueles militares arbitrários e ferozes, a boa e virtuosa jovem não levou em conta sua idade nem seu sexo; não reparou que sua educação retraída havia produzido o isolamento ao redor de si; não temeu em nada o que diriam as pessoas de seu povoado; não pensou senão na salvação de Nicolás, e por consegui-la saiu da casa da madrinha e dirigiu-se apressadamente ao quartel em que lhe haviam dito que acabavam de pôr o ferreiro incomunicado.

Este não se achava propriamente numa prisão, porque aquele quartel provisório ficava numa casa da povoação que não tinha as condições necessárias. Assim, Nicolás fora colocado num portal que dava para a rua, e ali o guardavam dois sentinelas à vista e a guarda, alojada no mesmo lugar. Desse modo, a jovem pôde vê-lo, desde logo, misturando-se ao grupo de gente que se aproximara da casa por curiosidade.

Pilar saiu do grupo e, adiantando-se até o prisioneiro, que reparou nela naquele instante e se levantou em gesto de recebê-la, não pôde pronunciar senão esta palavra, entre soluços sufocados:

— Nicolás!

E caiu de joelhos no chão, muda de dor e inundada em pranto.

Nicolás ia falar-lhe, mas o sargento da guarda interpôs-se e, um tanto compadecido da jovem, disse-lhe:

— Afaste-se, senhorita, porque o preso está incomunicado e não pode falar-lhe.

— Mas se é meu... mas se é meu parente! — disse Pilar em atitude de súplica.

— Não faz diferença — replicou o sargento —, a senhora não pode falar com ele; sinto muito, mas é a ordem.

— Uma palavra, apenas! Por compaixão, deixe-me falar-lhe uma só palavra!

— Não se pode, menina — disse o sargento —; retire-se; se o comandante vier, talvez a maltrate, e é melhor que vá embora...

— Que me mate — disse ela —, mas que ele se salve!

Essas palavras, que chegaram aos ouvidos de Nicolás muito claras e perceptíveis, revelaram-lhe toda a verdade do que se passava na alma da formosa jovem e foram para ele como uma luz esplendorosa que iluminou as nuvens sombrias em que naufragava seu espírito. Pilar o amava, e essa sim sabia amar! De modo que ele havia estado embriagando-se por muito tempo com o aroma letal da flor venenosa, e havia deixado indiferente, a seu lado, a flor modesta que podia dar-lhe a vida!

Que felicidade a sua em sabê-lo! Mas que horrível desventura sabê-lo naquele momento, talvez o último de sua existência, porque Nicolás não duvidava de que o comandante exerceria sua vingança no caminho naquela mesma tarde. A humilhação do militar fora tão

cruel e vergonhosa que ele não poderia perdoá-la, com tanta mais segurança quanto, naquele tempo, nenhum temor poderia contê-lo, sendo essa classe de arbitrariedades e crimes o pão de cada dia.

Passou pela cabeça de Nicolás como uma vertigem; tudo aquilo era superior às suas forças, por mais que elas fossem tantas, e por mais que tivesse um caráter de bronze, como o seu, fundido ao fogo de todos os sofrimentos. Não quis ver mais; cobriu o rosto com as mãos, como para não deixar ver duas lágrimas que lhe brotaram dos olhos. Mas, passado aquele instante de tremenda crise, levantou-se de novo para ver Pilar.

Esta, empurrada suavemente pelo sargento, afastava-se do corpo da guarda, mas voltava a cabeça com frequência, procurando Nicolás. Numa dessas vezes, Nicolás agradeceu-lhe, pondo a mão sobre o coração, e fez-lhe sinal para que se afastasse. Teria querido exprimir-lhe com o gesto quanto gozava sabendo que era amado por ela, e assegurar-lhe que, naquele momento, um amor profundo e terno acabava de germinar em seu coração sobre as cinzas de seu amor malsão dos dias passados.

Mas aquela gente curiosa, aqueles soldados, haviam-lhe impedido tal expansão; e, mais que tudo, sua surpresa, seu aturdimento, quase se poderia dizer sua felicidade. Assim, voltou a cair desabado no banco de pedra em que lhe haviam permitido sentar-se e se abandonou a profundas e amargas reflexões.

Pilar, entretanto, não descansou um instante. Foi ver o prefeito, a quem encontrou precisamente com os vereadores e alcaides, e com os empregados da fazenda, que deliberavam acerca do que se devia fazer para impedir que Nicolás fosse levado preso.

A jovem apresentou-se a eles chorando, suplicou-lhes que de modo algum abandonassem Nicolás e que, se fosse possível, o acompanhassem na marcha, porque talvez isso evitasse que se

cometesse um crime no caminho; e não se retirou senão quando todos lhe asseguraram que, se não conseguissem libertá-lo imediatamente, acompanhariam a tropa.

Depois voltou para casa e preparou algum alimento, que levou ela mesma ao preso, tendo o cuidado de confiá-lo ao sargento que antes lhe falara e a quem deslizou uma moeda na mão, rogando-lhe que dissesse ao preso que não se inquietasse, que velariam por ele.

Nicolás compreendeu que a jovem havia feito mil gestões em seu favor; mas quais tinham sido essas gestões, de que modo e quem velaria por ele? Isso não sabia, nem precisava saber. Desde aquele momento, algo como a confiança num ser divino abriu lugar em seu ânimo.

Havia um anjo que o protegia; e, por mais que o ferreiro soubesse que Pilar era uma menina obscura, fraca, tímida, sem relações poderosas, algo lhe dizia intimamente que essa menina, inspirada pelo amor, se convertera numa mulher forte, atrevida e fecunda em recursos.

Assim, reanimado com aquela segurança interior, já não temeu por sua existência e se abandonou à própria sorte, confiante e tranquilo.

Mal acabava de fazer essas reflexões consoladoras e de tomar algum alimento quando se tocou, no quartel, o toque de montar, e a tropa se preparou para marchar.

Um momento depois trouxeram a Nicolás um cavalo magro e mal selado, obrigaram-no a montá-lo e a colocar-se entre as fileiras. Logo se formou a cavalaria, e o comandante chegou quase bêbado; pondo-se à frente da tropa, saiu da povoação, olhando com cenho carregado os numerosos grupos de gente que se aglomeravam nas

ruas para manifestar interesse pelo jovem ferreiro, que marchava tranquilo no meio dos dragões.

Nicolás procurava com ansiedade, entre aqueles grupos, a bela menina; e, não a encontrando, sua fronte se anuviou. Mas, ao chegar a tropa à orla do povoado e ao entrar no caminho que conduz a Cuautla pelas fazendas, encontrou-se um grande grupo de gente a cavalo, composto pelo prefeito, pelos vereadores, pelo administrador de Atlahuayan, por seus empregados e por outros particulares muito bem armados. Junto deles, à porta de uma cabana, no extremo de uma grande horta, estavam Pilar e seus tios.

A formosa jovem tinha os olhos vermelhos, mas mostrava-se tranquila e procurou sorrir ao descobrir Nicolás e ao dizer-lhe adeus, como quem dizia: Até logo.

Nicolás, ao vê-la, já não pensou mais em sua situação; sentiu apenas a vertigem do amor, o golpe de sangue que afluía ao coração, que lhe ofuscava os olhos com um doce desfalecimento. Pôs-se rubro, saudou Pilar com apaixonado carinho e voltou muitas vezes a vista para fixar nela um olhar de adoração e gratidão. Já a amava profundamente; aquele amor acabava de germinar em sua alma e já lançara nela profundas raízes.

Em três horas, havia vivido a vida de três anos, e povoara aquela fantasia ardente com todos os sonhos de uma felicidade retrospectiva e malograda.

Por sua parte, Pilar já não ocultava seus sentimentos desde o instante em que eles haviam explodido por causa do terrível risco que Nicolás corria. Salvá-lo era agora todo o seu objetivo, e pouco lhe importava o resto.

O famoso comandante, que, como se pôde compreender, era demasiado desconfiado, alarmou-se ao ver aquela cavalgada que parecia esperá-lo em atitude ameaçadora; e, esporeando o cavalo, dirigiu-se ao prefeito.

— Olá, senhor prefeito! Que faz tanta gente aqui?

— Esperando o senhor — respondeu o funcionário.

— A mim? Para quê?

— Para acompanhá-lo, senhor, até Cuautla.

— Acompanhar-me? Com que objetivo?

— Com o de responder pela conduta desse rapaz que o senhor leva preso, diante da autoridade a quem o senhor vai apresentá-lo.

— E que autoridade é essa, senhor prefeito?

— O senhor deve sabê-lo — respondeu secamente o prefeito, que parecia mais resoluto, apoiado como estava por numerosos vizinhos bem armados. — Eu só sei que sou aqui a primeira autoridade política do distrito, e que não tenho superior nele no que se refere às minhas faculdades. O senhor juiz de primeira instância é também a primeira autoridade do distrito no ramo judicial; ele está aqui, porque atualmente o é o senhor alcalde.

Assim, uma vez que o senhor leva preso um cidadão que, de um modo ou de outro, deveria estar submetido à nossa jurisdição, é claro que vai apresentá-lo a alguma autoridade superior à nossa, e nós vamos nos apresentar também a essa autoridade para informá-la de tudo e para o que houver lugar.

— Mas sabe o senhor que tenho faculdades para fazer o que faço? — disse o militar, querendo sair do aperto em que o haviam posto as razões do prefeito.

— Não, não sei — respondeu este —, o senhor não teve a bondade de me mostrar a ordem que assim o diga, nem a mim foi comunicado nada pelo governo do Estado, que é meu superior. Se traz a ordem... pode mostrá-la.

— Não tenho de lhe mostrar ordem alguma — respondeu o militar com altivez. — Não recebo ordens senão de meus chefes, nem tenho de prestar contas de minha conduta senão a meus chefes.

— Por isso vamos ver esses seus chefes — replicou o prefeito com decisão.

— Pois então é inútil que me acompanhem, porque meus chefes não estão em Cuautla, mas no México.

— Pois iremos ao México — insistiu o prefeito, secundado pelo administrador de Atlihuayan, que também repetiu:

— Sim, senhor, iremos ao México!

— E se eu não permitir?

— O senhor não pode impedir que sigamos sua tropa. Eu sou o prefeito de Yautepec; comigo vêm a Câmara Municipal e vários vizinhos honrados e pacíficos. Com que direito poderia nos impedir de irmos aonde o senhor vai?

— Mas sabem que esta farsa já está me cansando e que posso fazer com que ela termine?

— Faça o que quiser; nós faremos então o que devemos.

O comandante estava furioso. Mandou parar sua cavalaria e conferenciou um momento com os capitães. Talvez tivesse querido cometer uma arbitrariedade, mas não era fácil que ela ficasse impune. O prefeito estava ali acompanhado da Câmara Municipal,

dos empregados da fazenda de Atlihuayan e de numerosos vizinhos bem montados e armados. Num instante, outros vizinhos poderiam juntar-se a ele, ainda que sem armas, e aquilo tomar um aspecto formidável.

O comandante decidiu, pois, suportar aquela afronta, mas não soltar Nicolás. Voltou-se para o grupo em que se achava o prefeito e disse:

— Então os senhores saíram para me tirar o réu, o homem?

— Não, senhor — replicou o prefeito —; já lhe dissemos que nosso objetivo é segui-lo até Cuautla ou até o México, e o senhor não poderá nos acusar de agressão alguma.

— Bom seria que os senhores mostrassem essa resistência contra os bandidos, como a mostram contra as tropas do governo!

— Sim, nós a mostraremos — replicou indignado o prefeito — se as tropas do governo, em vez de perseguir esses bandidos, pois é para isso que lhes pagam, não se empregassem em perseguir homens de bem. Foi oferecido ao senhor o auxílio de homens daqui para perseguir os Plateados, e o senhor não quis; e precisamente esse é o delito pelo qual leva preso esse honrado sujeito.

— Bom, bom — disse o comandante —, pois veremos quem tem razão; sigam-me aonde quiserem, que me dá no mesmo...

E mandou continuar a marcha.

O prefeito seguiu ao lado da coluna de cavalaria; mas Nicolás pôde, afinal, estar seguro de que nada lhe aconteceria.

Assim caminharam toda a tarde; e, já noite avançada, chegaram a Cuautla, onde o prefeito de Yautepec foi falar com seu colega do distrito de Morelos e pôs em jogo todas as suas relações com o objetivo de conseguir a liberdade do ferreiro.

O comandante mandou um mensageiro extraordinário a Cuernavaca, acusando o jovem de homem perigoso para a tranquilidade pública, apresentando o ocorrido em Yautepec como uma rebelião e dando-se ares de salvador e de enérgico; mas o prefeito de Yautepec e a Câmara Municipal, bem como as autoridades de Cuautla, dirigiram-se ao governador do Estado e ao governo federal, e o administrador de Atlihuyan ao dono da fazenda e a seus amigos no México, relatando o ocorrido.

Cruzaram-se numerosos ofícios, informes, recomendações; e gastou-se tinta e dinheiro para esclarecer aquele assunto. Nicolás permaneceu preso no quartel daquela tropa, que ainda esperava ordens para escoltar o amigo do presidente. Mas, no terceiro dia, chegou uma ordem direta do Ministério da Guerra para pôr em liberdade o jovem ferreiro, mandando que o comandante se apresentasse no México para responder por sua conduta.

Todo esse embrulho e toda essa irregularidade eram coisas frequentes naquela época de guerra civil e confusão. Assim, do rapto cometido pelo Zarco, não resultaram senão a grave doença da pobre mãe e a prisão do ferreiro de Atlihuyan, a comoção das autoridades de Yautepec, muitas comunicações, muitos passos, muitas lágrimas; mas o delito ficou impune.

É verdade que também havia resultado a felicidade de dois corações bons; este era o único raio de sol que iluminava aquele quadro de desordem, vício e miséria.

Capítulo XV - O amor bom

Nicolás, mal se viu livre, voou para Yautepec.

Que havia acontecido ali durante sua curta ausência? Tremia só de pensar nisso. Mantido rigorosamente incomunicável desde que saiu de Yautepec até ser posto em liberdade, nada havia podido saber acerca da sorte de dona Antonia, nem de Pilar; mas, mal pôde comunicar-se com alguns dos vizinhos de Yautepec que tinham ido falar-lhe, soube que a infeliz mãe de Manuela, fraca demais para resistir a tantos golpes, havia caído de cama, acometida por um violento acesso de febre cerebral.

Era muito possível que a pobre senhora houvesse sucumbido. E Pilar? Sem dúvida a bela e boa jovem teria prodigalizado toda espécie de cuidados à madrinha; era certo que não se teria afastado um só instante do leito da enferma, que, abandonada de modo tão miserável por sua filha, se encontrava, no entanto, rodeada de gente bondosa e caridosa, mas sobretudo daquele anjo que, mais que sua afilhada, parecia ser sua verdadeira filha, herdeira de sua virtude, de sua sensatez e de seu nobre caráter.

Mas, no seio daquela família improvisada pela desgraça, junto ao leito daquela anciã moribunda, fazia falta um homem, um amparo, uma força que infundisse ânimo aos demais e provesse às necessidades que o desamparo sempre aumenta.

E esse homem, quem poderia ser senão ele, Nicolás, o homem a quem aquela senhora virtuosa havia escolhido para genro e amado como a um filho seu; ele que, órfão por sua vez desde a infância, havia concentrado nela todo o seu afeto filial? Como a enferma o teria procurado em seu delírio! Como Pilar também teria invocado seu nome em silêncio, desejando vê-lo a seu lado naqueles momentos de horrorosa angústia! Este último

pensamento era, em meio à sua ansiedade, como uma gota de néctar que caía em seu coração transbordante de amargura.

Desde sua saída de Yautepec, preso e ameaçado de morte por aquele militar insolente e arbitrário, Nicolás não fizera outra coisa senão pensar naqueles dois objetos de seu carinho: dona Antonia e Pilar; e seu espírito agitado passava sem cessar do infortúnio da desditosa senhora ao amor da formosa jovem, amor tanto mais grato quanto se havia revelado de súbito, justamente quando todos os horizontes da vida se haviam escurecido para ele.

Assim, aquele jovem apaixonado, nos dias precedentes, mal concedera atenção ao estado em que se achava, à incomunicabilidade em que o mantinham, às mil incomodidades de sua prisão, ao próprio perigo de uma resolução desfavorável às gestões que se faziam para libertá-lo, a tudo.

Dona Antonia e Pilar eram sua única preocupação; e não ver essas duas pessoas, que para ele encerravam o mundo inteiro, causava-lhe impaciência, uma impaciência que chegava ao desespero.

Quanto a Manuela... havia-se desvanecido completamente de sua memória. O ferreiro, como todos os homens de grande caráter, era orgulhoso; e, se nos últimos dias ainda havia manifestado algum afeto à jovem desdenhosa, se no seu coração ainda não parecia ter-se extinguido o fogo de outro tempo, fora somente porque dona Antonia animava constantemente, com o sopro de suas esperanças, aquela fogueira quase convertida em cinzas.

Mas Nicolás acabara por compreender, havia muitos meses, que era um homem impossível no coração de Manuela. Mais ainda: com sua perspicácia natural, com essa facilidade de percepção que têm os enamorados humildes, havia adivinhado, analisando detalhe por detalhe, ao regressar triste de Yautepec todas as noites, suas

entrevistas estéreis e cada vez mais geladas com a jovem, que ela não sentia apenas desapego por ele, mas repugnância.

Ora, à expressão desse sentimento, que mesmo num semblante formoso é dura e desagradável, não podia resistir uma alma altiva como a de Nicolás.

Se ele houvesse sido um desses rapazes tolos e fátuos que interpretam sempre o gesto e as palavras das mulheres que amam no sentido menos desfavorável para si; se houvesse sido um desses homens vingativos e tenazes que fazem do sofrimento um meio de triunfar e vingar-se; se, por fim, houvesse sido um desses velhos libertinos para quem o desejo é uma couraça que os torna invulneráveis, para quem a posse a qualquer custo já é o único objeto de seu amor sensual, Nicolás teria permanecido firme em seu intento, sustentado pelo apoio da senhora, grande apoio junto de uma filha, por mais contrária que esta se mostre.

Mas Nicolás era um homem de outra espécie. Índio, humilde operário, tinha, contudo, consciência de sua dignidade e de sua força. Sabia muito bem que valia, como homem e como pretendente, o bastante para ser amado por Manuela.

Sua honradez imaculada dava-lhe um título; sua posição, embora mediana, mas independente e obtida graças ao trabalho pessoal, enobrecia-o a seus próprios olhos; seu amor sincero, puro, que aspirava à dignidade conjugal e não aos gozos passageiros do desejo material, fazia-o sentir-se valorizado e estimado, como um tesouro que devia guardar-se intacto.

Em suma, ele amava ternamente, com submissão, mas com decoro; com paixão, talvez, mas com dignidade. Comprometer esse decoro e essa dignidade em algum ato de humilhação lhe teria parecido degradar seu caráter e arrastar pelo chão aquele sentimento que ele carregava tão alto.

Assim, tão logo Manuela, enamorada como estava de outro homem, julgou conveniente tirar o véu do disfarce e começou a mostrar a Nicolás um dissabor que ele conheceu de imediato, que foi aumentando de dia em dia e que acabou por converter-se num marcado gesto de repugnância, Nicolás começou por sentir-se profundamente ferido em seu orgulho de homem e de amante, e acabou por experimentar a insuportável amargura da humilhação.

Seu amor, já bastante desarraigado pelos desdêns anteriores, não pôde resistir à última prova e foi desvanecendo-se rapidamente em seu coração.

O afeto de dona Antonia, um vislumbre de esperança e certo hábito contraído de ver a jovem todos os dias ainda o retinham debilmente, como vimos; mas, ao saber que aquela mulher a quem julgara insensível a ele, porém honrada, havia fugido com o odioso bandido cujo nome era o espanto daquela comarca, primeiro uma surpresa dolorosa, e depois um sentimento de desprezo, apoderaram-se de sua alma.

Depois, esse desprezo foi-se tornando, ao considerar a perversão de caráter de Manuela, um sentimento de outro gênero.

Era a repugnância, mas a repugnância que inspira a fealdade da alma; e, depois, uma viva alegria inundou-lhe o coração.

Ele, Nicolás, o pobre ferreiro de Atlihuayan, escapara daquele monstro. Estivera amando um demônio, acreditando que fosse um anjo. Hoje, vendo-se livre dele, envergonhava-se da cegueira dos primeiros dias e felicitava-se porque o céu ou sua boa sorte o houvessem salvo do perigo de unir-se àquela criatura, ou ao menos da desgraça de continuar amando-a, o que teria sido terrível para ele, dado seu caráter altivo e intensamente apaixonado.

Longe disso, e como compensação gratíssima, precisamente nos momentos em que seu espírito ficara inteiramente limpo das últimas névoas que aquele afeto poderia ter deixado, quando a serenidade acabava de restabelecer-se em seu coração, serenidade que nem o perigo corrido nem a indignação que o agitara haviam bastado para turbar, virá surgir diante de seus olhos uma nova imagem, mais bela e doce que a desaparecida, e sentira, compreendera que essa, sim, era o anjo bom de sua existência.

Nem podia ser de outro modo; o amor de Pilar se havia descoberto num momento solene e decisivo, sem interesse e sem esperanças, com todos os traços de abnegação, de generoso sacrifício, de resolução heroica que devem ser as qualidades do afeto extraordinário.

Como não se sentir subjugado, naquele instante, por um amor tão poderoso? Nicolás não apenas sentiu penetrar-lhe na alma, como uma torrente de fogo, aquele amor novo e luminoso; também experimentou algo como um remorso, como vergonha de não ter aberto antes os olhos à felicidade, de não ter adivinhado o afeto que inspirava e que seguramente vivera oculto perto dele, protegendo-o, envolvendo-o numa atmosfera de simpatia e carinho.

E ele, como teria feito sofrer a bela e modesta jovem com sua aparente galanteria para Manuela! Talvez a tivesse ferido alguma vez, talvez tivesse sido cruel sem o querer, atingindo a delicadeza daquele coração terno e brando como uma sensitiva.

Tal ideia fazia-o aparecer aos próprios olhos como inferior à sua amada de agora, mas não com essa inferioridade que humilha, e sim com a inferioridade do crente diante de seu Deus, sentimento que aviva e aumenta o amor, porque o complica com admiração e gratidão.

Tais reflexões ocuparam o ânimo de Nicolás durante o caminho de Cuautla a Yautepec, que percorreu impaciente e a todo galope, atravessando o bosque de catzahuates e as fazendas de Cocoyoc, Calderón e San Carlos, que bordam aquela planície pitoresca. Por fim, passou o rio, atravessou as vielas, palpitando-lhe o coração, e apeou à porta da casa de dona Antonia. Que notícias iria receber?

Capítulo XVI - Um anjo

Já escurecia quando Nicolás penetrou nos aposentos da casa de dona Antonia. Ao ruído de seus passos, uma mulher adiantou-se a seu encontro; e mal o reconheceu, à débil luz crepuscular que ainda permitia distinguir os objetos, lançou-se em seus braços soluçando.

Era Pilar.

Nicolás, ao sentir contra o peito aquela mulher, agora intensamente amada, sentiu como uma vertigem de paixão e de prazer. Era a primeira vez em sua vida que conhecia tamanha felicidade, ele que até então só havia podido saborear os amargos resíduos do desengano; ele que, considerando-se quase sempre desamado, teria se julgado feliz com um único olhar de simpatia, recebia agora em torrentes, numa explosão amorosa, toda aquela ventura que antes não ousaria sequer sonhar.

E ela estava ali, a belíssima jovem que ocupara seu pensamento naqueles dias de prisão e naquelas noites de insônia; e ele sentia os formosos braços de virgem dela enlaçarem-lhe o pescoço, e palpitar seu coração enamorado junto daquele coração que já não batia senão por ela, e sentia suas lágrimas umedecerem-lhe as mãos e seu hálito banhar-lhe o semblante como doce aroma. Nicolás não podia falar. Era presa de uma emoção avassaladora, que lhe paralisava as faculdades.

Por fim, depois de estreitar a jovem num arrebatamento amoroso mais significativo que dez declarações, disse-lhe, beijando-a na testa:

— Minha Pilar; agora sim, nada nem ninguém nos separará. O que sinto é não ter conhecido antes onde estava minha felicidade; mas, enfim, bendigo até os perigos que acabo de passar, pois por

eles pude encontrá-la.

Pilar, como toda mulher, e embora transbordando de amor e felicidade, não pôde furtar-se a um vago sentimento de temor e receio. Ainda não estava bastante segura de que no coração de Nicolás houvesse desaparecido por completo aquele antigo amor por Manuela, talvez até exacerbado por tudo o que acabava de acontecer. Assim, fixando timidamente os olhos nos do ferreiro, atreveu-se a perguntar-lhe, com um acento em que se traduzia o medo de perder aquela suprema ventura:

— Mas é verdade, Nicolás? O senhor me quer como queria Manuela?

— Como a Manuela? — interrompeu Nicolás, com veemência.
— Oh, Pilar, não me faça essa pergunta, que me fere! Como pode comparar o amor que hoje lhe manifesto, e que sinto, com aquele afeto que tive por aquela desgraçada? Aquilo foi um sentimento de que hoje tenho vergonha. Nem sei como pude enganar-me tão miseravelmente, nem consigo lhe explicar o que se passava comigo.

Talvez seus desdêns, sua frieza, me exaltassem e me fizessem obstinar-me; mas, se devo lhe dizer a verdade do que sentia quando, a sós e longe daqui, me punha a refletir, examinando o estado de meu coração, confesso-lhe que aquilo não era amor, não era este carinho puro e apaixonado que a senhora me faz sentir agora, mas outra coisa doentia, como uma enfermidade da qual eu queria me libertar, como um capricho em que estava interessado meu amor-próprio, mas não minha felicidade.

Mas ainda quero lhe dizer, mesmo que não acredite, que, nos últimos dias, esse capricho já não existia, esse afeto havia desaparecido; Manuela já não me produzia a impressão do princípio, e, se não fosse porque a senhora se empenhara em

convencê-la de que devia casar-se comigo, e me fizera entender que enfim o conseguiria, que eu não perdesse a esperança e contasse com seu apoio, francamente, talvez eu tivesse acabado por aborrecer Manuela, ou ao menos por esquecê-la, e teria deixado de vir a esta casa.

— Mas e minha madrinha?... E eu?... O senhor não pensava em nós? — perguntou-lhe Pilar em tom de queixa.

— Ah, sim! — replicou Nicolás. — A senhora, a pobrezinha, era digna de todo o meu carinho... Quanto à senhorita, Pilar, devo dizê-lo? Nem me atrevi sequer a sonhar em ser amado pela senhorita; eu já havia compreendido quão feliz seria o homem amado por você; já havia levantado até você meus olhos cheios de esperança, mas os tornara a baixar com tristeza, pensando que você também não haveria de me querer. A mim, você parecia mais alta que Manuela.

E depois, pensar em você, dizer-lhe alguma coisa, depois dos desdêns de Manuela sofridos em sua presença, parecia-me indigno. Se eu tivesse adivinhado!... Assim, você vê que não agora, mas muito antes, aquele afeto por Manuela havia acabado. Ainda dúvida? Crê que o amor que lhe tenho, e que cresceu em anos nestes poucos dias, se pareça com o sentimento que abriguei por essa infeliz, e que agora se converteu num desprezo espantoso?...

— Já não duvido, Nicolás, já não duvido — disse a jovem, estreitando entre as suas as mãos do ferreiro. — E mesmo que duvidasse — acrescentou suspirando —, minha felicidade consiste neste amor que sinto pelo senhor há muito tempo, que guardei no fundo de meu coração, então sem esperança, aumentado a cada dia pela dor e pelo ciúme, e que só pôde revelar-se no momento em que o senhor corria perigo e em que eu estava prestes a perder o juízo. Eu não podia esperar que o senhor me amasse.

Ao contrário, estava certa de que o senhor amava Manuela mais que nunca, talvez por tê-la perdido para sempre; mas não fui senhora de mim, não pude conter-me, não dei ouvidos senão ao meu coração.

— Mas, menina — disse Nicolás, em tom de repreensão carinhosa —, você me julgou mal, talvez porque não conhecesse bem meu caráter.

Para amar ainda Manuela, apesar do que ela fez, seria preciso, em primeiro lugar, tê-la amado de verdade, e acabo de lhe dizer que não foi assim; e depois seria preciso ser um homem vulgar. E eu, embora humilde, embora operário rude, embora índio sem educação e sem outros exemplos, posso lhe assegurar que não sou vulgar, que me sinto incapaz de estimar um objeto indigno, e que, para mim, a estima é precisamente a base do amor.

Eu havia de continuar querendo uma perdida que se deixava roubar por um assassino e um ladrão? Impossível, impossível! De pais a filhos, em minha família indígena, transmitimos ideias de honradez altiva, que tantas vezes me lançaram aqui no rosto como defeito, e que me granjearam alguns inimigos.

Fomos pobres, muito pobres; mas algum dia lhe contarei como meus antepassados, em suas montanhas selvagens, em suas cabanas humildíssimas, souberam, entretanto, conservar sempre o caráter limpo de toda mancha de humilhação ou baixaza. Preferiram morrer a degradar-se; e isso não por vaidade, nem para conservar uma herança de honra, mas porque tal é nossa natureza. A altivez em nós faz parte de nosso ser.

Assim, pois, imagine se eu poderia ter sentido por Manuela, depois do que ela fez, outro sentimento que não o de uma compaixão despreziva. Fazer outra coisa teria sido uma degradação... Está convencida?

— Sim, Nicolás — disse apressadamente a jovem —, perdoe-me; mas, apesar de conhecer seu caráter, meu carinho, meu pobre carinho, nascido em meio aos ciúmes, tornava-me cega e desconfiada...

— Não; o que guardo para você, boa e formosa menina, é um amor santo e eterno... Quer ser minha esposa, mais tarde?

— Oh! — disse Pilar, chorando —, será minha felicidade; mas falamos longamente, nos extraviamos, esquecemos o mundo, Nicolás, e estamos falando perto de uma moribunda... minha madrinha...

— Oh, sim, a senhora!...

— Minha madrinha está morrendo — exclamou Pilar com abatimento. — Faz dois dias que não toma alimento algum, sua fraqueza é muito grande, a febre violenta, e todos dizem que não há remédio.

Nicolás, ao saber dessa notícia, inclinou a cabeça, cheio de pesar.

Capítulo XVII - A agonia

Com efeito, os dois jovens, em seu êxtase amoroso, haviam esquecido por um momento a pobre dona Antonia, que jazia moribunda no quarto próximo. Dissemos que, desde o dia seguinte à fuga da filha, comovida pela terrível crise que sofrera, mais que por causa da umidade a que estivera exposta durante muitas horas, a desditosa anciã havia caído de cama, atacada por uma febre cerebral.

Inúteis haviam sido os cuidados que lhe haviam prodigalizado as pessoas caridosas e amigas que a assistiam, particularmente Pilar, que, como filha amorosa, não se havia separado um só instante de seu lado. A experiência daquela boa gente, à falta de médico, e todos os esforços, haviam-se despedaçado contra a gravidade do mal. A senhora morria, e Nicolás chegava precisamente nos momentos em que a agonia tocava seu termo.

Nicolás, profundamente consternado, penetrou no aposento da enferma, fracamente iluminado, e ali foi saudado afetuosamente pelas poucas pessoas que se achavam presentes.

Pilar, que o havia precedido, aproximou-se do leito da madrinha e, chamando-a várias vezes, disse-lhe que Nicolás estava perto dela e desejava falar-lhe.

A anciã, como se despertasse de um profundo letargo, procurando reunir as poucas forças que lhe restavam, ergueu a cabeça, fixou os olhos no ferreiro, que lhe estendia as mãos carinhosamente, e então, reconhecendo-o, soltou um débil grito, tomou aquelas mãos entre as suas, beijou-as repetidas vezes, murmurando:

— Nicolás! Nicolás! Meu filho!

E depois caiu desfalecida, como se aquele esforço supremo lhe houvesse esgotado a existência.

Nicolás inclinou-se à beira daquele leito de morte; e ali, esse homem de ferro, a quem nem as desgraças nem os perigos haviam conseguido abater, pôs-se a chorar amargamente, aflito diante de tamanha desventura e amaldiçoando o destino, que comete tais injustiças.

Dona Antonia ainda viveu algumas horas; mas a agonia havia sido demasiado prolongada, a vida extinguiu-se sob o peso de tantos sofrimentos, e, antes de terminar a noite, aquela anciã virtuosa e infortunada exalou o último suspiro nos braços de sua afilhada Pilar e junto do homem a quem amara como a um filho.

A dor da pobre menina foi imensa. Acostumada desde a juventude a ver em dona Antonia uma segunda mãe, a quem amava, Além disso, por seu caráter bondoso e por suas virtudes altas e sólidas, Pilar lhe era sinceramente devotada; e, considerando-a agora abandonada pela filha, com o desinteresse e a abnegação próprios das almas inteligentes e generosas, sua dedicação e seu amor haviam-se convertido em paixão filial.

Assim, seus cuidados, durante a enfermidade da anciã, haviam sido primorosos, e as vigílias e a inquietação sofridas se revelavam em seu belo semblante, pálido e demacrado.

A morte da madrinha, por mais esperada que tivesse sido, produziu-lhe um abatimento indizível; e se, felizmente para ela, o amor de Nicolás, já confessado de maneira tão clara e resoluta, não houvesse vindo consolá-la e fortalecê-la, como um raio de sol, seguramente a alma da boa e sensível jovem teria visto o mundo como uma noite sombria e pavorosa. Mas Nicolás estava ali, seu futuro esposo.

O céu o enviava justamente nos instantes de maior amargura para ela, órfã infeliz, sem patrimônio, sem outro apoio senão dois tios anciãos, e no meio daquela situação cheia de perigos para todos.

Então considerou o jovem não só como o eleito de seu coração, mas como seu salvador, sua Providência; e, fortemente comovida por aquela súbita mudança de sua sorte, por aquele socorro inesperado que parecia enviado por Deus, como para recompensá-la de suas aflições e tristezas, a jovem, dando trégua aos soluços, caiu de joelhos e orou fervorosamente, com um sentimento em que se misturavam, ao mesmo tempo, a dor e a gratidão.

Tirou-a daquele arrebatamento a voz de Nicolás, que lhe disse com ternura e com gravidade religiosa, estendendo a mão para o cadáver da anciã:

— Pilar, eu lhe juro sobre esse cadáver que serei seu esposo, e que não esperarei para cumprir minha promessa senão o tempo do luto. A senhorita é um anjo que eu não mereço.

Pilar lançou-se em seus braços, chorando; os circunstantes, comovidos diante daquela cena, procuraram também consolar a jovem, e Nicolás saiu imediatamente para preparar os funerais de dona Antonia. Como a anciã havia deixado alguns bens, era preciso assegurar-los, uma vez que não deixara testamento, e que a filha única que tinha havia abandonado a casa materna.

Desde logo, as autoridades locais quiseram dispor que se vendessem a casa e a horta para atender aos gastos necessários; mas Nicolás opôs-se a isso, oferecendo fazer as despesas por sua conta, como homenagem à memória de sua virtuosa amiga.

Recusou também encarregar-se do cuidado e da administração daqueles poucos bens, que as autoridades lhe confiavam, alegando razões de delicadeza bem compreensíveis em sua situação; de modo que aquele modesto patrimônio foi ocupado legalmente, mas sem intervenção do honrado ferreiro.

Sepultada a senhora, a cujo enterro compareceram todas as pessoas que haviam estimado suas virtudes, tudo voltou à vida normal, isto é, àquela vida cheia de sobressaltos e perigos que descrevemos.

Nicolás voltou à sua ferraria de Atlihuayan, ainda mais querido por seus patrões por causa de sua nobre conduta; Pilar voltou à humildíssima casa dos tios, que para ela se converteu num Éden, porque seu futuro esposo, esperando a data marcada, visitava-a todas as tardes, como fazia outrora na casa de Manuela.

E esta? Vejamos o que lhe acontecia.

Capítulo XVIII - Entre os bandidos

Manuela, apaixonada pelo Zarco e por isso mesmo cega, não havia previsto inteiramente a situação que a esperava; e, se a havia previsto, não formara dela senão uma ideia convencional.

Sua fantasia de mulher enamorada e inexperiente representava-lhe a existência em que ia entrar como uma existência de aventuras perigosas, é verdade, mas divertidas, romanescas, originais, fortemente atraentes para um caráter como o seu, irregular, violento e ambicioso.

Até ali, desde que se desencadeara aquela nova praga de bandidos na terra quente, ao acabar a terrível guerra civil que despedaçara a República pelo espaço de três anos, e que é conhecida em nossa história com o nome de Guerra da Reforma, não se podia dizer que tais facinorosos houvessem sido perseguidos de maneira formal, ocupado como estava o governo nacional em lutar ainda contra os restos do exército clerical.

Manuela nunca virá levantar-se um patíbulo para um desses companheiros de seu amante.

Ao contrário, virá muitíssimos deles passearem impunemente pelas povoações e pelos campos, em tom de triunfo, temidos, respeitados e festejados pelos ricos, pelas autoridades e por toda a gente.

Se alguma perseguição se lhes fazia, de quando em quando, como aquela que havia fingido o feroz comandante já nosso conhecido, era mais por fórmula, para salvar as aparências; mas, no fundo, as autoridades eram impotentes para combater adversários assim, e todo mundo parecia resignado a suportar tão degradante jugo.

Manuela, pois, figurava que aquela situação, por passageira que fosse, ainda devia durar muito, e que o domínio dos Plateados ia consolidando-se naquela comarca. Além disso, era jovem demais para recordar as tremendas perseguições e matanças levadas a cabo contra os bandidos de outras épocas por forças organizadas pelo governo do Estado do México e postas às ordens de chefes enérgicos e terríveis, como o célebre Oliveros.

Aquilo se passara em tempos já remotos, apesar de não haverem transcorrido desde tais acontecimentos nem quinze anos. Por outro lado, as circunstâncias eram diversas. Naquela época tratava-se de perseguir quadrilhas de salteadores vulgares, compostas de dez, de vinte, quando muito de quarenta bandidos, que se dispersavam ao menor ataque e cujo recurso constante era a fuga.

Vivia-se numa paz relativa, e as forças organizadas de vários Estados podiam concorrer às combinações para atacar uma partida numerosa; as povoações e os fazendeiros ricos podiam prestar seus auxílios; as escoltas percorriam constantemente os caminhos; e homens conhecedores de todas as guaridas serviam de guias ou eram eles próprios os perseguidores.

Mas agora era diferente.

Agora o governo federal se achava preocupado demais com a guerra que ainda sustentavam as hostes de Márquez, de Zuloaga, de Mejía e de outros caudilhos clericais, que ainda reuniam numerosos partidários em torno de si; a intervenção estrangeira era uma ameaça que começava a traduzir-se em fatos, precisamente no tempo em que se verificavam os acontecimentos que relatamos; e, como era natural, a nação inteira se comovia, esperando uma invasão estrangeira que iria produzir uma guerra sangrenta e longuíssima, que de fato se desencadeou um ano depois e que só

terminou com o triunfo da República em 1867.

Todas essas considerações não podiam vir ao espírito da jovem com a lucidez com que se apresentavam aos olhos das pessoas sensatas; mas ela ouvia falar as pessoas sérias que visitavam dona Antonia, ou esta lhe transmitia os rumores que circulavam, e, ainda que vagamente, como as pessoas da multidão costumam resumir a situação pública, mas de modo exato, ela tirava as consequências que lhe importavam para a própria vida futura.

No mais, o estado em que se achavam as coisas na terra quente era claro demais para que ela pudesse alimentar grandes temores pela vida do Zarco.

O certo era que os Plateados dominavam naquela comarca; que o governo geral não podia fazer-lhes nada; que o governo do Estado do México, então desorganizado, e no qual os governadores, militares ou não, sucediam-se com frequência, tampouco podia estabelecer coisa durável; que os fazendeiros ricos tinham de fugir para o México, ou fechar suas fazendas, ou submeter-se à dura condição de pagar tributo aos principais chefes, sob pena de ver incendiados seus campos, destruídas suas fábricas e mortos seus gados e seus dependentes.

O certo era que não se tratava agora de combater quadrilhas de poucos e medrosos ladrões, como aqueles que haviam sido perseguidos em outro tempo, mas verdadeiras legiões de quinhentos, mil e dois mil homens, que podiam reunir-se num instante; que tinham a melhor cavalaria e o melhor armamento do país; que conheciam este até em seus vericuetos mais recônditos; que contavam nas fazendas, nas aldeias, nas povoações, com numerosos agentes e emissários recrutados pelo interesse ou pelo medo, mas que os serviam fielmente; e, por fim, que, adestrados na guerra recém-passada, e na qual muitos deles haviam servido tanto

de um lado como de outro, sabiam o bastante para travar verdadeiras batalhas, nas quais não poucas vezes saíram vitoriosos.

Assim, pois, Manuela, a quem o Zarco também havia instruído em suas frequentes entrevistas acerca das vantagens com que contavam os bandidos, acabava por dissipar suas dúvidas, sabendo que seu amante pertencia a um exército de homens valentes, resolutos, e que dispunham de todos os elementos para estabelecer naquela desditosa terra um domínio tão forte quanto duradouro.

De modo que, de um lado, pelo impulso irresistível de sua paixão, e de outro, convencida por todas as razões que lhe dava o amante e pelo temor da gente que a cercava, acabou por entregar-se resolutamente ao seu destino, segura de que seria tão feliz quanto o havia concebido em seus sonhos malsãos.

Mas, em resumo, Manuela, que não fizera outra coisa senão pensar nos Plateados desde que amava o Zarco, não conhecia realmente a vida que levavam esses bandidos, nem conhecia pessoalmente nenhum deles além de seu amante.

Vira-os várias vezes em Cuernavaca desfilarem diante de suas janelas, formando esquadrões; mas a rapidez daquele desfile e a circunstância de não ter fixado atenção em outro senão no Zarco, que desde então a cativara por sua galhardia e seu luxo, impediram-na de distinguir qualquer outro daqueles homens.

Depois, retraída em Yautepec e encerrada justamente pelo medo que dona Antonia tinha de que fosse vista por aqueles facinorosos, Manuela não voltara a ver nenhum deles, pois, quando costumavam entrar de dia na povoação, ela tivera de esconder-se, ora no curato, ora no mais oculto das hortas, onde a gente preparava esconderijos em que permanecia dias inteiros, até que

passasse o perigo.

Assim, pois, não conhecia os bandidos senão de ouvir falar: tanto pelos relatos sedutores que o Zarco lhe fazia, entremeados, contudo, de alusões a perigos passageiros, que longe de assustá-la lhe causavam emoções pungentes, quanto pelas narrações terríveis da gente pacífica de Yautepec, ainda mais aumentadas por dona Antonia, cuja imaginação acabara por adoecê-la.

Dessas notícias tão contraditórias, Manuela, com parcialidade muito natural em quem amava um bandido, havia formado uma ideia sempre favorável a ele e vantajosa para si mesma.

Pensava que o terror da gente exagerava os crimes dos Plateados; que, com a intenção de inspirar maior horror contra eles, seus inimigos os pintavam como monstros verdadeiramente abomináveis, que nada tinham de humano senão a figura; que a vida de crápula constante em que se dizia estarem atolados quando não andavam em assaltos e matanças não passava de ficção das pessoas aterradas ou cheias de ódio; que os suplícios espantosos a que condenavam suas vítimas não eram senão exageros destinados a infundir pavor e arrancar dinheiro com mais facilidade às famílias dos sequestrados.

Ela acreditava que o Zarco e seus companheiros eram certamente bandidos, isto é, homens que haviam feito do roubo uma profissão especial. Nem isso lhe parecia tão extraordinário naqueles tempos de revolta, em que vários chefes dos bandos políticos que se guerreavam haviam recorrido muitas vezes a esse meio para se sustentar.

Nem o sequestro, que era o recurso mais praticado pelos Plateados, lhe parecia tampouco uma monstruosidade, visto que, embora antes inusitado e por conseguinte novo em nosso país, havia sido introduzido justamente por facciosos políticos e com

pretextos políticos.

De modo que, a seus olhos, os Plateados eram uma espécie de facciosos em guerra com a sociedade, mas por isso mesmo interessantes; ferozes, mas valentes; desordenados nos costumes, mas isso era natural, pois viviam em meio a perigos e necessitavam de violentos desaforos como compensação de suas tremendas aventuras.

Raciocinando assim, Manuela acabava por figurar os bandidos como uma casta de guerreiros audazes e por dar ao Zarco as proporções de um herói legendário.

Aquela mesma guarida, Xochimancas, e aquelas alturas rochosas das montanhas em que costumavam estabelecer o centro de suas operações, apareciam na imaginação da jovem extraviada como essas fortalezas maravilhosas dos antigos contos, ou pelo menos como os acampamentos pitorescos dos exércitos liberais ou conservadores que, pouco tempo antes, haviam aparecido em quase todas as comarcas do país.

Tudo isso Manuela havia pensado em suas horas de amor e reflexão, já resolvida a compartilhar a sorte do Zarco.

Assim foi que, na noite da fuga, esperava entrar num mundo conhecido. De repente, a noite tempestuosa, a chuva, a emoção consequente ao abandono de sua casa e de sua pobre mãe — que sempre lhe causou abalo, apesar de sua paixão e de sua perversidade —, o ver-se já entregue em alma e corpo ao Zarco, tudo isso a impediu de comparar sua situação com seus sonhos anteriores e de examinar os companheiros do amante. Por outro lado, nada havia ainda de extraordinário naqueles momentos.

Escapava de casa com o eleito de seu coração; este, cavalheiro ou bandido, tivera de fazer-se acompanhar de alguns amigos que

enfrentassem o perigo com ele e lhe guardassem as costas: eis tudo. Ela não os conhecia, mas já lhes tinha simpatia pelo simples fato de contribuírem para aquilo que julgava sua felicidade.

Quando, obrigados pela tempestade, tanto ela como o Zarco e seus companheiros se refugiaram na cabana do guarda-campo de Atlihuayan, todos guardaram silêncio e não baixaram seus embuços, de modo que assim, na escuridão e sem falar, Manuela não pôde distinguir-lhes as fisionomias nem conhecer o metal de suas vozes. Algumas palavras em voz baixa, trocadas com o Zarco, foram as únicas que interromperam aquele silêncio exigido pelo lugar.

Mas, às primeiras luzes da aurora, já serenada a chuva, quando o Zarco deu ordem de montar, Manuela pôde examinar os companheiros do amante: embuçados em seus jorongos, sempre cobertos até os olhos com suas bufandas, não deixavam ver o rosto; mas seu olhar torvo e feroz produziu um estremecimento involuntário na jovem, habituada às descrições que se faziam dessas figuras de facinorosos.

Foi então que Manuela, num pedaço de papel que o Zarco lhe deu, escreveu a lápis aquela carta dirigida a dona Antonia, na qual lhe dava parte de sua fuga.

Depois, os fugitivos puseram-se em marcha em direção a Xochimancas, galgando rapidamente a montanha em que vimos aparecer o Zarco pela primeira vez.

A comitiva continuou calada. De quando em quando, Manuela, que ia adiante com o Zarco, ouvia certos risos abafados dos bandidos, aos quais o Zarco respondia voltando-se e piscando o olho, de uma maneira maliciosa que desagradou à jovem.

Depois a cavalgada começou a entrar num labirinto de veredas, umas serpenteando através de pequenos vales encaixados entre altas rochas, outras passando por gargantas escabrosas e abruptas, frequentadas apenas por bandidos e lenhadores.

Por fim, pouco antes do meio-dia, avistaram-se, por entre uma abertura formada por duas colinas montanhosas, as ruínas de Xochimancas, toca então dos Plateados.

De uma altura que dominava aquela fazenda arruinada ouviu-se um assobio agudo, ao qual respondeu outro lançado pelo Zarco; e imediatamente um grupo de cavaleiros se desprendeu dentre as ruínas e, a todo galope, aproximou-se para reconhecer a cavalgada do Zarco, trazendo cada um daqueles homens o mosquete preparado.

O Zarco adiantou-se e, fazendo o cavalo riscar o chão, falou com os do grupo, que voltaram a toda brida para Xochimancas a fim de dar parte.

Poucos momentos depois, o Zarco disse a Manuela, em tom amoroso:

— Já estamos em Xochimancas, minha vida; ali estão todos os rapazes.

Com efeito, entre as velhas e derruídas paredes das casinhas do antigo real, assim como nos portais desmoronados e enegrecidos da casa da fazenda, Manuela viu assomarem numerosas cabeças patibulares, todas cobertas de chapéus prateados, mas não poucas com velhos chapéus de palha; aqueles homens, por precaução, tinham todos na mão um mosquete ou uma pistola.

Algumas vezes, ao passar a comitiva, gritavam maliciosamente:

— Olhem o Zarco! Que maldito!... Que boa presa traz consigo!

— Onde foi que você encontrou esse bom pedaço, Zarco dos diabos? — perguntavam outros, rindo.

— Esta é só para mim — respondia o Zarco no mesmo tom.

— Só para você?... Pois veremos... — replicavam aqueles bandidos. — Adeus, güerita, você é bonita demais para um homem só!

— Se o Zarco tem outras, para que quer tantas? — gritou um mulato horroroso que trazia o rosto enfaixado.

O Zarco, por fim enfadado, voltou-se e disse com o cenho carregado:

— Querem calar a boca, seus grandíssimos!...

Um coro de gargalhadas lhe respondeu; a comitiva apressou o passo em direção a uma capela arruinada, que era o alojamento do Zarco, e este disse a Manuela, inclinando-se para ela e abraçando-a pelà cintura:

— Não ligue para eles; são muito brincalhões. Você vai ver como são bons!

Mas Manuela sentia-se profundamente contrariada. Vaidosa como era, e embora soubesse que se entregava a um foragido, esperava que esse foragido, que ocupava entre os seus um posto semelhante ao que ocupa um general entre suas tropas, tivesse altos privilégios e considerações.

Acreditava que os capitães de bandoleiros eram algo tão temível que faziam tremer os seus com um só olhar, ou então que eram tão amados que não viam ao redor senão fronte respeitosas e não ouviam senão aclamações de entusiasmo. E aquela recepção no quartel-general dos Plateados a deixara gelada.

Mais ainda: sentira-se ferida em seu orgulho de mulher e, pode-se dizer, em seu pudor de virgem, ao ouvir aquelas exclamações zombeteiras, aquelas pilhérias malignas com que a saudaram ao chegar, ela que ao menos esperava ser respeitada por ir ao lado de um dos chefes daqueles homens.

Porque, de fato, ela não podia esquecer tão depressa, por corrompida que se achasse moralmente e por cega que estivesse de amor e cobiça, que era uma donzela, filha de pais honrados, uma jovem que, havia pouco, estava cercada pelo respeito e pela consideração de todos os vizinhos de Yautepec.

Jamais em sua vida haviam chegado a seus ouvidos expressões tão cínicas como as que acabava de escutar; nem os galanteios que costumam dirigir-se às jovens formosas, e que alguma vez lhe haviam lançado ao passar, tinham esse caráter de infame desvergonha e de odiosa injúria que acabavam de lhe arremessar ao rosto, na presença mesma daquele que devia protegê-la, de seu amante.

Sentiu, pois, que o semblante se lhe acendia de cólera; mas quando o Zarco se voltou para ela, sorridente, para dizer-lhe: “Não ligue para eles!”, seu amante lhe pareceu não apenas tão cínico como seus companheiros, mas covarde e desprezível. Disse consigo mesma, por comparação muito natural naquele momento, que Nicolás, o altivo ferreiro indígena cujo amor ela havia desdenhado, jamais teria permitido que a amada de seu coração fosse ultrajada daquela maneira.

Por rápido que tivesse sido esse juízo, foi totalmente desfavorável ao Zarco, que, se houvesse podido contemplar o fundo do pensamento de Manuela, teria estremecido ao ver nascer naquela alma, que transbordava de amor por ele como uma flor pomposa, o verme do desprezo.

A palidez intensa que sucedeu ao rubor da indignação no semblante da jovem deveu ser notável, porque o Zarco a percebeu; e, inclinando-se de novo para ela, disse-lhe em tom meloso:

— Não se zangue, minha alma, pelo que dizem esses rapazes! Já lhe disse que eles têm modos muito diferentes dos seus. É claro, pois não somos frades nem catrins! Nós temos nossas falas próprias, mas é preciso que você vá se acostumando, porque vai viver conosco, e há de ver que todos esses brincalhões são bons sujeitos e vão gostar muito de você. Eu lhe disse, Manuelita, eu lhe disse que não estranhasse, e você me prometeu acostumar-se à nossa vida!

Esse eu lhe disse do Zarco ressoou como um açoite aos ouvidos da jovem aturdida. Com efeito, começava a sentir a imprudência de sua promessa e os extravios e cegueiras da paixão. Inclinou a cabeça e não respondeu ao Zarco senão com um gesto indescritível em que se misturavam a repugnância e o arrependimento.

Entretanto, já haviam chegado à capela arruinada que servia de alojamento ao Zarco, pois os aposentos da antiga casa da fazenda estavam reservados a outros chefes daqueles bandoleiros.

Aquele lugar, antes sagrado, achava-se agora convertido em guarida de chacais. À porta, e à sombra de algumas arvorezinhas que haviam enraizado nas paredes cheias de fendas ou entre as lajotas soltas e cobertas de capim, estavam dois grupos de bandidos jogando cartas em torno de um sarape estendido, que servia de tapete e continha as apostas, as cartas e algumas garrafas de aguardente de cana e copos.

Alguns dos jogadores estavam acorados; outros, de pernas cruzadas; outros, estendidos de bruços; uns cantarolavam, com voz aguda e nasal, canções de taverna; todos traziam os chapéus

postos e todos estavam armados até os dentes.

Não longe deles estavam seus cavalos, amarrados a outras árvores, sem freios, com as cilhas das selas frouxas, comendo alguns molhos de palha de milho; e, por fim, trepado numa parede alta, vigiava outro bandido, pronto a dar o sinal de alarme em caso de novidade.

Assim, pois, aqueles malvados, ainda que se sentissem seguros em semelhante época, não descuidavam nenhuma das precauções para evitar serem surpreendidos, e só assim se entregavam com tranquilidade a seus vícios ou à satisfação de suas necessidades.

Manuela abarcou com um só olhar aquele espetáculo; e, ao contemplar aquelas fisionomias de patíbulo, aqueles trajes cobertos de prata, aquelas armas e aquelas precauções, não pôde deixar de estremecer.

— Quem são esses? — perguntou curiosa ao Zarco.

— Ah! — respondeu ele. — São meus melhores amigos, meus companheiros, os chefes... Félix Palo Seco, Juan Linares, o Tigre, o Coyote, e aquele güerito que se levanta é o principal... é Salomé.

— Salomé Plasencia?

— Ele mesmo.

Com efeito, era Salomé, o capataz mais famoso daqueles malvados, uma espécie de Fra Diávolo da terra quente, o bandoleiro magricela e audaz que havia conseguido, graças à situação que descrevemos, estabelecer uma espécie de senhorio feudal em toda a comarca e fazer inclinar, diante de sua miserável pessoa, as fronteiras mais soberbas dos ricos proprietários do rumo.

Salomé adiantou-se para receber o Zarco e sua comitiva.

— Que há, Zarco? — disse-lhe com voz aflautada, estendendo-lhe a mão. — Caramba! — acrescentou, olhando para Manuela. — Que moça bonita você arranjou! — e depois, tocando o chapéu e saudando Manuela, disse-lhe: — Bom dia, güerita... bendita seja a mãe que a pariu tão linda!...

Os outros bandidos também se haviam levantado e rodeavam os recém-chegados, cumprimentando-os e dirigindo galanteios à jovem. O Zarco apeou, rindo às gargalhadas, e foi descer Manuela, que se achava aturdida e não conseguia sorrir nem responder àqueles homens. Não estava acostumada a semelhante companhia e lhe era impossível imitar seus modos e sua fraseologia cínica e brutal.

— Vamos, aqui há fresco! — disse um dos do grupo, trazendo um copo de aguardente, daquela aguardente de cana forte, acre e desagradável que o vulgo chama chinguirito.

— Não — disse o Zarco, afastando o copo —, esta menina não toma chinguirito, não está acostumada; o que queremos é almoçar, porque andamos quase a noite toda e toda a manhã, e não provamos bocado.

— Vamos, mulheres! — gritou às pessoas que estavam dentro da capela, da qual se exalava, juntamente com a fumaça da lenha, certo cheiro de guisados campestres. — Preparem-nos o almoço, e tomem isto — acrescentou, estendendo a maleta que continha a roupinha de Manuela; esta conservou apenas seu saco de couro, em que guardava as joias, que nunca lhe pareceram tão perigosas quanto naquele lugar.

Um grupo de mulherzinhas, esfarrapadas e sujas, apressou-se em receber aquelas coisas; e os recém-chegados penetraram naquele pandemônio, em que se aglomeravam objetos variegados e estranhos, e pessoas de catadura diversa.

Aqui, perto da porta, estava a cozinha de fumaça, isto é, o fogão de lenha em que se coziavam as tortillas, e junto do qual se achava a moedeira com seu metate e os demais acessórios. Um pouco mais longe havia outro fogão, no qual se preparavam os guisados em panelas ou caçarolas negras.

Do outro lado havia selas de montar postas em paus atravessados, cordas em que se pendurava a roupa, isto é, calzoneras, jaquetas, sarapes, túnicas velhas de percal ou de lã; num canto, revolviam-se um enfermo de febre, com a cabeça envolta num lenço grande, rasgado e sujo; mais além, um grupo de mulheres despenteadas remendava roupa branca ou fazia ataduras; e, por fim, no fundo da capela, junto ao altar-mor, convertido em escombro, e separada da nave por uma cortina feita de lençóis e esteiras, ficava a alcova do Zarco, que continha um catre de campanha, colchões jogados no chão, alguns bancos de madeira e alguns baús de madeira forrados de couro.

Tal era o mobiliário que aquele galã ia oferecer à jovem dama que acabava de arrebatá-lo de seu lar tranquilo.

— Manuelita — disse-lhe, conduzindo-a àquele canto —, isto, como você vê, está muito feio, mas por enquanto é preciso conformar-se; depois você terá coisa melhor. Agora vou lhe trazer o almoço.

A jovem sentou-se num daqueles bancos; e ali, coberta pela cortina, sentindo-se a sós, deixou cair a cabeça entre as mãos, desfalecida, esmagada; e, ouvindo as gargalhadas dos bandidos bêbados, suas blasfêmias, as vozes agudas das mulheres, respirando aquela atmosfera pesada, pestilenta como a de uma prisão, não pôde deixar de arrancar os cabelos em desespero e, derramando duas lágrimas que lhe queimaram as faces como duas gotas de fogo, murmurou com voz rouca:

— Jesus!... Que fui eu fazer!

Capítulo XIX - Xochimancas

Introduzimos o leitor numa das madrigueiras dos famosos Plateados, a qual, naquela época nefasta que transcorreu dos últimos meses de 1861 aos últimos de 1862, serviu de quartel-general aos temíveis e espantosos bandidos que foram a calamidade e a desonra de nosso país.

Era Xochimancas, e ainda é, uma fazenda arruinada, isto é, uma propriedade rural, com bons terrenos próprios para o cultivo da cana-de-açúcar ou do milho, com águas abundantes, clima ardoroso e, em suma, com todos os elementos necessários para uma agricultura tropical, produtiva e fecunda.

O algodão, o café, o anil, a cana-de-açúcar podem propagar-se ali do mesmo modo que nos terrenos mais férteis da cañada de Cuernavaca ou dos distritos de Tetecala, Yautepec, Morelos ou Jonacatepec, rendendo ao agricultor cento por um.

Por que naquela época não se viam, naquele pequeno e ardente vale, as belas plantações dos ricos engenhos que havia nas outras comarcas mencionadas?

Não o sabemos ao certo. Xochimancas, já naquele tempo, era uma ruína; mas isso revelava que, em épocas passadas, seguramente desde a dominação colonial, havia sido cultivada pelos espanhóis como uma boa propriedade rural, que rendia pingues produtos. De quando datava sua decadência e sua ruína? Não o averiguamos, embora fosse fácil fazê-lo, nem isso importa grande coisa para a narração destes acontecimentos.

Mas é evidente que o lugar é próprio para o cultivo, e que só a apatia, a negligência ou circunstâncias muito particulares e passageiras poderiam tê-lo convertido em guarida de malfeitores,

em vez de apresentar o aspecto risonho e promissor de um campo de trabalho e atividade; porque o próprio nome, de origem náhuatl, indica que, desde a época anterior à conquista espanhola, esse lugar era fértil e ameno, e talvez nele tenha tido assento um povo de jardineiros.

O ilustrado jovem engenheiro Vicente Reyes, em sua preciosa obra inédita intitulada Onomatologia geográfica de Morelos, diz, explicando o hieróglifo correspondente a Xochimancas:

Xochimancas: Fazenda da Municipalidade de Tlaltizapan, no distrito de Cuernavaca. Etimologia: Xochimanca, lugar de cuidadores e produtores de flores; de Xochimanqui, o cuidador e produtor de flores, e ca. Formamos o nome pictórico com o grupo que, na coleção Ramírez, serve para decifrar a palavra Xochimancas, Xochimanque.

E depois, citando o velho cronista Sahagún, acrescenta: Na festa celebrada no terceiro mês, Tozostontli, ofereciam-se as primícias das flores que naquele ano primeiro nasciam no templo chamado Yopico; e, antes que as oferecessem, ninguém ousava cheirar flor alguma.

Os oficiais das flores, que se chamavam Xochimanqui, faziam festa à sua deusa chamada Coatlycue, e por outro nome Cuatlanton.

E o laborioso e erudito antiquário Cecilio A. Robelo, em seus Nomes Geográficos Mexicanos do Estado de Morelos, obra apreciabilíssima, diz, citando outro antigo cronista, Torquemada: Xochimancas. Xochimán? Lugar em que se cuidavam ou produziam as flores que se ofereciam aos deuses. Entre as divindades dos astecas achava-se a Cohuatlicue ou Cohuatlantona, cobra resplandecente, deusa das flores, a quem se ofereciam, no mês Tozostontli, ramos de flores formados com precioso artifício.

Os oficiais encarregados do cultivo dessas flores e de formar os ramos chamavam-se Xochimanqui. O lugar que no Estado leva o nome de Xochimancas talvez estivesse destinado ao jardim da deusa, ou à morada dos Xochimanqui, e daí talvez tenha tomado o nome, cuja terminação, como nome de lugar, não pudemos encontrar.

Assim, pois, parece que, na antiguidade asteca, esse lugar, hoje abandonado e ermo, foi um jardim, certamente um vasto jardim, talvez uma cidade cheia de hortas e flores, um lugar ameno e delicioso consagrado ao culto da flora asteca, a cujos pés os inteligentes e bravos tlahuica, habitantes desta comarca e célebres floricultores, ofereciam, como homenagem, ricos em aromas e cores, os mais belos produtos de sua terra, amada do sol, do ar e das nuvens.

Só que, como diz nosso sábio mestre, o historiador Orozco y Berra: Por regra geral, nem sempre é fácil assinalar os povos atuais correspondentes aos nomeados nas antigas crônicas, porque, se muitos conservam seu nome primitivo, embora estropiado, outros mudaram de denominação, transformaram-se em fazendas ou ranchos, ou desapareceram completamente.

Xochimancas transformou-se seguramente, depois da conquista, de Jardim ou cidade de jardins em fazenda, com encomendeiros e escravos; depois em ruínas e guaridas de feras e répteis; e por último em guarida de ladrões, e o que é pior, como veremos, em lugar de torturas e assassinatos.

Triste sorte a de um lugar consagrado pelos inteligentes e doces índios à religião do belo!

Capítulo XX - O primeiro dia

Manuela passou os cinco primeiros dias de sua permanência em Xochimancas presa de cem emoções diversas, terríveis e capazes de quebrantar um organismo mais forte que o seu.

O primeiro dia foi horrível para ela.

A surpresa que lhe causou o espetáculo daquele acampamento de malfeitores; a estranheza que naturalmente lhe produziram aqueles hábitos repugnantes, que não tinham sequer a novidade da vida selvagem; a ausência dos seres que havia amado, de sua mãe, de Pilar, de algumas pessoas amigas; até a falta dessas sensações a que se está habituado e que, na vida normal, passam despercebidas, mas, quando desaparecem, produzem um vazio imenso; as tarefas do dia, os toques dos sinos, o ruído dos animais domésticos, o rumor distante das gentes do povoado, a oração em certas horas, todo, todo aquele sistema de vida simples, comum, pouco variável numa pequena povoação, mas que se poderia dizer que molda o caráter e forma a disciplina da existência, tudo aquilo havia desaparecido em poucas horas.

Por mais resolvida que Manuela estivesse a sofrer essa mudança, por mais antecipada que houvesse sido em sua imaginação aquela vida nova, era impossível que, no ânimo da jovem inexperiente, a realidade deixasse de causar-lhe uma impressão profundíssima. Ela, enamorada como estava do jovem bandido, havia poetizado aquela vida, aqueles companheiros, aqueles horrores. Já dissemos que criara em sua fantasia, rústica como era, um tipo especial, romanesco e heroico.

A jovem que ama, por ignorante que seja, ainda que se a suponha selvagem, é sempre um pouco poeta. Atala é verossímil; Virgínia o é muito mais. Os amantes dos antigos poemas bárbaros

são inteiramente reais.

Que há de estranho que Manuela, que recebera alguma educação, que vivera numa povoação culta e que até lera alguns livros romanescos, desses que penetram até nas aldeias e nos campos, houvesse forjado para si um ideal extraordinário, revestindo seu amante bandido com os arreios de uma imaginação extraviada?

Mas Manuela, ao pensar assim, estava muito longe da realidade, e seu sonho ia desfazer-se no momento em que a tocasse de perto.

Em primeiro lugar, nunca pôde imaginar que o ninho a que a conduziria aquele milhafre das montanhas fosse essa galé infecta de presidiários ou mendigos. Supunha que o Zarco a levaria a alguma cabaninha selvagem, escondida entre os bosques, ou a alguma gruta aberta entre as rochas que costumava divisar ao longe, entre os picos denteados da serra. Esse, esse esconderijo era digno da amante de um bandido, de um inimigo da sociedade.

Ali estariam sós; ali seriam felizes; ali ocultariam seus amores criminosos, mas livres. Ali ela o esperaria preparando a comida, palpitante de paixão e inquietude. Ali, sob um teto rústico e sentada sobre o musgo, acariciaria aquela fronte querida que acabava de expor-se ao perigo de um combate, beijaria aqueles olhos fatigados pela vigília da emboscada ou do assalto noturno, ou, reclinando-o sobre o peito, velaria pelo amante enquanto ele dormisse.

Quando o perigo fosse terrível, quando houvesse necessidade de fugir pela aproximação das tropas do governo, ali viria o Zarco buscá-la para pô-la na garupa de seu cavalo e escapar; ou lhe ordenaria esconder-se no mais oculto do bosque ou das barrancas enquanto pudesse voltar para buscá-la. Ali também ela teria um lugarzinho, conhecido só dela, para guardar suas valiosas joias.

Tal era o conceito que formara do lugar em que teria de viver com seu amante, enquanto pudessem afastar-se daquele rumo e ir casar-se onde não os conhecessem.

Em vez de encontrar esse retiro misterioso e agreste, o Zarco a levava a essa espécie de cárcere ou masmorra, para fazê-la viver misturada com mulheres bêbadas e andrajosas, com bandidos ousados que não respeitavam as amantes de seus companheiros e que logo iriam tratá-la com familiaridade, ultrajá-la, talvez roubá-la, em alguma ausência do Zarco; e talvez — e isso era o mais horroroso, a julgar pelas pilhérias ameaçadoras daqueles facinerosos e pela atitude passiva e tolerante do Zarco —, cansado ele de seu amor, fosse abandoná-la nas mãos de um daqueles sátiros vestidos de prata, talvez daquele espantoso demônio de mulato gigantesco que a saudara com uma frase sarcástica, cujo tom lhe fizera o efeito de um punhal no coração.

Todas essas considerações haviam tornado sombrio para Manuela aquele primeiro dia, que ela sonhara como um dia luminoso, alegre, um dia nupcial de embriaguez e deleite.

Com semelhante impressão, até as carícias do Zarco, que naturalmente redobram nas horas em que, enfim, se encontravam unidos, foram insuficientes para tranquilizá-la e devolver-lhe a ilusão perdida.

A verdade é que — e esse fenômeno aparece com frequência no espírito da mulher enamorada — o amante que, nas entrevistas noturnas, aparecia sempre cheio de prestígio, agora havia perdido muito dele. Agora ela o via de perto, vulgar, grosseiro, até covarde, pois suportava rindo as insultantes chacotas de seus companheiros, que feriam profundamente a mulher que amava.

Não era, portanto, o Zarco o homem terrível que infundia pavor e respeito a seus sequazes. Ela supunha que, mesmo entre ladrões,

a mulher do chefe devia ser um objeto sagrado, algo como a mulher de um general entre soldados. Longe disso, tratavam-na como uma mulherzinha, como a presa de um assalto, e ela vinha aumentar o número das infelizes criaturas que compunham aquela espécie de harém nauseabundo que se alojava, como uma tribo de ciganas, na velha capela.

Talvez a elas aludisse o mulato quando dissera, ao entrar Manuela:

— Se o Zarco tem outras! Pra que quer tantas?

Aquilo era abominável.

Decididamente, Manuela sentia que já não amava o Zarco, que se havia enganado acerca dos sentimentos que a tinham obrigado a escapar de casa.

Mas então, examinando-se mais profundamente, sondando o abismo escuro de sua consciência, acabava por compreender, com terror, que havia nela outra paixão que a sustentara naquele amor malsão, que a seduzira tanto quanto o prestígio pessoal do Zarco, e essa paixão era a cobiça — uma cobiça desenfreada, louca, verdadeiramente absurda, mas irresistível, e que lhe havia corrompido o caráter.

E, irritada por essa consideração, rebelava-se contra ela, negava-a, e com grande aparência de razão.

Não podia ser a cobiça, não podiam ser as valiosíssimas joias que o Zarco lhe levava quase todas as noites de suas entrevistas, que tivessem influído sobre ela para amar o bandido; tampouco podiam ser as esperanças de obtê-las ainda melhores pelos roubos sucessivos; porque, afinal, aquele tesouro e o que se reunisse depois, isto é, o capital já possuído e o que se esperava, podiam desaparecer num instante com a morte do bandido, com sua

derrota.

Nada havia mais inseguro que aquele dinheiro de ladrões.

Por outro lado, a mulher ama as joias pelo prazer de ostentá-las em público, e ela não podia exibi-las diante de ninguém, ao menos por ora. Não nas povoações, porque não podia descer a elas; tampouco diante daqueles malfeitores, porque lhes dariam tentações de arrebatá-las.

Além disso, se tivesse sido o desejo de luxo que a guiara em sua afeição pelo Zarco, ele a teria decidido de preferência em favor de Nicolás, porque o ferreiro possuía já uma fortuna regular e limpa; e, embora fosse econômico, como todo homem que tem moralidade e que ganha dinheiro com seu trabalho difícil, é certo que, enamorado como estava dela, lhe teria dado tudo quanto quisesse para vê-la feliz.

Assim, pois, não era a cobiça que a havia lançado nos braços daquele amante; era o amor, era a fascinação, era uma espécie de vertigem que a fizera enlouquecer e abandonar tudo — mãe, lar, honra, tudo quanto há de respeitável e sagrado — para seguir aquele homem sem o qual, ainda dois dias antes, não podia viver.

E agora!...

Mas aquilo era espantoso! Manuela julgava sair de um sonho horrível. Haviam-lhe bastado algumas horas para compreender tudo o que havia de execrável em sua paixão e tudo o que havia de irremediável em sua desventura. E era que, dissipando-se sua ilusão malsã e apagando-se por isso a chama impura que lhe abrasara o coração, ia reaparecendo a luz em sua consciência, e ela apalpava a fria realidade com seu cortejo de verdades aterradoras.

A tão dolorosa revolução, que se operava cada vez mais intensa, agregavam-se, como é de supor, as lembranças pungentes da pobre anciã, da doce e terna mãe, tão honrada, tão amorosa, a quem havia enganado vilmente, a quem abandonara no maior desamparo, a quem havia assassinado; porque era certo que, ao despertar, ao procurá-la por toda parte em vão, ao saber por sua carta que havia fugido, o desespero da infeliz senhora não teria tido limites...

Ela adoecera e ia morrer!

Manuela nem queria pensar nisso; e assim, esmagada por tantas emoções, torturada por tantos remorsos, apoderavam-se dela o desalento, o tédio da vida, e sentia que seu coração ia perder-se.

O castigo de sua falta não se fizera esperar muito tempo.

Enquanto isso, o Zarco lhe prodigalizava mil cuidados, enchia-a de atenções; esmerava-se, acompanhado dos bandidos e das mulheres, em compor o aposento que lhe estava destinado na capela, trazendo esteiras novas, estendendo jorongos, pendurando algumas estampas de santos e, sobretudo, mostrando-lhe seus baús, nos quais havia alguns sacos de pesos, alguma baixela de prata misturada com arreios de cavalo, cortes de vestidos de seda, roupa branca de homem e de mulher, e mil outros objetos estranhos.

Dir-se-ia que aquelas arcas eram verdadeiros ninhos de pega, nos quais tudo o que fora roubado estava revolido confusamente.

— Tudo isto é seu, Manuelita, seu e de mais ninguém; aqui estão as chaves, e eu lhe trarei mais.

Manuela sorria tristemente.

O Zarco, ao vê-la assim, acreditava que ela estranhava a mudança de vida; mas nem por um momento pôde suspeitar o que se havia efetuado no ânimo de sua amada, de cuja paixão estava cada vez mais seguro.

Assim, preveniu aquelas mulheres de que a entretivessem, de que a distraíssem, elogiando-lhe a existência que se levava ali, as diversões que se improvisavam e, sobretudo, a fortuna do Zarco em seus assaltos e suas presas.

À tarde, o Zarco trouxe-lhe dois bandidos que cantavam acompanhando-se ao violão e lhes encarregou que entoassem suas melhores canções. Manuela os viu com horror; eles cantaram uma longa série de canções, dessas canções fastidiosas, disparatadas, sem sentido algum, que o populacho canta nos dias de embriaguez.

Os bandidos as entoavam com essa voz aguda e destemperada dos camponêses da terra quente, voz de eunuco, estridente e desagradável, parecida com o canto da cigarra, e que não se pode ouvir por muito tempo sem intenso fastio.

Manuela sentiu-se aborrecida, e os músicos, percebendo-o, muito contrariados por não terem agradado à catrina, deram-lhe boa-noite e se retiraram.

Chegou a noite, a noite pavorosa e lúgubre daquele acampamento de bandidos. Manuela foi assomar-se à porta da capela, desejosa de respirar ar puro e de contemplar o aspecto daquele lugar que começava a lhe parecer perigosíssimo, apesar de ter o Zarco por amparo.

A noite estava sombria e, como a anterior, ameaçava tempestade. As luzes que brilhavam por entre as janelas e as fendas daquelas ruínas lhes davam um aspecto ainda mais

espantoso.

Aqui e ali cruzavam patrulhas a cavalo que iam de avançada ou faziam a ronda; reinava um silêncio sepulcral. A noite é favorável aos malfeitores quando se emboscam ou empreendem um assalto; mas está cheia de terrores e perigos também para eles, se descansam na guarida. Assim, seu sono nunca é tranquilo e se perturba a cada rumor do arvoredo, a cada galope que se ouve ao longe, a cada assobio do vento, a todo ruído estranho.

Ainda que estivessem seguros, como estavam os Plateados em Xochimancas, já o dissemos, não descuidavam de nenhuma precaução. Assim, seu campo estava guardado por avançadas, por escutas, por rondas; e, mesmo assim, os chefes não dormiam senão com um olho.

Naquela ocasião, tinham um motivo a mais para estar alertas. O rapto de Manuelita devia ter causado grande alvoroço em Yautepec. O ferreiro de Atlihuayan, homem perigoso para os Plateados, e que os odiava de morte, pretendente desprezado da jovem, devia ter posto em alarme os vizinhos e seus amigos daquela fazenda. Era grande conhecedor daqueles terrenos e muito audaz e valente.

Além disso, naquele dia havia chegado a Yautepec a cavalaria que fora perseguir os assaltantes de Alpuyecá; e, embora os Plateados soubessem a que se ater quanto à bravura daquela tropa, nada haveria de estranho se, animada pelo ódio do ferreiro e pela resolução dos vizinhos, ela se houvesse determinado a atacá-los.

Já vimos que a previsão dos bandidos não carecia de fundamento, e que aquilo que temiam foi tentado por Nicolás, embora em vão, por causa da covardia do comandante.

Assim foi que a vigilância se redobrou em Xochimancas.

Salomé, o principal chefe dos Plateados, havia dito ao Zarco, ao escurecer:

— Deus queira, Zarco, que sua gûera não nos venha trazer algum prejuízo. É necessário ter cuidado; você vá com ela, fique bem tranquilo e divirta-se, vale — acrescentou, piscando-lhe o olho e rindo maliciosamente —, que eu fico velando. Adiantei os rapazes por todos os caminhos, e Félix se adiantou até perto de Atlihuayan, caso haja alguma coisa. Portanto, vá, vá embora, e durma bem.

Disse-lhe ainda algumas outras frases, mas deviam ser tais que não quis pronunciá-las senão em voz baixa e ao ouvido do Zarco. O caso é que os dois se separaram rindo às gargalhadas. Salomé montou a cavalo e, seguido de uma vintena de cavaleiros, foi fazer a ronda. O Zarco dirigiu-se à capela, onde todos já dormiam, menos Manuela, que o esperava sentada em seu banco, carrancuda e chorosa.

Capítulo XXI - A orgia

Assim se passaram alguns dias, que pareceram séculos a Manuela, séculos de tédio e tristeza. Já lhe era impossível habituar-se àquela existência entre os bandidos, pois, à medida que o Zarco a tratava com maior intimidade, sendo ela já sua amante, sentia maior desapego por ele, desapego complicado com uma espécie de medo ou de horror ao homem que pudera arrastá-la até aquele abismo.

Por necessidade de sua nova vida, Manuela tivera de travar relações, se não de amizade, ao menos de familiaridade com aquelas mulheres que habitavam a capela com ela, e até com as amantes dos outros bandidos que viviam em outra parte.

Entre elas fazia distinção de uma, não porque fosse menos perversa, mas porque conhecia muito bem Yautepec, onde havia residido muitos anos, e lhe falava sempre de pessoas conhecidas suas: de dona Antonia, de Pilar, de Nicolás, sobretudo de Nicolás, a quem conhecia muito.

— Ai, Manuelita! — dissera-lhe essa mulher no primeiro dia em que travaram conversa —, eu me alegro muito de que a senhora esteja conosco, porque é tão bonita e tão graciosa, e porque quero bem ao Zarco e meu homem também gosta dele; mas nem por isso deixarei de lhe dizer que fez uma grande tolice vindo para cá com ele. Se ele a tivesse posto em algum dos povoados, ou fazendas, ou ranchos onde temos amigos, teria feito melhor, e a senhora estaria mais segura e mais contente.

Mas aqui, minha alma, a senhora vai sofrer muito. Para nós, que seguimos nossos homens em todas as guerras e andamos com eles por tudo quanto é canto, esta vida já não é pesada; ao contrário, até gostamos dela, porque, enfim, estamos acostumadas,

e as aventuras que nos acontecem às vezes são divertidas, fora que também temos nossa parte em certas ocasiões, e nos cabem coisas razoáveis.

É verdade que também passamos bons sustos, e há dias em que não comemos e noites em que não dormimos, e nossos homens nos batem e nos maltratam; mas, já digo, estamos acostumadas, e nada nos abala. Mas a senhora, uma menina que sempre viveu tão recolhida, tão metidinha em casa, tão cuidada por sua mãe, que tem o rostinho tão fino e o corpinho tão delicado, e que não foi feita para passar trabalhos, a verdade, minha alma, é que tenho muito medo de que adoeça ou lhe aconteça alguma desgraça.

Agora mesmo está vendo: a senhora está muito triste; nota-se logo no rosto que não está contente, não é?

Manuela respondeu apenas derramando um mar de lágrimas.

— Pobrezinha! — continuou aquela mulher. — Eu a conheci há dois anos, lá em Yautepec, tão formosa, tão decente, tão bem vestida! Parecia uma Virgem, e os gachupins da loja e todos os rapazes bem-apessoados da povoação gostavam muito da senhora, embora eu lhe fale francamente: nenhum deles valia coisa alguma em comparação com dom Nicolás, o ferreiro.

Ele, pobrezinho, é trigueiro, é feio, é desajeitado, como índio que é, e artesão; mas dizem que é muito trabalhador, que já tem seu dinheiro e que gostam muito dele.

Aqui não se pode falar bem dele, porque têm medo dele, e é o único em quem não puderam dar um golpe, porque é muito valente e não se deixa apanhar; e como não tem terras, nem gado, nem coisa alguma que possam tomar dele, mas tem dinheiro sabe Deus onde, então seria preciso apanhá-lo para lhe dar tormento e

obrigá-lo a entregar. Mas não se pôde, porque ele é muito desconfiado e anda sempre muito bem armado e com outros companheiros, também resolutos.

Mas esse, sim, teria lhe convencido, menina; e ele andava enamorado da senhora havia muito tempo, e todos sabiam! Isto é falar a verdade, e Deus me livre de que o Zarco me ouvisse, porque me arrancava os olhos, mas é a verdade. O Zarco é certo que é bonito e simpático, bom para a briga e tem muita fortuna; mas lhe direi: tem mau gênio, e se continuar vendo a senhora triste, vai se zangar, e pode ser que...

— Que? — interrompeu Manuela com vivacidade. — Que me bata?

— Pois... escute, Manuelita, não seria difícil! Ele gosta muito da senhora, mas já lhe digo, tem muito mau gênio...

— Pois era só o que me faltava! — replicou Manuela. E depois acrescentou com amargura: — Não, não o fará; e por que havia de fazer? Que motivo lhe dou?

— Claro que nenhum; ao contrário, ele está muito enamorado da senhora; mas justamente por isso, ele é muito bruto, e, se a vir triste, talvez acredite que a senhora não o ama, que está arrependida de tê-lo seguido, e seria capaz de matá-la num acesso de raiva...

Eu lhe aconselho que se mostre mais alegre, que dissimule, que faça o Zarco conhecer que está contente, que se entenda conosco, que aguente as pilhérias dos rapazes, que também já perceberam que a senhora não gosta deles; enfim, que vá se acostumando à nossa vida, porque afinal, agora, minha alma, a senhora é do Zarco, e, salvo alguma desgraça, como por exemplo que o matem, tem de andar sempre com ele, se não conseguir, com jeitinho, que ele a

leve para outra parte. Mas então pode ser pior; porque terá de lidar com as pessoas, que desconfiariam da senhora, e além disso com os ciúmes do Zarco, que estando longe da senhora há de andar sempre desconfiado, e ao menor mexerico que lhe contem haverá brigas e mortes, e a senhora se arrependerá de ter se separado dele.

Portanto, é melhor que faça o que lhe digo: muita dissimulação e ganhar o carinho de todos.

Manuela compreendeu facilmente que aquela mulher tinha razão, e que, embora amarga e desagradável, lhe pintara, com a verdade própria da experiência, a existência que teria de levar. As razões que lhe dava não tinham réplica. Tudo o que lhe acontecia e ainda haveria de acontecer não era senão a consequência inevitável de seu atordoamento, de sua cegueira, de sua insensatez. Precipitada de cabeça no abismo, não havia desvio possível: tinha de cair até o fundo.

Assim, pois, não havia escapatória; era como uma avezinha presa nas redes, como uma mosca envolta na negra teia de uma aranha monstruosa, e tanto mais envolta quanto maiores fossem os esforços para sair dela. A essa consideração, Manuela sentia circular pelo corpo um calafrio de morte, e apoderava-se dela um forte desejo de escapar, de voar, ao qual sucediam depois um desmaio e um desalento indescritíveis.

Fingir! Dissimular! Aquilo era horroroso; e, no entanto, não lhe restava outro caminho. Propôs-se, pois, logo depois, mudar inteiramente de conduta e enganar o Zarco para inspirar-lhe confiança, a fim de aproveitar a primeira oportunidade para escapar de suas garras.

Semelhante vida estava cheia de vicissitudes, de aventuras; nem sempre estariam naquela madrigueira, nem sempre andariam

por aqueles vericuetos. Era possível que alguma vez tivessem de atravessar perto de alguma cidade; então ela se refugiaria ali, apelaria às autoridades, chamaria em seu auxílio; talvez encontrasse Nicolás, inspirasse-lhe compaixão, e ele a salvaria — ele, a quem os bandidos tanto temiam; ele, tão valente, tão honrado e tão generoso.

Porque, como é de supor, dada a mudança de ideias que se operara no espírito de Manuela, à medida que a figura do Zarco se ia cobrindo com as sombras do medo, do horror e talvez do ódio, a do jovem ferreiro se ia iluminando com nova e rosada luz.

Nicolás, até para aquela mulher que não fazia senão dizer a verdade, valia mais que o Zarco, mais que todos aqueles bandidos que o temiam. Não era dotado de bela figura, mas, em compensação, que alma tão formosa possuía! Manuela já aprendera, em tão poucos dias, a estimar o que vale a aparência quando comparada ao fundo. O Zarco, jovem, bonito, gracioso antes para ela, hoje lhe inspirava horror.

Nicolás, o operário rude, o índio bronzeado, de mãos negras e grossas, brandindo o martelo junto à bigorna, coberto com seu avental de couro, iluminado pelos fulgores avermelhados da forja e ganhando a vida com seu honradíssimo trabalho, parecia-lhe agora belo, cheio de grandeza, amável em comparação com aqueles vadios carcomidos de vícios, cobertos de prata, que a arrancaram por meio do assassinato e do roubo; proscritos da sociedade, vivendo sempre em sobressalto, tendo por perspectiva o patíbulo, dormindo com susto, procurando na embriaguez e no jogo o esquecimento de seus remorsos ou os únicos prazeres de sua vida infame.

Que bela e doce teria sido a existência na casa daquele operário, cercada pelo respeito das pessoas honradas! Que lar tão

tranquilo, por mais humilde que fosse! Que dias tão alegres, consagrados desde o amanhecer às santas tarefas da família! Que noites tão gratas, depois das fadigas do dia, passadas em conversas suaves e num repouso não turbado por nenhuma lembrança amarga! E depois, a ceia saborosa e bem preparada, na mesa pobre, porém limpa; as carícias dos filhos, os conselhos da velha mãe, os projetos para o futuro, as esperanças que se enraízam na economia, na atividade e na virtude...

Todo um mundo de felicidade e de luz... Tudo desvanecido!... Tudo agora impossível!

E, no meio desse quadro, surgia rápida, mas precisa e clara, uma imagem que fazia Manuela estremecer. Era a imagem de Pilar, de sua doce e boa amiga, que parecia amar Nicolás em silêncio, e a quem ela costumava dizê-lo em tom de brincadeira, como para humilhá-la! E agora... essa aparição fugaz, nesse sonho de ventura que se afastava, produzia em Manuela um sentimento amargo e pungente. Era a inveja! Eram os ciúmes!

Pilar merecia essa ventura que ela, insensata, havia desdenhado; mas, ainda assim, Manuela sentia um mal-estar indizível só de suspeitá-la, e não se tranquilizava senão pensando que tal união era impossível, uma vez que Nicolás não poderia amar a órfã, apaixonado como estava por ela, Manuela, e exacerbada como devia estar essa paixão em consequência da fuga.

Contudo, mal nasceram esses pensamentos no espírito de Manuela, depois da conversa com a mulher que escolhera por confidente, desenvolveram-se de modo tenaz e implacável. A imagem de Pilar tornou-se a constante pesadelo de Manuela, e as suspeitas tomaram o caráter de realidades, como sempre acontece com as imagens vivas. É que Manuela já amava Nicolás, e amava-o

com o amor desesperado e violento que luta contra o impossível.

Assim, embora houvesse decidido seguir os conselhos recebidos e adotar o caminho da dissimulação, não conseguiu fazê-lo e fechou-se num silêncio e numa tristeza ainda mais obstinados que os dos dias anteriores.

O Zarco, afinal, mostrou-se irritado e ralhou com ela.

— Se continua triste, vai me fazer cometer uma barbaridade — disse-lhe.

Manuela encolheu os ombros.

Mas, certa tarde, o Zarco chegou a cavalo e muito contente. Durante o dia fizera uma expedição em companhia de vários camaradas. Saltou do cavalo à porta da capela e correu para ver Manuela, que quase sempre se achava encerrada na espécie de alcova que lhe havia sido improvisada.

— Tome — disse-lhe o bandido —, para que já não fique triste.

E pôs em suas mãos um saco com onças de ouro.

— Que é isto? — perguntou Manuela com desgosto.

— Veja o que é — respondeu o Zarco, esvaziando as onças sobre a cama.

— Cem onças de ouro — acrescentou —, que acabam de me trazer; e amanhã me trarão outras cem, ou corto o gasganete do francês.

— Que francês? — perguntou Manuela, horrorizada.

— Ora, um francês que os rapazes foram buscar até perto de Chalco; imagine, até perto do México. É rico, e solta a mosca ou morre! A família já mandou cem onças; mas, se não mandar

quinhentas, ele vai desta para melhor. Por aí o tenho, comendo uma tortilla a cada doze horas.

— Jesus! — exclamou Manuela, espantada.

— Que foi? Você se espanta, faladeira de sermões? Pois veja só que linda figura! Em vez de se alegrar, porque com esse dinheiro vamos ficar ricos.

Eu darei alguma coisa aos companheiros, mas ficaremos com a maior parte; depois iremos nos safando daqui pouco a pouco, porque não se pode fazer isso de repente, e iremos por aí, para Morelia ou Zacatecas, ou para a casa dos diabos, onde ninguém saiba quem sou, e montarei uma pousada ou compraremos um rancho; porque, quanto a você, não tem cara de querer levar esta vida, e isso que me prometeu!...

Manuela, sem se dar por entendida com aquela censura, depois de olhar o dinheiro com indiferença, respondeu-lhe:

— Ouça, Zarco: ainda que não me traga mais dinheiro, peço-lhe que solte esse homem. Você diz que ele está comendo uma tortilla a cada vinte e quatro horas?

— Sim — replicou o Zarco, surpreso com a pergunta.

— Pois bem — continuou Manuela —, suplico-lhe que lhe dê de comer bem e que depois o deixe livre, ainda que ele não lhe dê mais dinheiro.

— Que é que você está dizendo? — perguntou o Zarco com voz rouca, na qual transparecia a cólera mais selvagem. — Está louca, Manuela, para me dizer isso? Não sabe que cada rico que cai em nossas mãos tem de comprar a vida pesando-se em ouro? Então, só por você, só por você, ingrata, arrisquei os rapazes para irem buscar esse rico, para que nos desse dinheiro, para que nos

enchesse de onças, para que você comprasse joias, vestidos de seda, tudo o que quisesse, e agora me vem com essa compaixão e com esses rogos? Pois com certeza você ainda não acabou de saber quem sou eu e do que sou capaz.

Você é muito boa, Manuelita, e foi criada entre gente muito escrupulosa e muito santa; mas sabia quem eu era, e, se não se acreditava capaz de se acomodar ao meu modo, para que saiu de casa? Já sabia o que eu sou, já sabia de onde vinham as joias que lhe dei. De que se espanta agora? Veio aqui para nos pregar sermões? Pois perde seu tempo e está me aborrecendo, porque, na verdade, já não aguento seus gestos e desprezos para meus companheiros, nem suas lágrimas, nem seus sermões.

Faz vários dias que Salomé, Félix e o Coyote me dizem que fiz mal em trazê-la aqui conosco, e que você vai nos causar alguma desgraça; e eu, só pelo carinho que lhe tenho, tenho suportado suas indiretas, e, acreditando agradecer-lhe, expus a vida de meus melhores companheiros para que me trouxessem um rico, para pelá-lo e lhe dar dinheiro, muito dinheiro, e você me sai com essa tolice!... A verdade, Manuelita, é que não hei de aguentar.

Se seu modo de pensar era diferente, por que não se casou com o índio de Atlihuayan? Esse não é ladrão! Mas comigo, ou você bebe ou derrama... ou se conforma com a vida que levo, ou morre, Manuela — disse o Zarco, aproximando-se da jovem, arregalando os olhos, abafando o tom e pondo a mão no punho da pistola.

Manuela tremeu diante daquela explosão de ira.

— Mas eu queria — disse com timidez — que por minha causa você não fosse matar esse estrangeiro... Era por você, só por você... porque tenho medo de que cometa um crime...

— Crime! — repetiu o Zarco, lívido de cólera e com voz nasal, embora já um pouco mais calmo. — Crime! Que tola! Você pensa, então, que esta é a primeira raposa que eu esfolei? Vá para o diabo com seus escrúpulos! Esse francês irá para onde foram os outros, ainda que não seja para lhe dar o dinheiro. Não sabe, inocente, que o rico que cai em nosso poder pertence a todos nós? Ainda que eu quisesse soltar o francês, você pensa que os outros me deixariam? E a parte que cabe a eles?

— Bem, não falemos mais disso — disse Manuela, espantada. — Faça o que quiser, Zarco; não lhe direi mais nada.

— Pois está bem — replicou o bandido —, e fará bem! Agora, o que deve fazer é aproveitar a ocasião. Guarde essas onças sem fazer barulho, e não me incomode com prantos e queixumes.

Mal o Zarco acabara de dizer isso quando se ouviu um grande ruído de vozes misturado ao rasgueado de violões e jaranitas, e entraram na capela Salomé Plasencia, Palo Seco, o Tigre, Linares e mais uns vinte bandoleiros, que pareciam regozijados e estavam bêbados.

— Zarco! — gritaram. — Agora você é rico, irmão, e vamos fazer um baile para alegrar a chata que você trouxe de Yautepec e que está morrendo de melancolia.

— Vamos ver! Tira ela daí, negro, tira, e que venha dançar conosco a valsa, a polca e o schottisch!

— Venha, Manuelita, e cuidado em desgostar meus companheiros — disse o Zarco, tomando a jovem pela mão; ela deixou-se arrastar como uma vítima e procurou fingir um sorriso.

— Aqui estou, irmãos, e aqui está minha chata para ir ao baile.

— Güerita — disse Salomé, que trazia uma garrafa na mão —, a senhora vai nos acompanhar no baile que vamos fazer para celebrar as façanhas de seu querido, o Zarco; anteontem ele deu o tormento da cana ao francês, e o homem logo cuspiu as oncinhas que a senhora deve ter guardado, bela moça, e vamos beber e aproveitar... Venha para cá e deixe de estar aí tão triste como a Virgem da Solidão em Sexta-feira Santa.

— Bom, bom — disse o Zarco —, vamos arrumar o baile e preparar os licores, mas eu já venho buscar Manuela para levá-la. Vista-se, minha vida, e arrume-se para o baile, que já venho buscá-la.

— Zarco, você é ciumento — disse Salomé, dando-lhe uma palmada no ombro em tom de zombaria —; você é ciumento, e sabe que entre nós isso não se usa. Por ora consentimos esses seus sermões, mas não continue muito tempo com eles, irmão, porque não convêm.

Manuelita tremeu. Tudo se convertia em novos perigos para ela. Logo que ficou sozinha, chamou sua confidente para que a ajudasse a vestir-se e, na verdade, para falar com ela.

— Quem é esse francês que vocês têm preso? — perguntou-lhe.
— A senhora não sabe nada?

— Como não! — respondeu a mulher. — E me espanta muito que a senhora não saiba. O francês está num porão da casa da fazenda, e todos os dias lhe dão tormento para que cuspa o dinheiro da família, que está no México. Dizem que já deu um saco, e que o Zarco o tem. O Amarillo — assim se chamava o homem dela — é quem agora toma conta dele, como dos outros.

— Então há outros? — perguntou Manuela, curiosa.

— Claro que há outros — respondeu a mulher. — Há um gachupim, há outro lojista, outro velho muito mesquinho que se queixa o dia inteiro, e outros mais pobres, mas que podem dar seus cem ou duzentos pesos. Sempre é alguma coisa!

— E eu poderia vê-los?

— Como não! Se o Zarco quiser levá-la, é muito fácil; mas, como a senhora é tão delicada, vai se afligir.

— Não me afligirei — respondeu Manuela, com ar de resolução.
— Já estou mudada, vou seguir seus conselhos.

— Ah, que gosto! — exclamou a mulher. — Então vai se divertir muito. A senhora vai ver!

Como o Zarco chegava naquele momento, Manuela rogou-lhe que a conduzisse até onde estavam os sequestrados.

O Zarco olhou-a com surpresa.

— Você? — disse-lhe. — Você quer ver os presos? Mas o que aconteceu?

— Aconteceu — respondeu Manuela — que vou provar-lhe que não estou triste nem descontente com esta vida; que não me assusto com nada, e que, quando resolvi deixar minha casa e minha família por você, é porque estava decidida a segui-lo a toda parte e a compartilhar sua sorte.

— Bom, menina, isso sim me agrada! Você me tinha muito desgostoso, mas, já que estava fingindo e que é o que eu pensava, agora sim estou feliz. Vou levá-la aonde estão aqueles patetas, e não tenha pena deles, porque têm dinheiro e não arriscam a vida como nós.

Manuela, já vestida e arrumada para o baile, e muito bela, apesar de sua palidez e de seu abatimento, deixou-se conduzir pelo bandido até as velhas abóbadas dos purgares, que serviam de prisão às desgraçadas vítimas dos facinerosos.

Na única porta praticável, havia uma guarda de vinte bandidos, armados de mosquetes, pistolas, machetes e punhais. Todos guardavam silêncio e tinham o rosto coberto com lenços.

Aqueles vastos salões abóbadados, que em outro tempo haviam servido para guardar os pães de açúcar e que nas fazendas são conhecidos pelo nome de purgar, teriam estado completamente escuros se, nos cantos, não iluminasse uma lamparina de gordura, junto da qual jaziam, sobre petates imundos, quatro homens amarrados de pés e mãos, com os olhos vendados, e que teriam sido tomados por cadáveres se, de vez em quando, não revelassem, em movimentos de dor ou em abafados soluços, que eram corpos ainda vivos.

— Olhe o francês! — disse o Zarco a Manuela, levando-a a um dos cantos e apontando para um homem ancião, de cabeça grisalha, fortemente vendada, que mal dava sinais de vida.

Junto dele havia vigas em cruz, laços, lanças e alguns outros objetos de tortura, uma jarra de água e uma garrafa de aguardente.

— Anteontem demos cana a este maldito gabacho, e por isso ele deu as onças; mas, se não soltar mais dinheiro, faremos algo pior. Ainda não sabe o que é ter o pescoço apertado, nem o que é arrancarem-lhe as unhas dos pés e das mãos. Há de saber!

A estas últimas palavras, ditas em voz alta, o pobre francês, que as havia ouvido, tentou incorporar-se e, com voz débil e suplicante, disse:

— Escute, senhor, pelo amor de Deus, mate-me, já não posso mais, mate-me!

— Não, ainda não, velho agarrado; mande trazer outras quatrocentas onças; se não, vai ver o que lhe acontece.

— Não tenho mais onças — respondeu o desgraçado. — Sou pobre, tenho família, tenho filhos, não há quem me empreste!... Não tenho mais! Não tenho mais!... Matem-me!...

— Vamos embora — disse Manuela, próxima de desmaiar. — Se ele não tem dinheiro, matem-no...

— Não — tornou o Zarco, rindo com uma risada sinistra e espantosa —; isso todos dizem: desesperam-se, querem morrer, mas, como a vida não brota de novo, acabam por soltar a mosca. Amanhã este dará o que lhe pedimos. Já se avisou a família, e ele já escreveu dizendo o que lhe acontece.

— Bem — disse Manuela, toda trêmula —, mas o quê? O governo não mandará tropa para perseguir vocês e libertar estes homens? As famílias deles não avisarão?

— Ah, não! Não lhes convém, porque terão medo de que os matem. Além disso, o governo não pode mandar força contra nós; e, ainda que mandasse, nada nos fariam, não nos encontrariam aqui. Você não sabe, Manuelita; nós somos fortes, estamos seguros, e, por enquanto, ninguém nos ronca!... Mas vamos ao baile, que já estão nos esperando! É preciso que dance com todos, que esteja sorridente; não vão dizer que sou ciumento e acabemos tendo uma confusão.

Manuela saiu apressadamente do purgar, lívida, convulsa, com os olhos fora das órbitas, louca de horror e pavor. Por espantoso que viesse a ser aquele baile, não poderia produzir-lhe o pavor, a repugnância imensa que acabava de lhe causar o quadro dos

sequestrados.

Como o baile se dava nos cômodos que estavam um pouco mais inteiros na antiga casa da fazenda, junto às abóbadas do purgar, o casal subiu as escadas arruinadas e logo se apresentou no salão, iluminado por velas de sebo e cheio de fumaça, onde os bandidos se haviam reunido para divertir-se.

Ressoavam ali alguns bandolões, violões e jaranas tocando polcas e valsas, porque se deve observar que esses bandidos eram pouco afeitos às danças populares, como o jarabe, e só as usavam como uma espécie de adorno ou capricho. Os Plateados tinham pretensões: dançavam à maneira decente; mas, por isso mesmo, seus bailes tinham todo o aspecto repugnante da paródia ou o grotesco da caricatura.

Ao entrar Manuela com o Zarco, levantou-se uma gritaria espantosa: vivas, galanteios, juramentos, blasfêmias; tudo saiu de cem bocas torcidas pela embriaguez e pela crápula. Todos os bandidos famosos estavam ali, cobertos de prata, sempre armados, cantando canções obscenas, abraçando outros as perdidas que lhes faziam companhia. Manuela estremeceu; mal acabava de soltar-se do braço do Zarco quando se aproximou dela o mulato colossal e horroroso que tanta repugnância lhe inspirava.

Trazia ainda sua venda, que lhe cobria parte do rosto; mas deixava ver a enorme boca, armada de dentes agudos e brancos, dos quais sobressaíam os dois caninos superiores, que pareciam fender-lhe o lábio inferior, e vinha literalmente forrado de prata, como se quisesse sobrepujar em enfeites os demais companheiros.

— Agora a senhora vai dançar comigo, güerita — disse a Manuela, tomando com uma de suas mãos enormes o braço branco e delicado da jovem.

Por um movimento irresistível, Manuela recuou assustada e procurou seguir o Zarco para refugiar-se junto dele. Mas o mulato a seguiu, rindo, cingiu-lhe à cintura com o braço nervudo e disse ao Zarco:

— Olha, Zarco, a tua chata, que foge de mim e não quer dançar: obrigue-a!

— Ora, que é isso, Manuela? Por que não quer dançar com meu amigo, o Tigre? Já lhe disse que há de dançar com todos; para isso veio.

Manuela resignou-se e, fingindo um sorriso doloroso, deixou-se conduzir por aquele monstro de fealdade e insolência.

— Ah! — exclamou ele, empurrando o grande chapéu para trás, enquanto continuava cingindo e apertando convulsivamente à cintura de Manuela. — Bem que eu disse que havia de ter o gosto de abraçá-la à minha inteira satisfação! Por enquanto está com um homem, e vamos nos divertir dançando este schottisch.

Manuela quase fechou os olhos e se deixou levar por aquela espécie de cíclope, que a devorava com o único olho que lhe ficava livre e a banhava com seu resfolegar, como com um vapor de aguardente.

Ao vê-los passar assim — ele espantoso como fera raivosa, ela fraca e curvada como presa —, os demais bandidos lhe gritavam:

— Ah, Tigre, não coma essa veadinha!

Depois de dar algumas voltas naquele salão infecto, atropelando e empurrando cinquenta pares de bandoleiros e mulheres bêbados, o Tigre deixou de dançar; mas, inclinando-se para sua companheira, disse-lhe com voz sufocada pelos desejos e apertando brutalmente seu braço:

— Chatinha, desde que a vi chegar com o Zarco, gostei da senhora e encarreguei a Zona, a mulher do Amarillo, de lhe dizer, não para que a senhora correspondesse logo, loguinho, mas para que soubesse de uma vez. Não sei se ela lhe disse.

Manuela não respondeu.

— Pois, se não lhe disse, agora eu lhe digo francamente: a senhora ainda há de gostar de mim.

— Eu?... — exclamou a jovem, assustada.

— A senhora! — replicou o Tigre. — Já verá!... O Zarco não é constante, e há de lhe pagar mal, como pagou a todas... Mas eu estou aqui, minha alma, para que, quando vier o desengano, a senhora se lembre de mim; e então saberá quem é o Tigre. A senhora não me conhece, e ainda não conhece o Zarco. Não se espante de me ver assim com a cara enfaixada, porque estou assim justamente por sua causa.

— Por minha causa? — perguntou Manuela com uma curiosidade misturada de pavor.

— Sim, por sua causa, e vou lhe explicar. Fui ferido em Alpuyecá pelos gringos que matamos. Eu os matei, sim senhor!... fui eu quem sustentou a luta, enquanto o Zarco roubava os baús; um gringo me deu um tiro de pistola que por pouco não me arrancou um olho; mas, afinal, ele morreu, e morreram todos os que o acompanhavam, em classe de homens.

Mas o Zarco mal nos ajudou no forte da briga; e, depois que todos já estavam caídos e moribundos, foi quando ele veio e os matou quando estavam rendidos, e matou as mulheres e os rapazes. Sim, senhor, assim foi. O Zarco é um magricela e uma galinha; mas, isso sim, tirou todas as joias para levá-las à senhora e não nos deixou senão a roupa inútil, porque para que queríamos

aquilo? Casacas, paletós, túnicas velhas, trapos de catrins.

E o Zarco ficou com o melhor depois que nós triunfamos. Está bom! Os gaviões não chamam! Mas logo que vi a senhora, disse: agora sim, me empatei! Que o Zarco leve as joias, mas que nos deixe a güerita, e estamos em paz.

Manuela parecia ser presa de um pesadelo e sentiu-se desfalecer. Aquelas revelações sobre o Zarco, seus assassinatos de mulheres, de moribundos e de crianças, aquelas ameaças do Tigre, tudo era superior às suas forças e à sua resolução de afrontar semelhante vida. Havia caído no inferno! Acreditara que aqueles homens fossem simplesmente bandidos, e na realidade eram demônios vomitados pelo Averno.

Oh! Se pudesse escapar naquele momento; se pudesse ao menos morrer! Ficou paralisada e muda. Tirou-a daquele estado a voz áspera e rouca do Tigre, que lhe perguntou:

— Que é que lhe acontece, linda? Assusta-se com o que lhe digo?... O Zarco não lhe havia contado todas as suas façanhas e valentias? Aposto que não; pois conheça-as e vá se conformando com o que lhe digo: a senhora ainda há de vir parar em meu poder.

— Mas o senhor acredita que o Zarco vai permitir? — exclamou afinal Manuela, sufocada de ira e fastio.

— E que me importa que permita ou não, chata! Que é isso? A senhora pensa que tenho medo desse covarde? Se aceitar meu carinho, agora mesmo, diga-me uma palavra e mato o Zarco. Com isso, de uma vez a senhora fica livre... Se não, esperarei, e verá o que acontece.

— Pois eu vou dizer ao Zarco para que ele fique prevenido!

— Pois diga, linda, diga! — respondeu o Tigre, com uma risada desdenhosa e sinistra, na qual se revelava uma resolução espantosa. — O Zarco já me conhece — acrescentou —, e a senhora verá se é verdade o que lhe digo. O Zarco, por quem a senhora se enamorou porque o julgou homem, não passa de um magricela. Portanto, diga-lhe; e, para que seja logo, vou sentá-la e fico esperando.

Manuela foi sentar-se aterrada. Seguramente ia produzir-se ali uma catástrofe; o Tigre desejava provocá-la a todo custo para matar o Zarco, e ela estava destinada a ser o botim do vencedor. Que situação espantosa! Manuela sentia-se agonizar.

Mas, quando procurava angustiada o amante, em quem, apesar do horror que já lhe inspirava, acreditava ter seu único apoio, viu-o dirigir-se para ela, carrancudo, frio, lívido de cólera. Manuela acreditou que ele estava com ciúmes do Tigre e pensou que chegara o momento da briga que temia.

Mas o Zarco, com um sorriso sarcástico e a voz enrouquecida pela ira, disse-lhe:

— Então já sei qual é o motivo de suas tristezas e de seu tédio nestes dias; já me contaram, e você não me engana outra vez, arrastada!...

— Mas o que é? O que é? Que lhe contaram, Zarco? — perguntou Manuela, tão assombrada quanto apavorada ao ouvir aquelas palavras.

— Sim; a Zorra já me disse que o que há é isto: que você se arrependeu de ter fugido comigo; que percebeu que não me queria de verdade; que o único homem que amava era o índio Nicolás; que sente tê-lo deixado; que a vida com os Plateados não lhe convém, e que, na primeira ocasião que tiver, há de me abandonar.

— Mas eu não disse!... — interrompeu Manuela, tremendo.

O Zarco não a deixou terminar.

— Sim, você lhe disse, falsa e mentirosa; não tente negar! A culpa é minha por confiar numa catrina e numa santarrona como você, que não queria senão joias e dinheiro... Mas escute — acrescentou, tomando-lhe um braço e apertando-o bestialmente —, de mim você não zomba, entendeu? Já fugiu comigo, e agora verá para que nasceu.

Quanto ao índio ferreiro, eu ainda hei de ter o gosto de lhe trazer a cabeça dele para que você a coma em barbacoa; e depois você morrerá, mas não há de ficar rindo de mim!

Manuela mal pôde dizer ao Zarco, em atitude suplicante:

— Zarco, faça-me o favor de me tirar daqui, estou doente!...

— Não tiro; morra! — respondeu o bandido no paroxismo do furor.

Mal acabara de dizer essas palavras quando houve um grande ruído à porta da sala, e vários bandidos, cobertos de pó e com o traje desordenado por uma longa caminhada, precipitaram-se para dentro, com ar assustado, perguntando por Salomé Plasencia, pelo Zarco, pelo Tigre e pelos demais chefes.

Salomé e os outros foram ao encontro deles.

— Que há? — perguntou aquele, enquanto todos os Plateados iam formando círculo em torno dele e cessavam, como era de supor, a música e a algazarra do baile.

— Uma novidade — respondeu um dos recém-chegados, sufocando-se. — Corremos dez léguas para avisá-los... Martín Sánchez Chagollán, o de Ayacapixtla, com uma força de quarenta

homens, surpreendeu Juan, o Gachupim, e vinte companheiros, e os enforcou na catzahuatera do Casasano.

— E quando? — perguntaram em coro os bandidos aterrados.

— Ontem à noite, por volta das dez, ele os surpreendeu. Estavam emboscados esperando uma carga que ia passar, quando Martín Sánchez caiu sobre eles, encurralou-os, e apenas puderam escapar cinco ou seis, que vieram nos procurar e que ficaram feridos, por isso não puderam chegar até aqui.

— Mas... o quê?... Esses rapazes não lutaram? — perguntou Salomé.

— Sim, lutaram; mas os outros eram mais numerosos e traziam armas muito boas.

— E não tiveram aviso?

— É isso que estranhamos! Mas creio que a gente começa a ajudar Martín Sánchez e a nos faltar.

— Pois é preciso vingar nossos companheiros e meter medo na gente, para que não venha a se voltar inteiramente contra nós. Amanhã, ao amanhecer, todos sairemos daqui; que se reúnam a nós os demais que andam dispersos, e vamos procurar Martín Sánchez para ver se ele é tão bom contra quinhentos homens como contra trinta. Portanto, preparem-se para amanhã.

— E que fazemos com os presos? — perguntou um.

— Ora, que morram — disse Salomé —, para que queremos estorvos?... Você, Tigre, vá e mate-os já, já.

— Olhe, Salomé — disse o Tigre, adiantando-se —, melhor dê essa comissão ao Zarco; ele sabe muito bem matar os mortos — acrescentou com desprezo.

— Matar os mortos, você diz, Tigre?

— Sim, matar os mortos! — replicou o Tigre. — Lembre-se de Alpuyecá.

— Pois você verá se sei matar também os vivos! — replicou o Zarco, lívido de cólera.

— Bom, bom — disse Salomé, interpondo-se —; não queremos disputas; qualquer um serve para despachar os presos! O caso é que eles não amanheçam vivos. Levem a ordem ao Amarillo e vamos embora. Acabou o baile.

— Ah, outra notícia! — acrescentou um dos recém-chegados. — Esta manhã foi enterrada, em Yautepec, a mãe da moça que o Zarco trouxe.

Então ouviu-se um grito agudo que fez todos aqueles homens voltarem o rosto.

— Minha mãe! — exclamou Manuela, e deixou-se cair desfalecida no chão.

— Pobrezinha! — disseram as mulheres, já voltando a si da embriaguez diante daquela chuva de más notícias.

— Levante-a, Zarco, leve-a e que se conforme; porque, se não, vai nos atrapalhar.

O Zarco, ajudado por algumas mulheres, levantou Manuela, carregou-a e levou-a para a capela, onde a recostou em sua cama. A jovem estava moribunda. Tantas emoções seguidas, tantos perigos, tantas ameaças, tantos horrores haviam abatido aquela natureza fraca e estavam obscurecendo aquele espírito. Manuela estava como idiota e não fazia senão chorar em silêncio.

O Zarco, preocupado também com mil pensamentos diversos, enfurecido contra o Tigre, ciumento de Nicolás, cada vez mais apaixonado por Manuela, mas infinitamente contrariado pelas últimas notícias e pela necessidade de marchar, não sabia o que fazer.

Dava voltas como uma fera encerrada na jaula; chamava as mulheres para que assistissem sua amante, comunicava ordens aos bandidos que o obedeciam e serviam, preparava malas, remexia os baús, sentava-se às vezes à beira da cama em que Manuela estava reclinada e a olhava com olhares nos quais era difícil distinguir o amor, o ódio ou as tentações de uma resolução sinistra; outras vezes punha-se a passear ao longo da capela, blasfemando.

Por fim, aproximou-se da jovem e, com acento frio e seco, disse-lhe:

— Isso já não tem remédio; pare de chorar e prepare-se para marcharmos amanhã daqui. Ajude-me a fazer as malas. Guarde bem suas joias; isso é o que lhe importa.

— Entre nós — acrescentou, vendo que Manuela soluçava com mais violência —, não se costuma afligir tanto nem fazer tanto luto quando morre alguém... para isso nascemos! Além disso, sua mãe já estava velha, e a boa senhora me detestava; reze-lhe uma mortalha, e amém... Não volte a se lembrar dela. Seu índio deve tê-la enterrado e ficará com a horta, e se pagará dos gastos; depois você enterrará a ele, não tenha cuidado, e terá o gosto de chorar sobre sua sepultura.

Assim, pois, aquele bandido, aquele Zarco que Manuela julgara ao menos homem, ao menos compassivo, não passava de um perverso sem entranhas, que se comprazia em aumentar-lhe o tormento, em insultá-la nos momentos de maior pesar e em caluniar

o homem generoso que, certamente e já sem interesse de espécie alguma, assistira em seus últimos instantes a pobre anciã e lhe dera sepultura.

Nicolás e Pilar! Outra vez esse par, que não deixava de aparecer em sua imaginação! Agora, quão grandes e nobres lhe pareciam aqueles dois jovens!... Mas que desgraça que não lhe aparecessem assim senão para causar-lhe o horrível tormento dos ciúmes e a vergonha indizível de se considerar um monstro de ingratião e baixeza em comparação com eles!

E, no entanto, atormentada e degradada, desprezível como era, só o pensar em Nicolás lhe parecia um vislumbre de consolo no meio daquela noite espantosa que a rodeava por todos os lados com suas trevas, seus terrores e seus perigos, desconhecidos mas pavorosos.

Por fim, incorporou-se e, engolindo as lágrimas, pôs-se a preparar as malas, sentindo a morte na alma.

Capítulo XXII - Martín Sánchez Chagollán

Ora bem: quem era o homem temerário que se atrevera a enforcar vinte Plateados nos próprios lugares de seu domínio, causando assim aquele movimento no quartel-general dos bandidos?

O nome de Martín Sánchez Chagollán não era inteiramente desconhecido em Xochimancas, de modo que não causou surpresa; causou-a, porém, e muito grande, saber o que ele havia feito.

Enforcar vinte Plateados nos catzahuates de Tetelcingo, isto é, no próprio coração daquela satrapia em que não dominavam senão o crime e o terror!

Mas quem era esse homem? Seria acaso um chefe do governo, apoiado na lei e contando com todos os elementos da força pública, com o dinheiro do erário e com o concurso das autoridades e dos povos?

Nada disso.

Martín Sánchez Chagollán, personagem rigorosamente histórico, assim como Salomé Plasencia, o Zarco e os bandidos que apresentamos nesta narração, era um particular, um camponês, sem antecedentes militares de espécie alguma. Longe disso: fora um homem absolutamente pacífico, que sempre se recusara a misturar-se nas contendas civis que agitavam o país havia muitos anos; e assim, retraído, quase tímido, vivia entregue exclusivamente aos trabalhos rurais num pequeno rancho que possuía a pouca distância de Ayacapixtla, perto de Cuautla de

Morelos.

E, com tudo isso, era um homem de bem a toda prova, um desses fanáticos da honradez que preferem morrer a cometer uma ação capaz de manchar seu nome ou torná-los menos estimáveis para a família ou os amigos.

Com tais princípios, e naquela época de revoltas e corrupção, em que não poucos homens rústicos e simples se viram obrigados a complicar-se nas revoluções ou nos crimes cometidos à sombra delas, Martín Sánchez teve de sofrer muito para se subtrair a compromissos e enredos.

Mas, à força de habilidade e energia, conservou-se limpo; e, embora visto com desconfiança e receio por todos os partidos, conseguiu ficar tranquilo, vivendo recolhido e oculto em seu ranchinho, cuidando de seus pequenos bens e ajudado pelos filhos, já crescidos.

Porque Martín Sánchez era um homem já entrado em anos, tinha cerca de cinquenta; só que possuía uma dessas naturezas robustas e vigorosas que só se veem no campo e na montanha, fortalecidas pelo ar puro, pela alimentação sã, pelo trabalho e pelos costumes puros. Assim, embora cinquentão, parecia um homem em toda a força da virilidade.

De estatura baixa, cabeça redonda, que parecia encaixada nos ombros pelo tamanho diminuto do pescoço, as costas largas, os braços hercúleos e as pernas tortas e nervosas revelavam nele o trabalhador infatigável e o cavaleiro consumado.

Os olhos pequenos, esverdeados e vivos; o nariz aquilino; o rosto moreno e bem assentado; a boca de lábios finos e franzidos; a barba sempre raspada, juntamente com a fronte estreita e os cabelos cortados rente e quase crespos, davam-lhe certa aparência

felina. tinha uma vaga semelhança com os leopardos.

Tal era o homem que exerceu influência importantíssima naquela época na terra quente, e a cuja ação se deveu principalmente a extinção dessa praga espantosa de bandidos que, por anos inteiros, assolou aquelas comarcas férteis e ricas.

Vivia, pois, Martín Sánchez tranquilamente consagrado às suas lavouras, como dissemos, quando, estando ausentes ele e sua esposa, caiu sobre seu rancho uma grande partida de Plateados.

O velho pai de Martín e seus filhos defenderam-se heroicamente, mas foram dominados pelo número; o ancião foi assassinado, assim como um dos filhos; a casa foi saqueada e depois incendiada, e destruído tudo quanto constituía o patrimônio do honrado lavrador.

Quando Martín Sánchez voltou do México, aonde havia ido, não encontrou em sua casa senão cinzas, e entre elas os cadáveres de seu pai e de seu filho, que ainda não haviam sido sepultados porque os outros filhos, feridos e ocultos no monte, não tinham podido ir ao rancho.

Enfim, aquilo era o horror e a desolação.

A esposa de Martín ficou algum tempo enlouquecida de dor e de medo.

Martín Sánchez nada disse. Foi procurar os filhos no monte; com eles deu sepultura aos cadáveres de seu pai e de seu filho; e, despedindo-se de seu pobre rancho, convertido em escombros, e de seus campos incendiados, levou a mulher e a família para o povoado de Ayacapixtla, onde esperava ter maior segurança.

Então vendeu o pouco que lhe restara e, com o dinheiro que reuniu, comprou armas e cavalos para equipar uma partida de vinte

homens.

Depois, já são seus filhos, armou-os, falou com alguns parentes e decidiu-os a acompanhá-lo, pagando-lhes do próprio bolso; e, uma vez pronta essa pequena força, foi falar com o prefeito de Morelos e comunicou-lhe sua resolução de lançar-se à perseguição dos Plateados.

O prefeito, louvando-lhe o propósito, fez-lhe ver, entretanto, os terríveis perigos a que ficaria exposto em meio àquela situação. Mas, como Martín Sánchez respondeu que estava inteiramente decidido a perecer na empresa, o prefeito, cumprindo seu dever, ofereceu-lhe os auxílios que estavam em seu poder e autorizou-o a perseguir ladrões, na qualidade de chefe de segurança pública, com a condição de submeter os criminosos que apreendesse ao julgamento correspondente.

Assim autorizado, Martín Sánchez partiu com sua pequena força. Mas, compreendendo bem que, com elementos tão débeis, não podia fazer frente às hostes numerosas de Plateados que rondavam pelos distritos de Morelos, Yautepec e Jonacatepec, limitou-se a uma guerra meramente estratégica, procurando combater partidas pequenas com o objetivo de aproveitar suas armas e cavalos para aumentar a própria força.

Foi assim que, fugindo e caminhando de noite, pagando emissários e fazendo jornadas fabulosas, pouco a pouco foi derrotando algumas partidas de bandoleiros e provendo-se de armas, munições e cavalos.

Lutava contra o desalento geral, contra o terror aos Plateados, contra a cumplicidade de muitas pessoas, contra a hostilidade de algumas autoridades, meticolosas ou envolvidas naqueles crimes; lutava, enfim, até contra a pequenez de ânimo de seus próprios soldados, que, não tendo outro incentivo além de um pequeno

soldo, iam arriscando a vida, e arriscando-a contra os Plateados, que davam aos prisioneiros uma morte sempre acompanhada de espantosas torturas.

Assim, Martín Sánchez tinha de vencer, dia após dia, dificuldades tremendas; mas sua sede de vingança lhe deu forças superiores.

Essa sede foi sua mola.

Movido por um sentimento pessoal, pouco a pouco foram-se reunindo nele os rancores gerais, como num peito comum; cada vingança por um crime dos Plateados encontrava eco em seu espírito; cada assassinato cometido por eles era inscrito no tremendo livro de sua memória; cada lágrima de viúva, de órfão, de pai, depositava-se em seu coração como numa urna de ferro. De vingador de sua família, havia-se convertido em vingador social.

Era o representante do povo honrado e desamparado, uma espécie de juiz Lynch, rústico e também feroz, e implacável.

Havia suprimido em sua alma o medo; havia abraçado com fé a sua causa, esperando deixar nela a vida, e estava resolvido; mas também havia suprimido, entre seus sentimentos, o da piedade pelos bandidos.

Olho por olho e dente por dente. Tal era sua lei penal.

Os Plateados eram cruéis? Ele se propunha sê-lo também.

Os Plateados causavam horror? Ele se propusera causar horror.

A luta seria espantosa, sem trégua, sem compaixão.

Quem venceria? Quem sabe; mas Martín Sánchez se lançava a ela de olhos fechados, espada nua, peito encorajado por sua sede de vingança e de justiça.

Os bandidos deviam tremer. Aparecera enfim o anjo exterminador!

Para aquelas imundas aves de rapina, não havia senão a águia da montanha, de bico e garras de aço.

Martín Sánchez era a indignação social feita homem.

Capítulo XXIII - O assalto

La Calavera era uma venda do antigo caminho carroçável do México a Cuautla de Morelos, mais famosa ainda que por ser pouso de recuas, diligências e viajantes a pé, por ser lugar de assaltos.

De fato, não na venda propriamente dita, mas um pouco aquém ou um pouco além, sempre havia algum assalto por aquela época. E isso porque, por ali, as curvas do caminho, o terreno montanhoso, a proximidade dos bosques espessos e das barrancas ofereciam grandes facilidades aos ladrões para se ocultarem, se emboscarem ou escaparem.

Por isso os passageiros da diligência ou os arrieiros não se aproximavam de La Calavera senão benzendo-se e palpitando de terror. O próprio nome do lugar é lúgubre.

Provavelmente ali havia existido, nos tempos antigos, uma caveira cravada nas árvores do caminho, pertencente a algum famoso bandido justicado pelas partidas da Acordada na época colonial; ou talvez houvesse muitas caveiras de ladrões, e o vulgo, como tem por costume no México, tivesse singularizado o nome para torná-lo mais breve.

O caso é que o lugar é sinistro em demasia, e que não se via antigamente o casarão escuro, ruinoso e triste da venda sem um sentimento de desgosto e terror.

Ali, pois, numa tarde de outono, já declinando o sol, e três meses depois de se terem verificado os acontecimentos que acabamos de referir, achava-se diante da venda uma força de cavalaria formada, composta de cerca de quarenta homens.

Estavam uniformizados de modo singular: usavam jaqueta negra com botões de aço pintados de preto; calças negras, com grandes botas fortes de couro amarelo, e acicates de aço; chapéu negro de abas muito curtas, sem outro adorno senão uma fita branca com este letreiro: Segurança Pública. Quanto às armas, eram estas: mosquete atravessado às costas, sabre de forte empunhadura negra e bainha de aço. Cada soldado trazia à cintura uma canana cheia de cartuchos.

Os cavalos, magníficos, quase todos de cor escura; as selas e todo o equipamento, de extrema simplicidade e sem adorno algum. Os ponchos negros iam atados à garupa.

Quase todos esses soldados pareciam jovens, muito robustos, e tinham grande ar marcial; mas o uniforme e o equipamento lhes davam um aspecto lúgubre e capaz de infundir pavor. Pareciam fantasmas; e naquela venda de La Calavera, àquela hora em que os objetos iam tomando formas gigantescas, perto daqueles montes solitários, semelhante fila de cavaleiros, silenciosos e carrancudos, mais que tropa, parecia uma aparição sepulcral.

Aquele que certamente era o chefe achava-se apeado, segurando o cavalo pela rédea, e parecia interrogar o horizonte em que se perdia o caminho, esperando seguramente alguém.

Estava vestido do mesmo modo que seus soldados, só que, em vez de botas, trazia chaparreiras de cabra amarela e estava abrigado com uma espécie de esclavina escura.

Poucos momentos depois, saiu da venda um sujeito já idoso e bem vestido, que, dirigindo-se a esse chefe, perguntou-lhe:

— Ainda não aparecem, dom Martín?

— Nada, nem sombra deles! — respondeu este.

Assim, pois, aquele chefe era Martín Sánchez Chagollán, e aquela era sua tropa, uniformizada, segundo os propósitos do chefe, de cor escura e sem adorno algum, por ódio aos Plateados. Também por ódio a estes havia determinado que os chapéus de seus soldados não tivessem abas largas, mas, ao contrário, muito curtas e sem nenhum galão.

Martín Sánchez via com muito maus olhos todo aquele que usasse chapéu adornado de prata; e, como suas suspeitas iam-se tornando temíveis, os chapéus simples e escuros estavam ficando em moda por aqueles rumos, porque eram uma espécie de salvaguarda.

Entretanto, naquele tempo Martín Sánchez ainda estava muito longe de se tornar o terror dos bandidos e de seus cúmplices. Ainda tomava mil precauções em suas marchas e expedições, temeroso de ser derrotado; ainda estava dando os primeiros passos, como ele dizia.

Já havia enforcado bom número de Plateados, mas também já o haviam acusado muitas vezes de ter cometido abusos para os quais não estava autorizado, pois, como dissemos, só tinha faculdades para prender criminosos e remetê-los aos juízes. Martín Sánchez, porém, havia respondido que não enforcava senão os que morriam combatendo, e que o fazia para escarmento.

É muito possível que nisso ocultasse alguma coisa, e que de fato fuzilasse todo bandido que apanhava; mas, como se vê, nem havia podido ainda desenvolver toda a sua energia, nem tinha os elementos necessários para fazê-lo, pois não contava senão com aqueles quarenta homens e com sua resolução.

O sujeito que acabava de dirigir-lhe a palavra, e que parecia ser um rico fazendeiro ou comerciante, vendo que não vinham as pessoas que esperavam, disse:

— Pois, dom Martín, uma vez que esses senhores não aparecem, se o senhor não dispuser outra coisa, seguiremos nossa marcha, porque se faz tarde e não chegaremos a Morelos em boa hora. Além disso, a carga adiantou-se muito, e poderia lhe acontecer algum acidente.

— Creio — respondeu Martín — que por essa parte não há cuidado. Sabem que estou por aqui e não hão de se atrever. Mas esse dom Nicolás, sim, me traz inquieto. Algo lhe deve ter acontecido, pois não chega. Escreveu-me que sairia de Chalco de madrugada, deve ter almoçado em Tenango, e já era hora de estar conosco.

É verdade que vem bem acompanhado e, além disso, é muito homem; mas esses malditos são capazes de lhe ter armado uma emboscada de Tenango para cá, embora eu não tenha notícia de que tenha aparecido partida alguma ontem nem anteontem. Mas o senhor sabe que os de Ozumba se põem de acordo com os outros, e assim fazem suas combinações.

Pois eu sentiria de verdade que houvesse acontecido alguma coisa a tão bom amigo! Devia ter-me adiantado até Juchi ou até Tenango, mas ele me avisou que onde precisava acompanhar-se comigo era aqui, porque desde aqui tinha notícia de que o esperavam seus inimigos, que juraram acabar com ele, do mesmo modo que comigo.

E imagine o senhor que o pobre vai se casar, e foi ao México empregar uma boa quantia de dinheiro nos presentes de casamento; de modo que os malditos, além de matá-lo, apanhariam uma boa soma em joias. Enfim, deixarei alguns rapazes aqui, caso ele venha, e nos adiantaremos, porque, de fato, a carga já deve ir longe.

Então Martín Sánchez montou a cavalo e desfilou com sua tropa, acompanhado daquele comerciante e de seus criados, deixando uns dez homens, com ordem de acompanhar Nicolás, nosso conhecido, que vinha do México.

Mal haviam caminhado quase meia hora quando ouviram tiros; e um arrieiro corria a toda disparada para encontrá-los, gritando que os Plateados estavam roubando a carga.

Martín, à frente de sua força, avançou a galope; e, momentos depois, caía sobre os bandidos, que o receberam com uma chuva de balas e com gritaria insolente, dizendo-lhe que aquele era seu último dia.

Os cavaleiros negros faziam prodígios de valor, assim como seu chefe, que se lançava ao ponto mais forte do combate.

Mas os Plateados eram numerosos e estavam comandados pelos chefes principais; a tropa de Martín achava-se literalmente sitiada. Já seis ou oito daqueles bravos soldados haviam caído, e outros começavam a recuar; a luta travara-se à arma branca, e Martín, rodeado de inimigos, defendia-se, ferido, desesperadamente, procurando vender cara sua vida, quando um socorro inesperado veio salvá-lo.

Era Nicolás, que, com os dez soldados que Martín lhe deixara em La Calavera, e com outros dez homens que trazia consigo, tendo ouvido o tiroteio, adiantou-se a toda carreira e chegou justamente no momento de maior aperto para Martín Sánchez. Aquele valente e aquela tropa fresca produziram um instante de confusão entre os Plateados; ainda assim, estes eram muito superiores em número e continuaram combatendo.

Mas Nicolás era homem de ímpeto irresistível, montava um cavalo soberbo e trazia excelentes armas. Assim, vendo Martín

Sánchez cercado, lançou-se sobre o grupo, repartindo talhos e reverses. Já era tempo, porque o valente chefe tinha a espada quebrada e estava ferido.

O Zarco e o Tigre estavam entre os que rodeavam Martín; mas, ao verem Nicolás, retrocederam e procuraram fugir. O ferreiro, ao reconhecer o Zarco, não pôde conter um grito de ódio e triunfo: enfim o tinha diante de si!

Partiu sobre ele como um raio; o bandido, perdido de terror, saiu do combate e dirigiu-se a um bosquezinho onde estavam algumas mulheres dos bandidos, a cavalo, mas ocultas.

Nicolás alcançou o Zarco precisamente quando este se aproximava do grupo de mulheres; e ali, no momento em que o bandido disparava contra ele seu mosquete, abriu-lhe a cabeça com um golpe de sabre e deixou-o estendido no chão. Depois disso, voltou ao lugar da luta, não sem gritar:

— Dona Antonia está vingada!

Nem sequer ouviu, furioso como estava, o grito de Manuela, que era uma das mulheres que estavam a cavalo e que o havia reconhecido justamente no instante em que ele feria o Zarco.

Depois disso, a luta durou pouco, porque os bandidos fugiram apavorados, deixando livre a carga.

O sol já se havia posto inteiramente. As sombras avançavam; e, à luz crepuscular, Martín Sánchez recolheu seus mortos e feridos, assim como os dos Plateados, operação que o fez deter-se algumas horas, até anoitecer completamente.

Então, temendo que os Plateados se refizessem e voltassem sobre ele com todas as vantagens que lhes davam o número e a escuridão, decidiu que alguém se adiantasse rapidamente a

Morelos e pediu à autoridade o auxílio de força e as macas de que necessitavam.

A missão era perigosíssima; os bandidos não deviam estar longe, e era de temer-se uma emboscada no caminho.

Só um homem podia desempenhá-la; e Martín Sánchez, naquela angústia, não hesitou em pedir tal sacrifício a Nicolás.

— Senhor dom Nicolás — disse-lhe —, só o senhor é capaz de expor-se a esse risco; mas acabe sua obra. O senhor já nos salvou há pouco. Conhece os caminhos, tem bom cavalo e é homem como nenhum outro. Rogo-lhe...

Nicolás partiu imediatamente. Quando Martín o viu perder-se entre as sombras:

— Nunca vi — disse — um homem tão valente como este!

— Mas, num descuido, vão matá-lo por aí — disse o comerciante.

— Deus há de querer que não! — replicou Martín Sánchez. — Mas que quer o senhor que façamos para sair daqui? Não há outro recurso. Nada lhe há de suceder, verás! Dom Nicolás tem fortuna. E é tão bom... Valia mais que me matassem a mim, e não a ele!

Enquanto isso, os soldados que observavam as cercanias daquele lugar para ver se ainda havia feridos voltaram dizendo que, por perto, num matagal, uma mulher chorava junto a um cadáver.

Dom Martín foi em pessoa reconhecer essa mulher, que não era outra senão Manuela, a qual não quisera fugir com suas companheiras, não por amor ao Zarco, a quem no princípio julgara morto, mas por medo do Tigre, que a teria tomado por sua conta.

Martín, examinando o corpo, certificou-se de que ainda respirava. A ferida que o Zarco recebera fora terrível, mas não mortal. O bandido estava banhado em sangue, e era difícil reconhecê-lo; mas, por Manuela, soube-se que era o Zarco.

Martín Sánchez estremeceu de alegria. Aquele bandido temível e renomado havia caído em seu poder.

la enforcá-lo logo que amanhecesse. Desgraçadamente, de madrugada chegou a autoridade de Morelos com a força e as macas. Martín entregou-lhe os bandidos prisioneiros e feridos, juntamente com aquela mulher. Nicolás mal os viu; e Manuela, por sua parte, não quis mostrar o rosto, de vergonha, e cobriu completamente a cabeça com o rebozo.

Assim marcharam para Morelos: Martín para curar-se de suas feridas, que eram graves, assim como as de seus soldados; Nicolás continuou para Yautepec, a fim de preparar seu casamento.

Manuela, como era natural, presa com o amante, permaneceu na cadeia, incomunicável, vendo em sua imaginação a imagem de Nicolás cada vez mais bela.

Capítulo XXIV - O presidente Juárez

Martín Sánchez estava indignado. O partido dos bandoleiros ainda era muito forte e contava com grandes influências, tanto no México como na terra quente. A desorganização em que se achava o país, naquele tempo, era causa de que se visse semelhante escândalo.

Os Plateados contavam com amigos em toda parte; e, se um homem de bem, como vimos com Nicolás, encontrava dificilmente patrocínio, um bandoleiro contava com mil recursos, que punha em jogo tão logo corria perigo. E é que, como eram poderosos e tinham em suas mãos a vida e os bens de todos os que possuíam alguma coisa, eram temidos, adulados, e conseguia-se, a qualquer preço, sua benevolência ou amizade.

Enquanto o bravo chefe, que expunha a vida numa luta tão desigual, se curava de suas feridas, o Zarco, já restabelecido, havia conseguido, por meio de seus protetores, que fosse submetido a julgamento e transferido para Cuernavaca, sob o pretexto de que naquele distrito havia cometido crimes.

Julgá-lo e transferi-lo era salvar-lhe a vida: encontraria defensores e talvez pudesse evadir-se. O mesmo se fizera com os outros bandidos que haviam caído feridos ou prisioneiros no combate perto de La Calavera. A população de Morelos estava escandalizada; mas, como fatos dessa natureza não haviam sido, infelizmente, senão muito frequentes, não passou disso.

Martín Sánchez refletiu então que, enquanto não se empreendesse em grande escala a luta contra os bandidos, estes, pela comunhão de interesses que tinham entre si, sempre haveriam de se favorecer; que, enquanto ele, Martín, e outros chefes perseguidores não tivessem faculdades como as que tivera em

outro tempo o famoso Oliveros, toda perseguição havia de ser inútil, porque, submetidos os bandidos ao foro comum, haveriam de encontrar recursos, influências e dinheiro para se subtrair ao castigo.

Enquanto os povos não vissem aberta a luta sem quartel entre a autoridade e os malfeitores, não haveriam de decidir-se em favor da primeira.

Nesse conceito, pensou em dar um passo decisivo para saber com o que contar; e resolveu ir ao México para apresentar-se pessoalmente ao presidente Juárez, dar-lhe conta, com verdade, do estado em que se achava a terra quente, decidi-lo em favor da boa causa e pedir-lhe faculdades, armas e apoio.

Essa resolução tornou-se ainda mais urgente quando Martín Sánchez soube que, ao ser conduzido o Zarco com sua amante e seus companheiros para Cuernavaca, escoltado por uma força pequena e ruim, os Plateados se haviam emboscado no passo estreito e escabroso chamado Las Tetillas e, atacando a escolta, a desbarataram e libertaram os presos. Assim, pois, o Zarco havia voltado a seus antigos companheiros para semear de novo o terror com seus crimes naquela comarca.

Martín Sánchez dirigiu-se ao México e, embora não contasse com nenhum valimento nem reputação, provido apenas de algumas cartas de amigos do presidente Juárez, apresentou-se a ele tão logo pôde.

Juárez não era então o magistrado de autoridade incontestável e aceita, diante de cuja personalidade todos se inclinariam, como o foi muito mais tarde.

Naquela época, embora acabasse de triunfar na famosa Guerra da Reforma, ainda lutava com mil dificuldades, com mil adversários,

com mil perigos, dos quais somente sua energia e sua fortuna puderam tirá-lo adiante.

As forças clericais, chefiadas por Márquez, Zuloaga e outros, ainda combatiam encarniçadamente e distraíam as tropas do governo ocupadas em persegui-las.

No partido liberal surgiam, contra o presidente, rivalidades poderosas, ainda que, para dizer a verdade, elas não constituíssem o maior perigo.

O erário estava em bancarrota; e, para cúmulo de desgraças, a invasão estrangeira já havia profanado o território, e os adversários do governo liberal, isto é, a facção reacionária e clerical, uniam-se aos invasores.

Juárez, pois, achava-se nos dias de maior conflito. E já dissemos que, graças a essas circunstâncias, os bandidos se haviam assenhoreado da terra quente.

Martín Sánchez pensou encontrar no presidente um homem carrancudo e talvez predisposto contra ele; e encontrou um homem frio, impassível, mas atento.

O chefe camponês abordou-o com resolução e apresentou-lhe as cartas que levava. O presidente as leu e, fixando um olhar profundo e perscrutador em Martín Sánchez, disse-lhe:

— Escrevem-me aqui alguns amigos que o senhor é homem de bem e o mais apropriado para perseguir esses malvados que infestam o sul do Estado do México, e que o governo, por suas atenções, não pôde destruir. Informe-me o senhor acerca disso.

Martín Sánchez deu-lhe um informe detalhado, que o presidente escutou com sua calma ordinária, mas que interrompeu às vezes com sinais de indignação. Ao concluir Sánchez, Juárez exclamou:

— Isso é um escândalo, e é preciso acabar com ele! Que deseja o senhor para ajudar o governo?

Então, animado Martín Sánchez por aquelas frases do presidente, lacônicas como todas as suas, mas firmes e resolutas, disse-lhe:

— A primeira coisa de que preciso, senhor, é que o governo me dê faculdades para enforcar todos os bandidos que eu apanhar; e prometo ao senhor, sob minha palavra de honra, que não matarei senão os que o merecerem. Conheço todos os malfeitores, sei quem são e já os sentenciei, mas depois de ter deliberado muito em minha consciência. Minha consciência, senhor, é um juiz muito justo. Não se parece com esses juizes que livram os maus por dinheiro ou por medo. Eu não quero dinheiro nem tenho medo.

A segunda coisa de que preciso, senhor, é que o senhor não dê ouvidos a certas pessoas que andam por aqui advogando pelos Plateados e apresentando-os como sujeitos de mérito que prestaram serviços. Desconfie desses protetores, senhor presidente, porque recebem parte dos roubos e enriquecem com eles. Por aqui há um senhor que usa peruca loira, que toma rapé numa caixa de ouro e que recebe todos os meses um grande soldo dos bandidos.

Esse dá passaportes aos fazendeiros para que passem suas cargas de açúcar e aguardente sem novidade, pagando, naturalmente, uma forte contribuição. Esse, com o próprio dinheiro dos Plateados, procura influências e nomeia autoridades na terra quente, e liberta os presos, como libertou o Zarco outro dia, ladrão e assassino que merecia castigo exemplar.

Esse, por fim, é o verdadeiro capitão dos sequestradores, que vive dos roubos sem arriscar nada; e esse, se eu o visse por meu rumo, ainda que depois me custasse a vida, iria parar no galho de

uma árvore, amarrado pelo pescoço.

— Quem é esse sujeito? — perguntou Juárez, impaciente. Martín Sánchez estendeu-lhe algumas cartas e disse:

— Aí está o nome disfarçado; mas, pelos sinais, o senhor o reconhecerá.

— Muito bem — replicou Juárez, depois de ler as cartas e guardá-las em seguida —, não tenha cuidado por ele; já não libertará ninguém. Que mais deseja o senhor?

— Armas, nada mais, armas, porque não tenho senão umas poucas. Não preciso de muitas, porque eu as tirei dos bandidos; mas, para começar, precisarei de mais cem.

— Conte com elas. Amanhã vá ao Ministério da Guerra e terá tudo. Mas o senhor há de limpar de ladrões esse rumo para mim.

— Hei de deixá-lo em ordem, senhor.

— Muito bem, e o senhor prestará um serviço patriótico, porque hoje é necessário que o governo não se distraia, para pensar apenas na guerra estrangeira e em salvar a independência nacional.

— Confie em mim, senhor presidente.

— E muita consciência, senhor Sánchez; o senhor leva faculdades extraordinárias, mas sempre com a condição de que deve agir com justiça: a justiça antes de tudo. Só a necessidade pode obrigar-nos a usar dessas faculdades, que trazem tão grande responsabilidade, mas sei a quem as dou. Não faça com que eu me arrependa.

— Mande-me fuzilar se eu não agir com justiça — disse Martín.

Juárez levantou-se e estendeu a mão ao terrível justiceiro.

Ao ver aqueles dois homens pequenos de estatura, um diante do outro, um de fraque preto, como Juárez então costumava usar, outro de jaquetão também negro; um moreno e com o tipo de índio puro, o outro amarelento, com o tipo do mestiço e do camponês; ambos sérios, ambos graves, qualquer um que houvesse lido um pouco no futuro teria estremecido.

Era a lei da salvação pública armando a honradez com o raio da morte.

Capítulo XXV - O ataque ao amanhecer

Poucos dias depois dessa entrevista, numa manhã de dezembro, temperada e doce na terra quente como uma manhã primaveril, o povoado de Yautepec despertava alvoroçado e alegre, como para uma festa.

E, de fato, esperava uma festa; não uma festa religiosa nem pública, mas uma festa de família, uma festa íntima, da qual participava, contudo, a população inteira.

Nicolás, o honradíssimo ferreiro de Atlihuayan, casava-se com a boa e bela Pilar, a pérola do povoado por seu caráter, sua formosura e suas virtudes.

E, como sabemos, esses dois jovens eram muito amados por seus conterrâneos.

Assim, festejavam sua união com toda solenidade. Desde muito cedo, desde que a luz da aurora havia estendido no céu, limpo de nuvens, e sobre as montanhas, as hortas e o casario, seu manto perolado e suave, os repiques festivos no campanário da igreja paroquial haviam despertado os vizinhos; a música do povoado tocava alegres sonatas, e os morteiros festivos anunciavam a missa nupcial.

Nicolás era humilde e não desejara tanto ruído; mas as autoridades, o cura, os vizinhos, haviam querido demonstrar assim ao estimável operário e à sua bela esposa o amor com que os viam. A igreja, os altares e, especialmente, o altar-mor, onde se ia celebrar o casamento, estavam cheios de arcos e ramilhetes de flores. Todos os laranjais e limoeiros de Yautepec, que se contam

por centenas de milhares, haviam dado sua contribuição de flores de laranjeira.

Sem exagero, podia-se dizer que nenhuma noiva no mundo jamais contara, no caminho de sua casa à igreja, nesta e na casinha que lhe haviam preparado em Atlihuayan, com um adorno em que a flor simbólica se ostentasse com tamanha riqueza e profusão. Era uma chuva de neve e aroma que rodeava o casal por toda parte. Às sete da manhã, ele apareceu, radiante, à porta da casa de Pilar e dirigiu-se à igreja, acompanhado dos padrinhos e de um numeroso cortejo.

Já na noite anterior se havia celebrado o casamento civil, diante do juiz recém-nomeado, porque a Lei da Reforma acabava de estabelecer-se, e em Yautepec, como em todos os povoados da República, era ainda uma novidade. Nicolás, bom cidadão antes de tudo, conformara-se a ela com sincero acatamento.

Mas ainda naquele tempo, como agora mesmo, a festa de bodas era reservada para o casamento religioso. Os noivos, pois, apresentaram-se diante do altar.

Nicolás, vestido com esmero, embora sem ostentação, manifestava no semblante uma alegria sincera, um sentimento de felicidade tanto mais verdadeiro quanto se cobria de um exterior grave e doce.

Pilar estava encantadora. Sua beleza natural era agora realçada pelo traje branco e elegante, pelo penteado de cabelos negros e sedosos, adornados com a coroa nupcial, aquela coroa que ela se comprazia sempre em formar com o maior gosto, sem saber ainda, como dizia, se lhe serviria para o toucado de esposa ou para o toucado de virgem morta.

Agora via que servia para o primeiro, e que um espírito bom e protetor lhe havia sempre augurado seu feliz destino. Mal podia crer; havia em seus olhos dulcíssimos e lânguidos algo como o reflexo de uma visão celeste, que lhe dava aspecto de santa e olhar angelical.

O rubor natural causado por aquele momento e por ser ela o objeto dos olhares de todos, a timidez, o amor, aquela assistência, aquele altar cheio de círios e flores, a voz do órgão, o murmúrio das orações, o incenso que enchia a nave, tudo havia produzido nela tais e tão diversas emoções que parecia arrebatada a um mundo estranho, ao mundo dos sonhos e da ventura.

Contudo, apesar do aturdimento que a tomava, aquela boa jovem teve um pensamento para a pobre anciã a quem havia amado como a uma mãe, para a infeliz mártir cujo luto acabava de trazer e cujas bênçãos a protegiam. Uma lágrima de ternura inundou-lhe as faces ao recordá-la, e ao recordar também a desditosa Manuela, por quem rezou naquele momento em que era tão feliz.

Por fim, a missa acabou, e os noivos, depois de receberem os parabéns de seus amigos e de todo o povoado, dispuseram-se a partir para a fazenda de Atlahuayan, onde tinham sua casa e para onde haviam convidado muitas pessoas de sua estima, a fim de tomar parte num modesto festim.

Para isso, preparou-se uma cavalgada que devia servir de cortejo ao guayín em que viajavam os esposos, com o cura e outros amigos.

E, às oito da manhã, partiram, começando a caminhar pela estrada que conduz à fazenda.

Mas, pouco antes de chegar ao lugar em que se erguia o grande amate onde a coruja costumava cantar nas noites em que o Zarco passava, quando vinha a seus encontros com Manuela, o cortejo deteve-se, estupefato.

Ao pé da árvore corpulenta estava formada uma tropa de cavalaria, vestida de negro e com as armas preparadas.

Ninguém esperava ver ali aquela força, que parecia surgida da terra. Que poderia ser?

Era a tropa de Martín Sánchez Chagollán, cerca de cem homens, com o aspecto lúgubre e terrível que já conhecemos.

Ao descobrir o cortejo nupcial, alegre e acompanhado pela música, o comandante, isto é, Martín Sánchez, adiantou-se até onde vinha o guayín dos noivos e, tirando o chapéu respeitosamente, disse a Nicolás:

— Bom dia, amigo dom Nicolás. O senhor não esperava me ver por aqui, nem eu esperava ter o gosto de saudá-lo e de desejar-lhe mil felicidades, assim como à senhora, que é um anjo. Já lhe explicarei o motivo de minha presença aqui. Agora minha tropa vai apresentar armas em sinal de respeito e carinho, e rogo ao senhor que continue, sem parar, até a fazenda. Lá irei depois.

Martín Sánchez tinha tal aspecto de serenidade e franqueza que Nicolás nada suspeitou de sinistro. Contentou-se, portanto, em apertar-lhe a mão e em apresentar-lhe a esposa e as demais pessoas do guayín.

Mas, nisso, uma mulher, uma jovem em quem todos reconheceram logo Manuela, abriu passagem entre a fileira dos cavaleiros e veio correndo, arrastando-se, desgrenhada, desfigurada, tremendo, mal podendo falar; e, agarrando-se às portas do guayín, disse com a voz rouca e palavras entrecortadas:

— Nicolás! Nicolás! Pilar, irmã!... Socorro! Misericórdia! Tenham piedade de mim!... Perdão! Perdão!

Nicolás e Pilar ficaram gelados de espanto.

— Mas o que é isso?... Que tens? — gritou Pilar.

— É que... — disse Manuela — é que... agora mesmo vão fuzilá-lo... o Zarco; ali está, amarrado, coberto pelos cavalos... vão matá-lo diante de mim! Perdão! Perdão, dom Martín! Perdão, Nicolás!... Ah, vou enlouquecer!...

De fato, a fileira de cavaleiros enlutados ocultava um quadro estreito, no centro do qual, sentados numa pedra, bem amarrados, lívidos e desfalecidos, estavam o Zarco e o Tigre, próximos de serem executados. Martín Sánchez, ao ver o cortejo e prevendo que poderia ser o de Nicolás, quisera ocultar os bandidos para poupar aos noivos aquele espetáculo.

— Se eu soubesse que os senhores viriam por aqui, a esta hora, creia, dom Nicolás, teria levado estes patifes para outra parte; mas eu não sabia. O que eu sabia, e por isso o senhor me encontra aqui, é que estes malvados o esperavam com sua gente, e que o senhor escapou por pouco. Soube a tempo, andei dezesseis léguas e lhes dei um ataque ao amanhecer, aqui por perto... matei quase todos, mas venho enforcar os capitães neste caminho: o Zarco aqui; o Tigre vou enforcar em Xochimancas.

— Mas, dom Martín, eu lhe rogo, por quem o senhor é... que, se puder, perdoe esse homem, ao menos por esta pobre mulher.

— Dom Nicolás — respondeu o comandante, sombrio —, o senhor é meu senhor, o senhor manda em mim; por sua causa dou a vida, peça-a e ela é sua; mas não me peça que perdoe bandido algum, e menos estes dois... Senhor, o senhor sabe quem são... assassinos como estes e sequestradores não há em toda a terra.

Se não pagarem com uma vida!... E iam matar o senhor!... Tinham jurado! E iam roubar a senhora, sua esposa! Esse era o plano. Diga-me, então, se é possível que eu os deixe com vida! Senhor dom Nicolás, siga seu caminho com todos estes senhores, e deixe-me fazer justiça.

Pilar tremia. Quanto a Manuela, num acesso de loucura, já havia corrido para junto do Zarco, abraçara-se a ele e continuava gritando palavras incoerentes.

— Ao menos levaremos Manuela conosco — disse Pilar.

— Se os senhores quiserem, podem levá-la, mas essa moça é uma malvada; acabo de tirar dela um saco em que trazia as joias dos ingleses que mataram em Alpuyecá... joias riquíssimas! Não merece compaixão!

Ainda assim, por ordem de Martín Sánchez, um soldado procurou arrancar a jovem do lado do Zarco, a quem ela tinha abraçado estreitamente; mas foi em vão. O Zarco lhe disse:

— Não me deixe, Manuelita, não me deixe!

— Não — respondeu Manuela —, morrerei contigo!... Prefiro morrer a ver Pilar com sua coroa de flor de laranjeira ao lado de Nicolás, o índio ferreiro que deixei por ti...

— Vamos embora — disseram o cura e os demais vizinhos, apavorados. — Isto não tem remédio.

Pilar começou a soluçar amargamente; Nicolás despediu-se de Martín Sánchez.

— Senhor cura, o senhor pode ficar. Estes talvez queiram confessar-se.

— Sim, ficarei — disse o cura —, é meu dever.

E o cortejo nupcial, antes tão alegre, partiu apressadamente, como uma procissão mortuária.

Quando se perdeu ao longe, e já não restava nenhum retardatário no caminho, Martín Sánchez perguntou ao Zarco e ao Tigre se queriam confessar-se.

O Zarco disse que sim, e o cura o ouviu depressa e o absolveu; mas o Tigre disse a Martín:

— Mas eu também vou morrer, dom Martín?

— Tu também — respondeu este com terrível tranquilidade.

— Eu? — insistiu o Tigre. — Eu que lhe dei o aviso para que viesse, e que lhe indiquei os sinais do caminho que seguíamos, e que lhe avisei que eu traria um lenço vermelho no chapéu para que me distinguisse?

— Nada tenho a ver com isso — respondeu Martín. — Eu nada te prometi; pior para ti, se foste traidor aos teus. Vamos, rapazes, fuzilem o Zarco e depois o enforcem naquele galho... vendem-no primeiro...

O Zarco mal podia manter-se de pé; o terror o havia abatido. Contudo, ergueu o rosto e, vendo o galho de que os soldados já penduravam uma reata, murmurou:

— O galho em que cantava a coruja!... Bem que eu dizia!... Adeus, Manuelita!

Manuela cobriu o rosto com as mãos. Os soldados encostaram o Zarco ao tronco e dispararam contra ele cinco tiros, e o tiro de misericórdia. A roupa fumegou um pouco, o corpo do Zarco rolou pelo chão com ligeiras convulsões. Depois foi enforcado no galho e ficou ali balançando. Manuela pareceu despertar de um sonho. Levantou-se e, sem ver o cadáver de seu amante, que estava

suspenso, começou a gritar como se ainda tivesse diante de si o guayín dos noivos:

— Sim, fica com essa coroa, Pilar; tu queres casar-te com o índio ferreiro; mas eu é que tenho a coroa de rosas... eu não quero me casar, quero ser a querida do Zarco, um ladrão!...

Nisso ergueu a cabeça; viu o corpo suspenso... depois contemplou os soldados, que a olhavam com pena; em seguida, dom Martín; depois, o Tigre, inclinado e mudo; e então levou as mãos ao coração, soltou um grito agudo e caiu ao chão.

— Pobre mulher — disse dom Martín —, enlouqueceu! Levantem-na e a levaremos a Yautepec.

Dois soldados foram levantá-la; mas, vendo que lançava sangue pela boca, que estava rígida e que ia esfriando, disseram ao chefe:

— Dom Martín, ela já está morta!

— Pois que seja enterrada — disse Martín com ar sombrio —, e vamos concluir a tarefa.

E desfilou a terrível tropa lúgubre.